

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**A OPÇÃO PELOS FARRAPOS HUMANOS DA METRÓPOLE: um
estudo sobre a Boca do Lixo (1950-1960)**

EVERTON BEHRMANN ARAÚJO

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A OPÇÃO PELOS FARRAPOS HUMANOS DA METRÓPOLE: um
estudo sobre a Boca do Lixo (1950-1960)**

EVERTON BEHRMANN ARAÚJO

Sob a orientação do Professor

Dr. José Costa D' Assunção Barros

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós- Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

Seropédica,
RJ
Dezembro
de 2015

UFRRJ / Biblioteca Central / Divisão de Processamentos Técnicos

981.61

A663o

T

Araújo, Everton Behrmann, 1983-

A opção pelos farrapos humanos da metrópole: um estudo sobre a Boca do Lixo (1950-1960) / Everton Behrmann Araújo. - 2015.

102 f.

Orientador: José Costa D'Assunção Barros.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História, 2015.

Bibliografia: f. 101-102.

1. São Paulo (SP) - Condições sociais - Teses. 2. Marginalizados - São Paulo (SP) - Teses. 3. Imprensa - São Paulo (SP) - Teses. 4. Subjetividade - Teses. I. Barros, José Costa D' Assunção, 1967- II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em História. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO

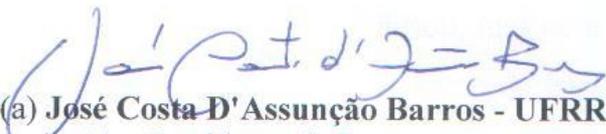
*A opção pelos farrapos humanos da metrópole: um estudo sobre a Boca do Lixo
(1953-1960)*

EVERTON BEHRMANN ARAÚJO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/12/2015

Banca Examinadora:


Professor(a) Doutor(a) **José Costa D'Assunção Barros - UFRRJ**
Orientador(a) e Presidente da Banca


Professor(a) Doutor(a) **Felipe Santos Magalhães - UFRRJ**


Professor(a) Doutor(a) **Antonio Paulo Benatte – UEPG**

AGRADECIMENTOS

Essa pode ser considerada a parte mais inútil de um trabalho acadêmico. No sentido de que não acrescenta nada ao conteúdo da pesquisa. Apesar de o trabalho de escrita, a primeira vista, ser um trabalho solitário, ou seja, exige-se do escritor um certo isolamento ascético e uma concentração/disciplina de monge (ok, eu não tenho tanto assim), posso dizer que estas linhas seriam impossível sem ajuda, afeto e compreensão de diversas pessoas.

A amizade, que seria de mim sem ela. Sem esse tipo de afeto sincero e descompromissado que a caracteriza, as coisas seriam bem mais difíceis. E sou muito agradecido pelas amigas e amigos que tenho, sintam-se todos abraçados.

Porém, alguns acompanharam mais de perto o desenrolar de todo o processo. Ao desembarcar na baixada fluminense para iniciar as aulas do mestrado, sem saber direito o que esperar e o que me esperava, ainda meio confuso sobre ficar ou não, tive o prazer de conhecer pessoas extraordinárias, com as quais estabeleci laços de amizade e de trocas intelectuais, de inquietações, temores, e etc. Isso foi fundamental para oferecer o acalento e a segurança necessários para viver e sobreviver em terras estranhas, longe de casa.

Agradeço a amizade e a acolhida das cariocas Natally Menini e Barbára Winther. Sem vocês os longos percursos entre Seropédica e Nova Iguaçu no calor escaldante da baixada não seria tão divertido. Empatia a primeira vista é algo difícil, mas com vocês foi assim, bati o olho, simpatizei, e em poucos dias estamos dividindo a mesa do bar, as festas de rock, os churrascos improvisados e as andanças pela baixada, tudo claro, regado a muita risada e conversa fiada. Vou levar para sempre.

No alojamento da universidade, tive o prazer de conviver com pessoas maravilhosas. Inclusive, tive a sorte e o privilégio de conviver com pessoas do meu Estado, a Bahia. A Antonio Hertes agradeço pelos momentos em que dividimos nossas inquietações, principalmente nossas conversas sobre a saudade da Bahia, da comida, do dendê. Gideão, amigo veterinário, coração grandioso, voz mansa, típica dos baianos do baixo sul, foi outro com o qual dividi as inquietações e a saudade de casa. Falta alguém do alojamento? Sim, Blilly, cachorro esperto e malandro que tornava os dias mais alegres e divertidos, sujeito sonso e carinhoso. Saudade!

Do outro lado da rua, no alojamento feminino, agradeço especialmente à mineira mais meiga e ao mesmo tempo a mais valente (“calunduzeira” como dizem aqui na Bahia) que já conheci, Sarah Cristina, amiga, parceira, conversar com ela é risada garantida.

Minha querida amiga Ayalla, pra você fico sem palavras. Baiana que conheci no mestrado, sem sua amizade talvez fosse improvável ter resistido aos dias mais *punks* de Serotexas. Quando a coisa apertava, sabia que era só atravessar o corredor e tocar a campainha para ter a disposição sua atenção. De colega de turma, se tornou amiga-irmã. Claro, não me esqueço de nossas perambulações e aventuras pelas ruas do Rio, de Niterói, buzu lotado, engarrafamento, mas também muita diversão. Seja no galetto com arroz e brócolis da praça XV, no *crossisant* da Uruguaiana, no samba do Beco Rato ou nos engarrafamentos infernais da Av. Brasil, ter tido sua companhia durante esse processo foi um prazer, e uma honra.

Aos amigos que conquistei ao longo da vida. Em especial a Rodrigo Araújo pelas leituras e sugestões. Gislene Almeida, pelas leituras sempre atentas e dicas inteligentes. Nani Coimbra e Malu, queridas!

Ao programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ por ter acreditado e aceitado meu projeto de pesquisa.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ, pela presteza e atenção dedicada.

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de São Paulo, pela forma sempre atenciosa, prestativa e eficiente com a qual fui atendido sempre que precisei ir ao arquivo. Em especial à querida Luciana, que além de ter me atendido sempre com eficiência, virou amiga e companhia nos almoços ao lado da Rodoviária do Tietê e na Galinhada do Bahia, além, é claro, do memorável clássico Juventus X Portuguesa, que vi em sua companhia. Inesquecível.

Aos meus colegas de trabalho, Simoa, Joana, Elcie, Silvia, Rosa, Luciano, Zé Raimundo, por sempre me incentivarem e por terem compreendido minhas faltas, ausências e lapsos durante os momentos mais apertados da elaboração da dissertação. Sou grato!

A todos os Professores do Programa, em especial Dr. Marcelo Santiago Berriel, Dr^a Maria da Glória Oliveira, Dr^a Rebeca Gontijo, Dr. Luis Edmundo Moraes. Conviver e aprender com vocês foi um prazer e uma honra.

Um parêntese especial para o Professor Dr. Fábio Henrique Lopes, com quem pude aprender bastante durante sua disciplina e pelas considerações valiosas durante meu exame de qualificação.

Aos professores da Banca. Dr. Felipe Santos Magalhães, por ter aceitado de imediato fazer parte da arguição. E ao professor Dr. Antonio Paulo Benatte, pelas considerações precisas e atenciosas feitas no exame de qualificação, e por ter acreditado neste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Dr. José Costa D'assunção Barros, por ter conduzido a orientação de forma generosa e criativa.

À minha família, pelo carinho, amor, dedicação. ao meu Pai, pelos conselhos e pelo amor. Em especial, a minha mãe Adeulivia Behrmann, por ter sempre acreditado, incentivado e ajudado, te amo!

Aos meus queridos irmãos, Isaac (da parte de mãe), Oscar e o mais novo e pequeno Isaac (da parte de pai). Todo carinho do mundo!!

Por fim, a Livia Angeli, pela atenção, compreensão, incentivo, ajuda, carinho, amor. E por sempre ter me incentivado, mesmo nos momentos mais tensos, sobretudo, nas inúmeras vezes em que pensei em desistir. Sem palavras. Como disse João Antônio: Sem amor não seria capaz nem de atravessar a rua.

Cidade arqueológica, construída em camadas de memória. O que é recente se deteriora antes de envelhecer, o novo se ergue sobre o que é devastado sem deixar rastros. São Paulo, heracliteana, einsteiniana, mudança incessante de sua aparência, de sua essência, de referências.

Olgária Matos, Neon Aflito.

ARAÚJO Everton Behrmann **OS FARRAPOS HUMANOS DA METRÓPOLE: Um estudo sobre a Boca do Lixo (1950-1960)** Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica-RJ, 2015

RESUMO: Este trabalho busca analisar as construções discursivas na imprensa sobre relações de poder e sociabilidades desenvolvidas no espaço urbano da cidade de São Paulo entre 1950 – 1960, mais especificamente a “Boca do Lixo”, lugar que ficou conhecido a partir dos anos 1950 por abrigar uma variedade de *marginalizados*, onde foram estabelecidas formas de organização e códigos de conduta que insultavam a moral vigente. Nosso trabalho, partindo da concepção acerca do discurso de Michel Foucault, busca atentar para o ato da imprensa em silenciar as vozes de moradores e praticantes da Boca do Lixo, contrapondo as construções discursivas da imprensa sobre o local com as memórias de moradores, e em particular, com a de Hiroito de Moraes Joanides, malandro que viveu no local e que escreve em 1973 uma autobiografia rica em detalhes sobre a região. Esse relato será pensado enquanto uma outra forma de contar a história do local, uma versão “a contrapelo” sobre os acontecimentos e o cotidiano da Boca do Lixo

Palavras chave: Boca do Lixo, Progresso, Discurso, Marginais, Poder, Subjetividades.

Abstract: This paper has as its objective, analyze of the discursive constructions over the press about the power and sociable relations developed in the urban space inside the city of São Paulo between the 1950's and 60's specifically at "Boca do Lixo" a place that is known starting in the 1950's for dwelling a variety of *marginalized people*, where it has been established new forms of organizations and a code of conduct (manner) that insulted the moral of its time. Our work, starting from the concept over Michel Foucault's speech, seeks the attempting toward the press act on silencing the voices of the people that lived on and used the spaces of "Boca do Lixo", counter parting the discursive constructions of the press about the memories of those residents, particularly, Hiroito de Moraes Joanides' one, a *maladrando* (kind of trickster or bohemian) that has lived at this region and writes in 1973 a self-biography, rich in details about that very region. This relate will be thought as a different form of telling about a local History, a version "against the grain" about the happenings and the daily lives at "Boca do Lixo"

Keywords: Boca do Lixo , Progress , Speech, Marginal , Power, Subjectivity .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO. I A CIDADE, O PROGRESSO E SEUS REFUGOS...	18
1.1 Imagens do IV Centenário: progresso e ufanismo....	23
1.2 A Boca do Lixo: contra mão do progresso paulistano	26
CAPÍTULO II CRUZADA CONTRA A BOCA DO LIXO: SABERES E DISCURSOS NA IMPRENSA	38
2.1 Um Faroeste sobre o terceiro mundo ou toda notícia que couber a gente publica	44
CAPÍTULO. III ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E TÁTICAS DE RESISTÊNCIA: AS TENSÕES COTIDIANAS COM A POLÍCIA E A IMPRENSA	61
3.1 A Boca do Lixo enquanto um contraespaço: uma cidade dentro de outra	64
3.2 Crônicas do sub-solo ou a vida aos rés do chão: um passeio pelo cotidiano da Boca do Lixo através da narrativa marginal e da crônica policial	73
3.3 A nova geografia do submundo	77
3.4 Frequentadores, praticantes e a divisão do trabalho na Boca do Lixo.	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	99
FONTES	101
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

Aqui temos um homem – ele tem de recolher o capital do lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o carfanaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis.

Charles Baudelaire

É com essa descrição acima, retirada de um poema em prosa de Baudelaire, que Walter Benjamin¹ introduz o que para ele seria a imagem do historiador crítico em oposição à do aristocrata de gabinete. Essa alegoria benjaminiana sobre a tarefa do historiador o coloca mais próximo do trabalho do catador — reunir, separar e resignificar o lixo e os dejetos descartados pelo progresso — que do erudito imerso nos arquivos oficiais preocupado em narrar a história dos grandes vultos.

A inquietação inicial que me despertou o interesse por pesquisar a Boca do Lixo nasceu de semelhante curiosidade. Isso se deu antes da graduação, durante minhas perambulações pelo centro velho de São Paulo na minha adolescência. Ao andar por aquelas ruas com muitos prédios históricos, com aspecto de abandonados, mas que deixava a impressão de que um dia aqueles edifícios foram cenários de pompa e glamour. Nas minhas caminhadas observava os diversos tipos que circulavam pelo centro, seus costumes, inquietações e formas de se relacionar com o mundo e sempre me questionava sobre quando começou a degradação daquele espaço, se ele sempre foi permeado por aquele tipo de sociabilidade, ou se os tipos que transitavam por aquele espaço eram dignos de fazer parte de um relato sobre a história da cidade. Isso, inicialmente, sem nenhuma questão teórica, apenas curiosidade adolescente.

Algum tempo depois, já de volta à minha terra natal, a Bahia, durante a graduação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ansioso por encontrar um tema para desenvolver minha monografia, fui apresentado por um professor ao livro *Charles Baudelaire: um lírico no auge do Capitalismo*, de Walter Benjamin; o capítulo sobre a “boêmia” e sobre o “flanêur” me fizeram lembrar as inquietações da adolescência e desenvolvi a monografia com o tema “A Boca do Lixo: contra mão do progresso paulistano”, onde pesquisei a construção de

¹ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v.3).

memórias dos praticantes da Boca do Lixo em oposição aos discursos que exaltavam o progresso e a prosperidade da cidade de São Paulo encontrados em alguns livros didáticos.

O trabalho se transformou em projeto de pesquisa de mestrado que submeti ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) no final de 2012, tendo sido aprovado e ingressado no referido programa sob a orientação atenciosa e criativa do professor Dr. José D’assunção Barros, que me tem conduzido de forma segura, lúcida e generosa no processo de construção do presente trabalho. O título da dissertação é *Os farrapos humanos da metrópole: um estudo sobre a Boca do Lixo (1950-1960)*’.

Esse recorte temporal entre as décadas de 1950 e 60 foi escolhido por conta de alguns fatores sobre a cidade de São Paulo e sobre sua região central. Primeiro, marca o período em que a já “grande metrópole”, maior cidade do país, se preparava para comemorar o IV Centenário de sua fundação. Assim, em 1951 é criada uma Comissão para planejar e elaborar os festejos, bem como, para difundir a imagem da “terra de progresso”, “povo bandeirante”, “locomotiva do país”, criando assim um clima ufanista e um relato monumental — principalmente na imprensa — sobre a história e os símbolos da cidade. Logo em seguida, em 1953, o então governador Lucas Garcez expede decreto em que fechava definitivamente a Zona do Meretrício, que era legalizada e tolerada, ficando concentrada nas ruas Itaboca e Aimóres no bairro do Bom Retiro.

O fechamento da zona tolerada, ao invés de ter tido o resultado esperado: limpar do centro da cidade aquelas práticas consideradas sujas e que, entre outros fatores, comprometiam a imagem que tentava se criar para as comemorações do IV Centenário, acabou por espalhar a prostituição e todas as práticas e atividades que atuavam em seu entorno (jogo, cafetinagem, malandragem, punguismo.) por toda a região central, formando entre as avenidas São João e Rio Branco, e entre as ruas transversais a essas avenidas, uma espécie de quadrado onde se exerciam o *trottoir*, a boêmia, o jogo. Por isso, em pouco tempo a imprensa começou a chamar o local de “Quadrilátero do Pecado” e depois de “Boca do Lixo”. A partir de 1954 até final da década de 1960, a Boca do Lixo se configura como uma cidade heterogênea dentro da capital bandeirante, com seus códigos morais e economia própria. Personagem de extrema importância nesse cenário, Hiroito de Moraes Joanides, malandro que viveu na e da Boca do Lixo, e que no final da década de 1960 escreve um livro autobiográfico sobre sua experiência, nos oferece uma precisa descrição sobre o que se tornaria a região próxima onde antes ficava confinada a zona:

A Boca se tornara, senão uma cidade dentro da cidade, uma colônia numerosa e próspera, com vida própria, sua lojas, bares, restaurantes, cinemas, dentistas, farmácias, barbearias e salões de beleza que atendiam e serviam quase que exclusivamente a classe dos desajustados sociais, existindo nada mais que em função destes; com seus usos, costumes, modas e valores subjetivos peculiares, endêmicos.²

Esse período se encerra com novas ações de repressão do aparelho policial durante toda a década de 1960. Se com a nova ofensiva contra as práticas desenvolvidas na Boca, o governo de São Paulo conseguiu por fim as atividades ilícitas de malandros, prostitutas e viradores, isso é outra conversa. Interessa-nos neste texto, observar esse movimento entre a extinção da Zona Confinada e o surgimento da Boca do Lixo. Para ser mais específico, a construção discursiva sobre esse local, suas práticas e seus praticantes feita pela imprensa da época e em especial pela reportagem policial.

A documentação reunida para esta pesquisa é constituída de reportagens colhidas na imprensa policial da época, em diversos veículos. Tendo predominância o jornal *Diário da Noite*, essa predominância é justificada por alguns fatores, como por exemplo, ter sido o jornal popular de maior circulação na capital paulista entre as décadas de 1950-60.³ O jornal foi criado pelo empresário Assis Chateaubriand em 1925 e fazia parte de seu conglomerado midiático. Nos anos 1950 atingiu a impressionante tiragem de 70 mil exemplares diários. Para a historiadora Mariza Romero, o jornal exercerá papel importante no que ela chama de “formação de opinião” e “criação de consenso”, tendo como sua matéria prima as questões que atingem o homem comum e seu cotidiano, e seu objetivo era “instituir uma imagem do real para o consumo diário, contribuindo para modelar opiniões, comportamentos, identidades, lazer.”⁴

Com o retorno de Getúlio Vargas ao governo, em 1951, dessa vez pelo voto direto, era forte o apelo a um clima nacionalista e popular, fazendo com que se alimentasse nos setores mais pobres da população certa esperança de ascensão social, fazendo com que se aumentasse a pressão por aumento de emprego, melhores condições de trabalho, salário, participação nos

²JOANIDES. Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Labortexto, 2003. P. 102.

³Também foram utilizadas reportagens de outros veículos. Porém, apenas em situações pontuais, onde esclareciam determinados aspectos da pesquisa. Segue relação de periódicos utilizados: *A Capital* (1962), *A Platéia* (1943), *Jornal da Semana* (1954), *Revista Realidade* (1963), *O Estado de São Paulo* (1953 – 1958). No momento oportuno, de sua utilização, problematizaremos sobre a escolha da fonte.

⁴ROMERO. Mariza. **Inúteis e perigosos no diário da noite**: São Paulo (1950-1960). São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011. p.25.

espaços de decisões. Ao mesmo tempo, a elite econômica e política via com apreensão esses movimentos populares, portanto “esse movimento obriga a um empenho intenso dos poderes constituídos no sentido de intervir no universo simbólico relativo às camadas populares e no controle de suas práticas.⁵” Nesse diapasão, o material oriundo do jornalismo popular e da reportagem policial será tomado enquanto produto da “cultura de massa” no sentido que lhe atribui Felix Guattari; a cultura de massa tem por função “produzir subjetividades”, ou seja, produzir indivíduos “normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistema de valores, sistemas de submissão”.⁶

No entanto, ao se propor construir uma narrativa histórica sobre grupos marginalizados em uma grande metrópole, não se pode ficar preso a essas construções discursivas oriundas do “centro”. A imprensa, em geral, cumpre um papel positivo na economia simbólica das elites políticas, portanto, é um relato oficial sobre o período, local e sociabilidades pesquisadas. Se nos restringíssemos a isso, estaríamos talvez a legitimar uma história justificadora do poder instituído. Portanto, é prudente lembrar que o acesso que o historiador tem aos marginais nunca é direto, sempre será direcionado, mediado por diversos filtros e mecanismo de produção discursiva, desde o policial que escreve os boletins de ocorrência até o jornalista policial que escreve na imprensa tendo como base esses boletins...

Nesse sentido, o uso da literatura enquanto fonte de pesquisa possibilita ao historiador ter acesso a determinadas nuances do cotidiano que as fontes mais convencionais, oficiais, talvez não permitam. Se as produções discursivas estão perpassadas por mecanismos de rarefação, hierarquias e enquadramentos que limitam sua produção, vinculando seu sentido às estruturas socioculturais das quais são emanados,⁷ na literatura é onde esses limites podem ser questionados, ou subvertidos. Portanto, “Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de terminada estrutura social.”⁸ A partir da análise da literatura enquanto fonte, pode-se pensar a história dos desejos não realizados, dos possíveis interditados, dos homens vencidos pelos fatos. Essa narração historiográfica “teria, por consequência, de se vincular aos agrupamentos humanos que ficaram marginais ao sucesso dos fatos”.⁹

⁵Ibidem. p.22.

⁶GUATARRI. Felix. ROLNIK. Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RR: Vozes, 2013. p.22.

⁷FOUCAULT apud SEVCENKO. Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.28.

⁸Ibidem. p.28.

⁹Ibidem. p. 29.

O uso desse tipo de fonte permite, portanto, que se olhe de forma mais “desarmada” para esse cotidiano marginal que esta pesquisa se propõe analisar. Para tal empreendimento, será utilizada a obra do escritor João Antônio, utilizaremos alguns de seus contos reportagens, são eles: *Abraçado ao meu rancor*¹⁰, *Leão de Chácara*¹¹ e *Paulinho Perna Torta*.¹²

De origem operária, boêmio e frequentador assíduo da Zona do Meretrício e posteriormente da Boca do Lixo, a obra de João Antônio se caracteriza por narrar o cotidiano das ruas, seus personagens fazem parte da escória social, são no geral prostitutas, malandros, engraxates, guardadores de carros, jogadores de sinuca, boêmios, e toda a sorte de personagens que vivem e constroem seu cotidiano por fora dos valores, das normas e dos padrões estabelecidos. Sua capacidade de descrever e narrar o cotidiano dos marginalizados da urbe é algo que impressiona. O historiador Tony Hara o descreveu como um “Coração Rueiro”; em um livro onde fez uma antologia de passagens de João Antônio, Hara faz a seguinte descrição sobre sua literatura e sobre sua paixão pelas ruas:

Mas a sua relação com a cidade, com as ruas e a gente da cidade, é diferente demais. É visceral; é da ordem das entranhas. Não se trata de tornar legível a escrita da cidade, seus textos e códigos labirínticos. É como se a cidade atravessasse o seu corpo e moldasse o seu mundo subjetivo, seu jeito de ser, pensar e agir.¹³

Nesse sentido, surge como fonte de pesquisa a obra *Estórias da boca do lixo*¹⁴, do escritor, repórter policial e ex-delegado de polícia Ramão Gomes Portão. Essa obra, escrita em formato de pequenos contos sobre o cotidiano da Boca do Lixo, é uma mistura de ficção, memória e reportagem sobre os tipos, o cotidiano e a economia do “Quadrilátero do Pecado”. Ramão tinha experiência, começou na Boca como delegado de polícia, mas sempre teve uma verve para a escrita, e em pouco tempo começou a se aventurar pela reportagem policial; nessa área começou no *Diário da Noite*, tendo como auge de sua carreira no jornalismo o cargo de Editor de Polícia do famoso jornal *Notícias Populares*, tendo elaborado uma famosa frase sobre a relação jornalismo popular x público alvo, diz: “precisamos captar o desejo do homem da rua. E disto não tenham dúvida, ele quer sangue e mulher, crime e sexo.”¹⁵ Porém, para além de suas atividades enquanto delegado e depois repórter policial, Ramão também era

¹⁰ ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2003.

¹¹ Idem. *Leão de chácara*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

¹² Idem. *Paulinho Perna Torta*. In: *Leão de Chácara*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

¹³ HARA, Tony. *Coração rueiro: João Antônio e as cidades*. Londrina: Kan, 2013. p.17.

¹⁴ PORTÃO, Ramão Gomes. *Estórias da boca do lixo*. São Paulo: Expressão do Livro, s.d. p.15.

¹⁵ PORTÃO, Ramão Gomes apud ROMERO, Mariza. *op.cit.*p.174.

um assíduo boêmio e frequentador da Boca do Lixo, sendo amigo pessoal de vários malandros e prostitutas. Portanto, no seu relato literário pode se perceber outro tipo de relato sobre o cotidiano, não mais perpassado pelo olhar normatizado pelos manuais de redação dos jornais, que em geral reproduziam o olhar policialesco sobre a cidade e seus lugares.

Por fim, recorreremos à autobiografia de Hiroito de Moraes Joanides, malandro que ganhou notoriedade nas páginas policiais por conta de sua atuação na Boca do Lixo. Personagem singular naquele ambiente, Hiroito era oriundo da classe média, dotado de uma capacidade literária ímpar, com uma capacidade analítica de fazer corar qualquer acadêmico. Iniciou seus passeios pela então zona do meretrício na condição de estudante e boêmio. Tempos depois, acabou entrando para a vida do crime e se constituindo enquanto um dos principais personagens do submundo da Boca. Sobre sua autobiografia reservamos um capítulo especial.

No primeiro capítulo da presente dissertação, analisaremos o contexto histórico de São Paulo no período em que a Boca do Lixo tornou-se sede das sociabilidades marginais na metrópole paulista. O intuito aqui é delimitar e historicizar as questões simbólicas que circulavam no período demarcado pelo recorte temporal estudado. Interessa-nos também, observar e analisar as transformações físicas e arquitetônicas pelas quais a cidade vinha passando. Desse modo, o capítulo funcionará como uma antessala dos debates feitos nos demais capítulos.

No primeiro tópico do capítulo, empenharemos esforços na análise do período em que a cidade se preparava para as comemorações do IV Centenário, festejo que mobilizou todo o aparato estatal: governos estadual, municipal e federal, com apoio e colaboração de setores da cultura e propaganda, imprensa escrita e radiofônica, com o intuito de fazer intervenções urbanas para adequar a cidade a um conceito de modernidade e progresso, como também para tentar reforçar no imaginário cultural o ufanismo paulistano, que via a cidade como *terra bandeirante, locomotiva do país, cidade que não dorme*.

A categoria de análise utilizada para observar essa construção simbólica sobre a cidade de São Paulo foi retirada da obra do filósofo Walter Benjamin em sua crítica já bastante conhecida à noção de “progresso”, desenvolvida, principalmente nas suas “Teses sobre o conceito de História”¹⁶. Para ele, a tarefa do historiador comprometido com uma história

¹⁶ BENJAMIN, WALTER. **Teses sobre o conceito de história**. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989.

crítica é pensar os acontecimentos “a contrapelo”, e será nesse sentido que desenvolveremos no tópico seguinte, a análise de parte do universo simbólico da cidade.

No segundo capítulo, busca-se entender como a imprensa da época, em parceria com outras intuições e saberes, utilizou-se de mecanismos discursivos para delimitar um determinado espaço da cidade e o estigmatizar enquanto local de *sociabilidade marginal*. Nesse sentido, analisamos como se deu a distribuição dos mais diversos discursos nas páginas do jornal, como esses se articulavam com as instituições do Estado e da sociedade paulistana para retratar, estereotipar, o cotidiano da Boca do Lixo. Ao mesmo tempo, fizemos uma análise da reportagem policial, dos seus artifícios linguísticos e da sua forma de operação enquanto porta voz de demandas de setores da sociedade e do aparelho policial.

A proposta é fazer uma leitura dos jornais pesquisados com a intenção de problematizar os diversos discursos engendrados sobre a Boca do Lixo que circulavam nas suas páginas. Atentando para a questão de o jornal ser um tipo de fonte em que encontramos vários discursos e de vários locais de fala, tentaremos mostrar como essa teia discursiva buscou classificar, estigmatizar e estereotipar os praticantes e moradores da Boca do Lixo, usando o jornal como plataforma discursiva, bem como sustentando sua produção de sentido nos mais diversos saberes.

Os *fait divers*, ou fatos diversos (numa tradução literal), é um tipo de notícia que começou a circular no Brasil no final do Século XIX. São pequenos textos que tratam de diversos crimes e delitos. Neste tópico, analisaremos como esse tipo de narrativa jornalística atua dentro das páginas dos jornais e como, apesar de serem curtos, podem nos oferecer uma dimensão acerca de valores e saberes que circulavam em determinada época. Faremos a análise desse tipo de fonte no sentido de mostrar como ela serviu para veicular cobranças dos diversos setores e instituições da sociedade paulistana no período estudado, e como esses textos agiram no sentido de construir uma imagem de mão única a respeito do nosso objeto de pesquisa. Também abordaremos o filme *Bandido da Luz Vermelha* de Rogério Sganzerla, cujo roteiro e linguagem basearam-se em recortes dos *fait divers*; por isso, empreenderemos a interpretação de partes do filme a partir do mesmo referencial teórico utilizado para problematizar a linguagem da reportagem policial.

No terceiro e último capítulo faremos uma análise da autobiografia de Hiroito de Moraes Joanides¹⁷, sujeito que viveu na Boca do Lixo e era enquadrado na categoria de “malandro”. Ele foi personagem diário das páginas da reportagem policial ficando conhecido

¹⁷ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. Ed. Labortexto, São Paulo, 2003.

através dela como “o rei da Boca”. Como observa o filósofo francês Michel Onfray, na história é constante o aparecimento de figuras rebeldes e singulares. “À maneira impressionista, ela registra, aqui e ali, as pontas às margens de sua época que, por suas situações limites, dão temperamento a seu tempo”. Dessa forma, pensaremos o aparecimento de Hiroito, como um “esteta da existência” que viveu e se confrontou com seu tempo e se debateu dentro dos limites impostos por uma série de discursos que o tentavam enquadrar como “monstro”, “anormal”, bandido impiedoso e patológico, e que escreveu seu relato autobiográfico como forma de resistir e confrontar essa imagem que fizeram dele e de seu entorno.

A cidade, o progresso e seus refugos

No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o sumido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opóbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas — as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!¹⁸

A citação acima é do escritor Olavo Bilac, se refere ao período em que o Rio de Janeiro passava por reformas urbanas que visavam adequar a então capital da iniciante República ao ideal de modernidade e beleza importados da *belle époque* francesa. A citação se refere à construção da Avenida Rio Branco durante a gestão do prefeito Pereira Passos em 1904. Para o historiador Nicolau Sevcenko, o grupo que emerge ao poder no início do período republicano começa a sentir a necessidade de erguer seus primeiros monumentos com o intuito de simbolizar seus triunfos e ideais, sendo a Rio Branco um dos seus primeiros monumentos. No momento de sua construção foram postos abaixo vários edifícios antigos, que serviam de moradias para diversas camadas das classes populares, os famosos cortiços. Com isso, não só essas construções e moradias foram removidas, mas também toda uma série de práticas e costumes ligados à cultura popular. Esse movimento fica claro no fragmento de Bilac, em sua louvação ao “progresso” que se iniciava com as demolições, o autor saúda o cantar alegre das picaretas que derrubavam um passado sujo e sombrio e que celebravam “a vitória da higiene e do bom gosto”, ao mesmo tempo em que apontava para um futuro limpo e esteticamente glamouroso.¹⁹ Essas ações e intervenções no espaço urbano foram sustentadas discursivamente a partir das novas formas de usos e consumo importados da França; essa

¹⁸ Olavo Bilac. apud SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.44.

¹⁹ Ibidem. p.43.

nova imagem do progresso está diretamente vinculada ao conceito europeu de civilização e pressupõe algumas variáveis, tais como a moda, os cafés, os folhetins, o teatro e todo um novo ideal de vida. Segundo Sevcenko, eram quatro os princípios que norteavam essa nova sensibilidade do cotidiano:

...a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense²⁰.

Entrava em cena novos operadores sociais, que atribuíam outros significantes para se pensar o espaço público; o ideal positivista de ordem e progresso transformaria as repartições públicas do Estado brasileiro, trazendo no seu bojo uma modernização burocrática das instituições. Nas palavras da Julia O'dnnell “a nova conjuntura política invadia o universo do formalismo e da abstração burocrática”.²¹ Inicia-se um processo de intervenções urbanas que vai além da capital federal, baseado no louvor ao desenvolvimento industrial, técnico, científico e cultural. Essa nova sensibilidade se espalha por todo o país e com São Paulo não foi diferente, como veremos a partir de então.

Corte no tempo, em 1927, o escritor modernista Sérgio Milliet escreve um poema chamado “São Paulo”. Na letra ele trata de forma coloquial e poética o cotidiano da cidade, misturando referências que vão das condições climáticas ao futebol de várzea, bem como, faz alusão aos aspectos econômicos e à infraestrutura urbana, é um misto de reverência simbólica a imagem bucólica da cidade enquanto “terra da garoa” e a outra imagem que estava começando a surgir da São Paulo “Locomotiva do Brasil”. Diz a letra: “Canto a cidade das neblinas e dos viadutos. São Paulo minha cidade amante de futebol e vendedora de café... da especulação sobre terrenos, da politicagem e dos politiqueiros. E a negra do pó de arroz e até os bondes da Light”²²

A historiadora Maria Izilda Matos diz que a história da cidade de São Paulo pode ser demarcada a partir de quatro períodos. São eles: “a fundação da vila (1554); a cidade do café (1870); a Metrópole Industrial (1920) e a Megalópole (2000)”. A chegada das sensibilidades

²⁰ Ibidem. p.43.

²¹ O'DNELL. Julia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

²² Sérgio Milliet apud. MATOS, Maria Izilda dos Santos. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa – Bauru: Edusc, 2007. p.44.

da *belle époque* e do seu ideal de progresso, segundo Maria Izilda, se deu na transição entre as fases da “cidade do café” para a “metrópole industrial”. O advento da estrada Santos-Jundiaí, construída para conectar a cidade com o Porto de Santos, os trilhos facilitaram não só o envio e chegada de café, mas “também traziam de várias partes do mundo, particularmente da Europa, toda uma gama de produtos e influências, gerando e dinamizando um vetor modernizador sobre a cidade”²³

Surgiram os primeiros bairros planejados, dentre os quais podemos destacar o Campos Elíseos, construído para servir de moradia aos fazendeiros de café, situado estrategicamente próximo às estações de trem. É dessa época também a construção do famoso bairro dos Jardins, loteado e construído pela *Companhia City*²⁴. Nessa área foram construídas réplicas de palacetes europeus e a partir da construção desse bairro, não paravam de surgir novos loteamentos, a alta sociedade paulistana foi adotando novas maneiras de morar e viver, baseadas nas noções de *civilização, luxo e elegância*.²⁵

O desenvolvimento industrial e as modernas intervenções no cenário urbano da cidade, principalmente no centro, interferiram diretamente no cotidiano, mudando fortemente a percepção social e cultural do tempo. Os ritmos e fluxos da cidade tinham sofrido impacto direto das conquistas tecnológicas. Surgiam meios de transporte mais velozes, a expansão da iluminação noturna e a tecnologia começaram a serem usadas como forma de lazer:

Nas novas avenidas da cidade, recém iluminada pela *Ligth and Power*, no lugar dos antigos carros de parelha, tálburis e bonde a burro, eram encontrados os bondes elétricos circulando juntamente com os primeiros automóveis; os motores movimentavam as fábricas; máquinas fotográficas registravam o processo; também despontava o cinema reproduzindo na tela a vida em contínuo movimento. Os ritmos e fluxos da cidade se alteravam, as ditas conquistas tecnológicas acenavam que o mundo nunca mais seria o mesmo.²⁶

O espantoso salto demográfico pelo qual a cidade passou assombra quase todos os historiadores que produziram pesquisas sobre a cidade nesse intervalo entre a cidade do café

²³ Ibidem. p. 45.

²⁴ A empresa City of São Paulo Improvements and Freehold Land Co, pertencente ao arquiteto inglês Barry Parker, foi a empresa que concebeu e construiu os bairros de luxo que compõe o conjunto arquitetônico chamado de “cidades-jardins”(Jardim Paulista, Cidade Jardim e Morumbi, além de partes de Pinheiros e Higienópolis). Se inicia logo após o espigão da Av. Paulista com vista direcionada para o Rio Pinheiros. Na época de sua construção, nas peças de marketing para vendas, o bairro era apresentado como o “primeiro bairro moderno de São Paulo”. Sobre isso ver SEVCENKO. Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20, p.115.

²⁵ Ibidem. p.57.

²⁶ Ibidem. p.47.

(1870) e o surgimento da metrópole industrial (1920). Sevcenko descreve esse movimento que fez a cidade passar de mera província rural para centro econômico e político mais importante do país, diz “...São Paulo passou a crescer numa escala espetacular e, de núcleo periférico com população flutuante, passou a polo econômico mais dinâmico do país e a centro político onde eram decididos os destinos da República”.²⁷

Comentando os dados demográficos da cidade, ele diz que no primeiro censo que se tem notícia, realizado em 1872, quando começava a ganhar força a economia cafeeira, a população era de 19.347 habitantes. Dando um salto para 64.934 no censo de 1890, ou seja, apenas 18 anos depois. Em outro levantamento, em 1908, a cidade já contava com 270 mil moradores, dobrando para 578 mil pessoas em 1920 e chegando em 1 milhão e 120 mil habitantes em 1934. Esses números revelavam que em um período de 62 anos, sua população aumentou numa taxa de 5689%. Segundo o Sevcenko, os números pareciam legitimar o bordão ufanista “São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo”.²⁸

A difusão dessa imagem da cidade que mais cresce e das oportunidades de trabalhar e ganhar dinheiro foi responsável pelo desencadeamento dos fluxos imigratórios. É desse período o desenvolvimento do primeiro ciclo industrial, que teve como base a indústria têxtil e de alimentos. Essas primeiras indústrias se instalaram nas várzeas por onde passava a estrada de ferro, gerando assim o surgimento dos bairros operários espalhados ao longo da ferrovia, tais como o Brás, Lapa, Belém, Pari e Bom Retiro. Nesses bairros se formaram também as primeiras colônias de imigrantes. Assim, pessoas e famílias de diversas partes do país e do mundo não paravam de chegar à terra “bandeirante” com o intuito de trabalhar e ganhar dinheiro. Afinal, na propaganda a cidade era tratada como o “eldorado do café”, o “ouro vermelho”. O *boom* demográfico e urbanístico que a cidade sofreu nos anos áureos do café foi desencadeador de seu crescimento assustador e sem planejamento, como comenta Nicolau Sevcenko:

A artificialidade repentina e sem raízes da riqueza cafeeira, gerando uma metrópole complexa da noite para o dia, lançou as imaginações num vazio, em cujo âmago aspectos fragmentados das organizações metropolitanas europeias e americanas atuavam como catalisadores de uma vontade de ser, diante da qual as condições locais seriam sentidas antes como embaraços do que como a base e o fim de um empreendimento coletivo.²⁹

²⁷SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p.108.

²⁸Ibidem. p.109.

²⁹Ibidem. p.113.

A expansão industrial e o surgimento dos primeiros bairros operários colocaram algumas questões para o poder público. Se até então São Paulo era uma cidade “pouco segregada”, concentrando a maior parte dos serviços, moradias e sociabilidades na região central, ou seja, no centro todo mundo se misturava. Embora os limites e divisões entre os grupos sociais fossem claramente demarcados. Com isso, todo serviço de transporte e de infraestrutura era concentrado no Centro. Fora dessa região, a cidade era como se fosse uma zona rural expandida, com grandes chácaras e sítios. Com a emergência dos novos bairros criou-se a necessidade de expandir os serviços públicos, como o transporte coletivo, a iluminação e alguns serviços de saúde. Sobre essa transformação no mapa urbano de São Paulo, a urbanista Raquel Rolnik comenta:

A grande transformação que ocorreu na cidade do café foi, sem dúvida, a configuração de uma segregação espacial mais clara: territórios específicos e separados para cada atividade e cada grupo social. Isso se deu por meio da constituição dos bairros proletários e dos loteamentos burgueses, da apropriação e reforma do centro urbano pelas novas elites dominantes e da ação discriminatória dos investimentos públicos e regulação urbanística.³⁰

Com isso, a nova configuração espacial da cidade ficou traçada da seguinte forma: na região Sudoeste, onde foram construídos os bairros planejados no modelo de cidade-jardim (Higienópolis, Jardim Paulista, Morumbi). Essa parte é predominantemente ocupada pela elite econômica da cidade. Esse espaço era composto por aparelhos urbanos de luxo, como lojas de produtos importados, desfiles de moda, ruas largas e asfaltadas e toda uma gama de investimentos do setor público. Já a parte operária é constituída por lotes com grande densidade demográfica, ruas apertadas, becos e vielas, onde quase não se tem a presença de serviços oferecidos pelo setor público.

Ao chegar à década de 1950, perto de comemorar o seu 400º aniversário, a cidade de São Paulo passou a ocupar o posto de maior cidade do país e sua população já era de 2.700.000 habitantes. O espaço público havia se modificado de forma muito veloz, essas mudanças começaram a ser percebidas nos mais variados aspectos e nuances, desde a aceleração do tempo, aos primeiros sintomas de trânsito lento e poluição sonora. Sobre esse momento a historiadora Maria Izilda dos Santos Matos faz a seguinte descrição:

³⁰ ROLNIK. Raquel. **São Paulo**. 3ª ed – São Paulo: Publifolha, 2009.p.18.

A modernidade contaminava a cidade, transformando-a num novo território cheio de automóveis, ônibus, caminhões, buzinas, sons e odores, o ritmo acelerado dos transeuntes, o café no balcão, a pressa, a falta de tempo, os novos magazines, edifícios cada vez mais altos. São Paulo assumia o emblema da modernidade, os arranha-céus e as chaminés, ‘a cidade que não podia parar’, mas mantinha a sua garoa como símbolo.³¹

1.1 Imagens do IV Centenário: progresso e ufanismo

Para o historiador Jacques Le Goff, as datas comemorativas são uma oportunidade interessante para pensar e problematizar a cidade, pois, a partir dessas datas pode-se pensar a cidade enquanto um “lugar de memória”. As comemorações impõem formas de hierarquizar o passado, as lembranças, bem como seus esquecimentos. Nesses momentos tenta-se construir as representações do presente e um projeto para o futuro. O passado passa a ser usado como um campo de disputa, o poder público normalmente mobiliza toda uma variedade de conteúdos emocionais e simbólicos com o intuito de reordenar as memórias sobre a cidade, seu povo e sua constituição.³²

Sabendo da importância de disputar o imaginário coletivo para enfatizar e difundir as imagens de São Paulo enquanto “Locomotiva do Brasil”, cidade do trabalho, do desenvolvimento, do progresso, dos valores cristãos e da família, o poder estatal mobilizou todo um aparato para iniciar o processo de preparo para as comemorações do IV centenário. O intuito de criar e difundir uma memória monumental sobre o passado da cidade, dos seus marcos e de seus heróis era tamanho que a prefeitura, em 1951, decidiu enviar para a Câmara de Vereadores um projeto que criava uma comissão multidisciplinar para pensar e projetar os festejos de comemoração dos 400 anos da cidade. Essa comissão tinha uma composição ampla, com diversos setores da sociedade e envolvia de empresários a arquitetos, passando por artistas plásticos, historiadores e mais toda uma gama de profissionais de diversos campos. Essa comissão funcionaria como uma autarquia da Prefeitura Municipal de São Paulo. Assim, ainda no final do ano de 1951 a Câmara de Vereadores aprova a lei que criou a “Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo”, como podemos observar no texto da Lei 4.166, de 29 de Dezembro de 1951: “Artigo 1, Fica criada com sede e foro na capital do

³¹Ibidem. p.66.

³² LE GOFF. Jacques apud MATOS. Maria Izilda dos Santos. **op.cit.**p.72.

Estado de São Paulo, com personalidade jurídica e patrimônio próprio, uma entidade autárquica denominada Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo.”³³

O prefeito Armando de Arruda Pereira (1951-1953) nomeou para presidir a Comissão do IV Centenário o industrial Francisco Matarazzo Sobrinho, que na época era dirigente do maior parque industrial da América Latina, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Além de ser um dos mais importantes empresários do país, ele era tido como um importante mecenas da cidade, tendo ajudado na fundação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz e também foi um dos criadores da Bienal de Artes de São Paulo. Como a intenção da Comissão era elaborar um plano de comemoração que mobiliasse desde os setores intelectuais (foram desenvolvidos, por exemplo, diversos trabalhos sobre a História de São Paulo) até o meio artístico, a presidência de Matarazzo reunia a figura do progresso industrial com o traquejo com as artes e o meio intelectual.

Para o historiador Silvio Luiz Lofego, na década de 1950, a pujança de São Paulo era representada pela indústria e comércio, por isso “seria difícil dissociar os setores ligados a estes ramos do interesse direto dos eventos comemorativos”. Portanto, os industriais não apenas tiveram papel importante na elaboração das festividades, como também se aproveitaram da oportunidade para divulgar seus produtos e serviços, apropriando-se da marca do IV Centenário.³⁴ Além de produzir algumas peças de propaganda cujo tom ufanista exaltava os valores da terra bandeirante, como se pode observar em uma peça publicitária das Casas Paiva no ano e na data do IV Centenário:

São Paulo, cidade dínamo do presente, berço de desbravadores, terra de realizadores que tanto lutaram e lutam pela grandeza da Pátria, teu futuro é majestoso e todos os que têm a ventura de viver em teu solo amigo sentem-se orgulhosos vendo tanta pujança e progresso, após quatro séculos de gloriosa existência!
SALVE SÃO PAULO! SALVE BRASIL! IV CENTENÁRIO DA CIDADE
QUE MAIS CRESCE NO MUNDO!³⁵

Para Lofego, ao colocar em prática o discurso sobre a cidade à beira de completar os seus 400 anos, a Comissão do IV Centenário, através de seus diversos braços: jornais, empresas, intelectuais; tentava construir a imagem de uma cidade entre o passado e o futuro: reverenciando os feitos de seus fundadores, reforçando o mito bandeirante e ao mesmo tempo

³³ **O Estado de São Paulo** apud LOFEGO. Silvio Luiz. **IV centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 37.

³⁴ *Ibidem*. p.43.

³⁵ **Folha da manhã**, 24 e 25 de Janeiro de 1954.

fazendo o elogio de presente desenvolvimentista que apontava para um futuro promissor, onde progresso, trabalho, disciplina faziam parte da imagem de locomotiva econômica do país. Não apenas o setor de construção e do varejo se aproveita do momento para ajudar a construir uma imagem da cidade e divulgar seus produtos. O setor de turismo também pegou carona no momento de construção ufanista para divulgar os dotes turísticos da terra da garoa. Em outra peça publicitária, faz-se um apelo para as pessoas visitarem a imponente São Paulo, do trabalho, do dinheiro, da Bolsa de Valores, mas também dos museus, da cultura, das grandes galerias de arte:

Venha conhecer São Paulo – A cidade que mais rapidamente cresce no mundo; venha conhecer São Paulo – centro de trabalho, onde se ergue o maior parque industrial da América Latina! Venha conhecer São Paulo – cidade de cultura, com seus monumentos, seus museus, suas galerias de obras-primas da arte universal, suas universidades que deram ao Brasil tantos homens ilustres, seus teatros, sua arquitetura monumental! Venha conhecer São Paulo – onde o destino colocou o arroio do Ipiranga, berço da Independência e da liberdade! Venha conhecer São Paulo – orgulho do Brasil³⁶

O escritor João Antônio, no conto *Abraçado ao meu rancor*, faz alusões a essa construção da cidade de São Paulo enquanto polo turístico, só que o escritor zomba de uma intenção de divulgar a cidade não como lugar de passado heróico e terra de oportunidades para o trabalho, mas da tentativa de apresentá-la também como um lugar de boemia e diversão:

“Alguém importante buliu nos papéis aqui [...] E o turismo oficial paulista se tocou. Quer arrotar que funciona. Promete descontos aos turistas que venham a São Paulo nos fins de semana. Trata de envolver restaurantes, bares, teatros e casas de samba.”³⁷

Feito esse rápido apanhado das construções simbólicas sobre a cidade enquanto o eldorado do progresso, terra bandeirante, de povo ordeiro e disciplinado, passaremos a trazer alguns questionamentos em relação à imagem construída e divulgada sobre a cidade entre os anos 1950-1960. Ao trazer esse breve resumo historiográfico da cidade, procuramos apenas

³⁶ **O Estado de São Paulo** Apud LOFEGO. Silvio Luiz. op.cit p.129.

³⁷ ANTÔNIO. João. **Abraçado ao meu rancor**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2003.

iluminar essas construções sobre seu rápido desenvolvimento e progresso, sem nenhuma mediação teórica ou crítica. Fizemos apenas algumas mediações com a historiografia sobre a cidade. Pois o intuito era exatamente fazer circular elementos discursivos sobre a cidade a partir de uma leitura do “centro”³⁸ Pois, entendemos que “...o cêntrico e o marginal se determinam mutuamente e só se definem um em relação ao outro”³⁹ Ainda nesse sentido, o historiador Jean Claude Scmith diz que é atribuição do historiador, ao se debruçar sobre a marginalidade “ter não somente preenchido as margens da história, como ter possibilitado também uma releitura da história do centro.”⁴⁰ Portanto, a tentativa de se construir uma imagem limpa e ordeira da cidade de São Paulo feita durante os preparos do IV centenário, com o intuito de construir um relato monumental sobre sua história e seu povo, vai ser contraposta a uma outra, a de um contramonumento, a Boca do Lixo, uma cidadela heterogênea cravada no coração do centro de São Paulo.

1.2 A Boca do Lixo: na contramão do progresso paulistano

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.⁴¹

É impressionante notar a semelhança que essa passagem de Walter Benjamin guarda com a citação de Olavo Billac com a qual abrimos o capítulo. Porém, a semelhança se resume à escolha das palavras, e na construção alegórica do argumento, mas se distancia diametralmente quanto ao sentido e visão sobre o conceito de progresso. Enquanto na citação

³⁸A palavra “centro” em oposição à “marginal”. Ver: SCHIMITT. *História dos Marginais*. No entanto, não quero dizer com isso que os historiadores utilizados como referência nesse capítulo, são em sua produção historiográfica legitimadores dessa perspectiva ufanista. Apenas, selecionamos elementos descritivos de seus textos que versam sobre o progresso na cidade de São Paulo.

³⁹BENATTE, Antonio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na “capital mundial do café”** (Londrina 1930-1970). Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1996. p.6.

⁴⁰SCHMITT. Jean Claude apud. BENATTE. **op.cit.** p. 6.

⁴¹BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989. p.157.

de Billac se tratava de uma louvação ao ideal de progresso, que com suas picaretas e ferramentas colocava abaixo prédios antigos, expurgava sociabilidades e práticas consideradas inadequadas. Walter Benjamin oferece um alerta, um “aviso de incêndio”, sobre os perigos que esse tipo de louvor ao progresso pode colocar para o historiador. Para Benjamin, o conceito de progresso está diretamente ligado à ideia de catástrofe, e ao se referir ao “anjo da história” ele cria uma imagem do que na sua concepção seria o historiador crítico, o que pensa a história “a contrapelo”. E onde o historiador historicista, burguês, vê, de forma linear, “uma cadeia de acontecimentos”, o crítico vê “uma catástrofe única, que acumula ruína sobre ruína”. Para ele, o tempo do linear do historicismo — a noção de progresso inevitável da História — condena a humanidade à eterna repetição do mesmo; a sociedade moderna dominada pelo ideal de progresso, é submetida ao “sempre igual”⁴² Para Michel Lowi, “A atitude de Benjamin consiste exatamente em inverter essa visão da história, desmitificando o progresso...”. Essa tarefa que tem o anjo da história, de “acordar os mortos e juntar os fragmentos”, seria a conhecida imagem benjaminiana de “escrever a história dos vencidos.”⁴³

Nicolau Sevcenko, em um belo artigo sobre o urbanismo inflacionário de São Paulo, começa seu texto com a seguinte questão: “qual seria a rua mais representativa da cidade?” Em seguida, oferece uma série de critérios que poderiam ser usados para a escolha: Arquitetura, integração, pujança, concentração de comércio, etc. E continua, “se fosse me dado responder a questão, no entanto, eu diria que a rua mais emblemática é a rua São Paulo”. Segundo ele, essa escolha soaria estranha, pois hoje, a então Rua dos Ingleses é um tanto quanto insignificante para a geografia e economia da metrópole. Afinal, essa rua não se enquadra em nenhuma das categorias elencadas. Seu desafio é problematizar sobre esses critérios de escolha. Seriam eles a única maneira em que se pode definir a “fisionomia e a importância de uma cidade”? Ou a cidade também pode e deve ser compreendida por aquilo que ela “oculta, relega, pelo que escamoteia?”⁴⁴ Mais adiante, ainda sobre a mesma perspectiva, ele diz: “Há desvãos, espaços e presenças que são como resíduos varridos para debaixo do tapete vistoso da paisagem urbana.”

Isso nos remete a pensar o fechamento da Zona de Meretrício, em 1953, ano/véspera das comemorações do IV Centenário e o surgimento da Boca do Lixo enquanto espaço

⁴²LOWI, Michel. **Aviso de Incêndio**: uma leitura das teses sobre o conceito de história. São Paulo: Boitempo, 2005, p.92.

⁴³ Ibidem. p. 92.

⁴⁴SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástase e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**, São Paulo, nº63, 2004, p.16-35.p.19.

maldito da cidade “quatrocentona”. Se tomarmos o axioma benjamiano de que “todo documento de cultura é também um documento da barbárie”, podemos imaginar que os preparativos para as Comemorações do 400º aniversário da cidade de São Paulo não se deu apenas no âmbito dos festejos e dos discursos ufanistas. Como em toda grande comemoração, muito suor foi explorado, e para garantir um ambiente ordeiro e higienizado para os dias comemorativos, os aparelhos de repressão foram acionados para fazer a limpeza das práticas e ambientes que pudessem colocar em questão a imagem da cidade que o governo e seu braço midiático propagavam. Uma passagem do conto *Leão de Chácara*, do escritor que tão bem narrava a cidade e seu cotidiano, João Antônio, nos traz alguns elementos sobre como seu deu a perseguição aos cidadãos e espaços que eram considerados perigosos e indesejados. A voz narrativa no conto atribui aos preparativos para a festa o IV Centenário o aumento da repressão e da perseguição às prostitutas e marginalizados da cidade, diz:

O ano preto do trottoir foi o do IV Centenário. Os homens dos costumes partiram ansiosos para as ruas e de supetão fecharam hotelecos, meteram muito explorador e mulheres na cadeia. Vieram outras polícias e engrossaram a barra. Um tempo feio, um rabo de foguete. Os homens queriam limpar a cidade que ia receber gente importante e precisava ficar bonitinha para o IV Centenário.⁴⁵

Segmento da sociedade temido e considerado desprezível, a camada subterrânea do tecido social, mendigos, desempregados, prostitutas, vendedores ambulantes e uma série de outros que sobrevivem à margem do mundo do trabalho e do serviço público, geralmente são os que mais sentem o peso do braço estatal em períodos comemorativos carregados desse sentimento ufanista. O lumpensinato, ou lumpemproletariado, cujo significado é “homem trapo”, é pensado como escória a ser combatida até mesmo pelo marxismo. Marx adota um tom depreciativo ao afirmar que esse é um segmento incapaz de se posicionar frente à luta de classes, ou então, por conta de suas necessidades fisiológicas, tende a aliar-se com a burguesia, “são homens desleixados e marginalizados, sendo o seu ganha pão a baderna e *la bohème*”⁴⁶

⁴⁵ ANTÔNIO. João. *Leão de chácara*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. p. 34.

⁴⁶ No *18 Brumário de Luís Napoleão* Marx conceitua: “[...] Lado a lado com *roués* decadentes, de forma duvidosa e de origem duvidosa, lado a lado com aventureiros rebentos da burguesia, havia vagabundos, soldados desligados do exército, presidiários libertos, forçados foragidos das galés, chantagistas, saltimbancos, *lazzarani*, punguistas, trapaceiros, jogadores, *maquereaus* (alcoviteiros), donos de bordéis, carregadores, carregadores, *literati*, tocadores de realejo, trapeiros, amoladores de faca, soldados, mendigos – em suma, toda

Ainda no conto *Leão de Chácara*, o narrador descreve quais atores sociais sofreram com a repressão desencadeada para organizar a cidade de São Paulo para os festejos:

Foi um arrastão — ladrão, marafona, pedinte, maltrapilho, indigente, esmoleiro, cego de rua, engraxate, aleijado, limpador de carro — e toda a arraia-miúda andou mal de vida, indo mofar no xadrez. A vida cachorra é assim. Os homens lá em cima assinam um papel e a gente aqui embaixo, na vida, vai comendo quente, aguentando ripada no lombo e cadeia, comendo o pão que o capeta amassou com rabo.⁴⁷

O clássico trabalho de Louis Chevalier sobre as “classes perigosas” na Paris do Século XIX atribui ao advento da “multidão” o reforço do medo no imaginário social em relação ao sub-proletariado. Afinal, trata-se da “*marginalia* não proletarizada ou *lumpem*, estrato desclassificado e desterritorializado que está muito mais próxima do mundo do crime quanto mais distante do trabalho.”⁴⁸ Comentando o trabalho de Chevalier, Antonio Paulo Benatte diz que “o direito penal moderno responde estrategicamente a essa fobia que demanda todo um controle da cidade e todo um esquadrinhamento da sua população”. No mesmo Século XIX, cria-se um dispositivo jurídico chamado “presunção de periculosidade”, que parte do princípio da prevenção; seu propósito não é atuar para penalizar os atos dos indivíduos, ou seja, o que eles fazem, mas penalizar os “seus atos virtuais (o que poderão vir a fazer)”⁴⁹

Uma perspectiva interessante para pensar essas detenções baseadas no dispositivo da presunção de periculosidade — e encontrada fartamente nas páginas dos jornais analisados — é a de Michele Perrot; segundo ela, esse tipo de detenção está mais relacionado com perfis e não com condutas: ao proceder a partir desse dispositivo a preocupação do Estado é referente

essa massa indefinida e desintegrada, atirada de ceca em meca, que os franceses chamam *la bohème*; com esses elementos afins Bonaparte formou o núcleo da Sociedade de 10 de Dezembro. “Sociedade beneficente” no sentido de que todos os seus membros, como Bonaparte, sentiam necessidade de se beneficiar às expensas da nação laboriosa; esse Bonaparte que se erige em chefe do lumpemproletariado, que só aqui reencontra em massa, os interesses que ele realmente persegue, que reconhece nessa escória, nesse refugio, nesse rebotalho de todas as classes a única classe em que pode apoiar-se incondicionalmente, é o verdadeiro Bonaparte, o Bonaparte *sans phrase*.” Marx apud RAMIREZ. Paulo Niccoli. A revolução vagabunda: Baudelaire, Walter Benjamin e o fim da História. **Revista eletrônica Ponto e Vírgula**, São Paulo: PPGCS PUC-SP, 2010, n.8, disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n8/artigo/s/htm/pv8-15-pauloramirez.htm> p.244.

⁴⁷ ANTONIO. João, Idem. p.34.

⁴⁸ BENATTE. Antonio Paulo. **Dos jogos que especulam com o acaso: contribuição à história do “jogo de azar” no Brasil (1980-1950)**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2002. p. 25.

⁴⁹ Ibidem. p.26.

as categorias *escândalo*, *insulto* e *ofensas*, e não com categorias como *perturbação*, *tranquilidade* e *vias de fato*.⁵⁰

No Brasil, vale lembrar a máxima lançada já no século XVII por Teixeira Coelho “os vadios são o ódio de todas as nações civilizadas, e contra eles se tem muitas vezes legislado.”⁵¹ Nas metrópoles do século XX essa assertiva continua valendo. Não à toa, o controle social e o combate à criminalidade nas grandes cidades tendem a aumentar em períodos de grandes processos de crescimento econômico ou em épocas de festividades, quando são disseminadas imagens ufanistas ligados ao ideário desenvolvimentista.

Pioneiro no Brasil nos estudos sobre o cotidiano da marginalidade, o trabalho de Boris Fausto *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)* traz algumas questões sobre a plebe urbana brasileira; diz ele que, “no contexto brasileiro e não apenas nele, a plebe urbana formada por desocupados, subempregados, pequenos delinquentes, aventureiros, constitui quase sempre o setor deserdado visto pelas elites como potencialmente perigoso”⁵².

Para além de alvo dos órgãos de repressão do Estado, a marginalidade urbana foi também alimento para a imprensa policial, que no geral, tende a se comportar como divulgadora dos boletins de ocorrência das delegacias de polícia. Nesse sentido, uma reportagem do *Diário da Noite*, publicada em 27 de Setembro de 1953, pouco menos de 4 meses da data do IV Centenário (25/01/1953), com o título de “Lenocínio e entorpecentes: Um flagrante por dia”, no texto pode-se perceber a intensa atividade de repressão ao cotidiano marginal da cidade:

Em prosseguimento à correição que vem fazendo nas delegacias especializadas do Departamento de Investigações, o juiz Valentim Alves da Silva, corregedor dos Presídios e da Polícia Judiciária de São Paulo, esteve na Delegacia de Costumes, onde o delegado Lucio Vieira, Titular desse setor, apresentou ao magistrado todo o movimento do cartório.

Verificou-se que os trabalhos em andamento prosseguem sem anormalidade, oferece a Delegacia índice de produtividade satisfatório. Encontram-se em andamento normal 31 inquéritos, cuja conclusão é esperada para dias. A propósito, foi exibida ao juiz corregedor estatística da Delegacia em que aparece o total de 775 prisões, ocorrida no chamado “trottoir”, apenas durante o mês de agosto, dando isso à especializada um recorde no campo de combate ao escândalo na via pública.

⁵⁰ PERROT. Michele apud TEIXEIRA. Alessandra. **Construir a delinquência, articular a criminalidade**: um estudo sobre a gestão dos ilegalismos em São Paulo. Tese(Doutorado) Universidade de São Paulo, Programa de Pós- Graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012, p.45.

⁵¹COELHO, José João Teixeira. **Instrução para o Governador da capitania de Minas Gerais**. Fundação João Pinheiro. BH. 1994.

⁵²FAUSTO. Boris. **Crime e cotidiano**: a criminalidade em São Paulo(1880-1924). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

No mesmo mês, foram efetuadas 31 prisões em flagrante, entre as quais se salientam as feitas no setor de lenocínio, com o maior número, e no setor de entorpecentes (maconha). Paralelamente, o magistrado foi posto a par dos métodos agora em prática naquela especializada para reprimir os contraventores.⁵³

A historiadora Mariza Romero, que pesquisou o jornal *Diário da Noite* entre as décadas de 1950-1960, afirma que o jornal se dedicou a mostrar as “singularidades negativas” da modernidade paulistana; em suas páginas, as tensões e inquietações próprias das grandes metrópoles, tais como ruídos, aceleração do tempo, desemprego, acidentes, disputavam espaço com as anomalias, o bizarro, o transgressor e a baixa delinquência. Essa plebe ignara e perigosa convive muito próxima com a disciplinada classe trabalhadora e no jornal “Esta aparece como similar aos que vivem na fronteira da ordem, correndo um risco intermitente de transpor a normalidade e cair na exceção”.⁵⁴

No conto *Paulinho Perna Torta*, o escritor João Antônio oferece uma rica descrição sobre os tipos que frequentavam a Zona do Bom Retiro, bem como traz detalhes sobre as atividades e sociabilidades desenvolvidas no seu interior. A voz narrativa é do personagem principal, que dá título ao conto, malandro bem sucedido, que deu os primeiros passos no mundo do crime na Zona, Paulinho comenta que após o fechamento da mesma a cidade se tornou uma grande zona, tendo espalhado por todo seu perímetro as sociabilidades antes confinadas entre as ruas Aímorez e Itaboca, diz ele, comentando sobre um passado recente:

É que na cidade havia zona. E a concentração maior da bagunça, as safadeza e de todas as picardias de malandragem e virações ficava lá longe. No Bom retiro. Aquilo era um formigueiro na Rua Itaboca e dos Aimorés. [...] Para o lado das estações, só vinham os pés-de-chinelo, sofredores sem eira nem beira; trabalhadores da roça que chegavam a capital, uma mão na frente e outra atrás, querendo emprego; maloqueiros e seus machos, esmoleiros, camelôs, aleijados. Caras de gente amarela, esfomeada. Trapos. Como eu.⁵⁵

Em 24 de março de 1953 foi eleito prefeito da capital paulista o eminente político Jânio Quadros, figura controversa, de meteórica ascensão política; seu governo é caracterizado por diversas medidas de repressão aos costumes e práticas que fugiam ao conceito de moralidade da elite paulistana. Assim, o jornal *O Estado de São Paulo*, em 13/06/1953, numa nota sobre um decreto do então prefeito para limitar o funcionamento dos

⁵³ *Diário da Noite*, 27/09/1953.

⁵⁴ ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no Diário da Noite**: São Paulo (1950-1960). São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

⁵⁵ ANTÔNIO, João. **Paulinho Perna Torta**. In: *Leão de Chácara*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. p.103.

bares existentes na área da zona do meretrício, o título da reportagem é “NUMEROSOS BARES DO BOM RETIRO TIVERAM CASSADAS, PELO PREFEITO, SUAS LICENÇAS PARA FUNCIONAMENTO NOTURNO” e o subtítulo indica o motivo pelo qual se resolveu baixar tal decreto: “A MEDIDA TEM CUNHO MORALIZADOR – ADEQUAR O ESPAÇO PARA A FESTA DO IV CENTENÁRIO”. A nota do jornal diz:

[...] o prefeito municipal assinou ontem a portaria n. 22, cassando as licenças extraordinárias de antecipação e de prorrogação para o funcionamento das casas comerciais abaixo relacionadas, considerando: a) ‘que o funcionamento, fora do horário normal, dos bares e botequins situados na chamada zona do meretrício, ou nas suas imediatas adjacências, se tem tornado danoso aos bons costumes, pois constituem centros de permanente corrupção e imoralidade, e neles, direta ou indiretamente, ocorrem delitos de toda a espécie, sobretudo rixas, roubos e crimes de sangue; b) ‘que de acordo com o artigo 3º do decreto-lei n. 313. De 30 de novembro de 1945, as licenças que permitem o funcionamento do comércio das 18 e 30 às 8 horas do dia seguinte são sempre outorgadas a título precário.⁵⁶

Ainda quando vereador, Jânio desencadeou uma fervorosa campanha contra a então confinada, tolerada e permitida Zona de Meretrício do Bom Retiro. Sobre a trajetória política é importante salientar que Jânio é um dos poucos que se levantou, na época, contra o ademarismo⁵⁷. No período em que Jânio iniciava sua carreira política, a imprensa da época colocava em prática uma intensa campanha de desmoralização dos políticos tradicionais e de suas movimentações que sempre tinham como objetivo a eleição e a perpetuação no poder. Nas páginas de alguns periódicos, a classe política era estigmatizada como afastada dos anseios da população e como ociosa em relação às funções que se espera do poder público. Até então, nenhuma novidade. Segundo o historiador Felipe Magalhães, Jânio Quadros, atento e com faro político, percebe que essa construção da imprensa tinha bastante ressonância nos mais diversos segmentos sociais, e em especial, no mais numeroso deles: os trabalhadores e pessoas simples, de modo geral. Portanto, é a partir dessa constatação que Jânio elabora sua tática de atuação e escolhe seus campos de enfrentamento, se colocando

⁵⁶ **O Estado de São Paulo**, 13/06/1953.

⁵⁷ Grupo político ligado ao ex-governador Ademar de Barros. Em 1940, durante seu governo, Ademar baixa um decreto confinando a atividade da prostituição no Bairro do Bom Retiro. Por se tratar de bairro predominantemente ocupado por imigrantes judeus e pelo fato de na época a maior parte das prostitutas que chegavam ao Brasil serem de origem “polaca”, “judia”, o governador justificou com a seguinte frase a escolha do bairro para abrigar a zona: “É produto vosso, fica pra vocês”. Sobre isso, ver: RECHTMAN. Enio. **Itaboca, rua de triste memória: imigrantes judeus no Bairro do Bom Retiro e o confinamento da Zona do meretrício (1940 a 1953)**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós Graduação do Centro de Estudos Árabes e Judaicos do Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. p.57.

como o mais incisivo opositor ao ademarismo, e por tabela, ao governador Lucas Garcez.⁵⁸ De acordo com Magalhães, “com relação a este aspecto, a figura do ‘opositor’ e do ‘trabalhador’ surgiram como principais artifícios no trabalho de dar visibilidade ao ator/vereador/deputado Jânio Quadros”. Com isso, Jânio buscava se afirmar enquanto um “político independente, acima dos interesses pessoais e partidários, cujo principal objetivo seria atender às demandas colocadas pela população...”⁵⁹ É a partir da escolha desse campo de atuação, que encontramos alguns posicionamentos de Jânio na imprensa, onde ele pedia o fim da Zona confinada.

Em uma nota sobre a Sessão da Câmara de Vereadores do dia 27-12-1950, o *Jornal de Notícias* destaca a atuação do vereador. A passagem em que Jânio é citado tem o seguinte subtítulo “EXTINÇÃO E SEVERO POLICIAMENTO”, segue trecho em que aparece a sua intervenção: “Quer parecer-me que a extinção do meretrício seja a solução ideal, mas ela só será exequível se houver rigoroso policiamento consequente, que impeça a infiltração do escândalo pelos prédios de apartamento e pelos trechos residenciais da cidade”⁶⁰

Se a atuação de Jânio em relação à extinção da Zona Confinada tem relação com a sua oposição ao grupo de Ademar de Barros, não podemos afirmar. Porém, uma coisa é fato: a Zona foi legalizada no governo Ademar. Já o governador, no momento em que Jânio começa na legislatura, e enquanto ele foi prefeito da cidade, era Lucas Garcez, eleito graças ao apoio do padrinho Ademar de Barros. No campo jurídico, quem deu início ao processo de extinção da zona foi o recém-eleito prefeito Jânio, como já citado. Em 12/06/1953, o prefeito assina o referido decreto que limita o horário de funcionamento da Zona do Meretrício.⁶¹ Lendo uma nota publicada em *A Noite* sobre o ato, pode-se ter uma noção de que a estratégia do prefeito ao reduzir para as 18:00h o horário de funcionamento dos bares, era inviabilizar financeiramente o seu funcionamento, tendo em vista que a movimentação do local era quase que exclusivamente noturno. Conforme a nota: “O prefeito Jânio Quadros determinou que o Departamento Jurídico da Prefeitura estude a possibilidade da extinção da zona do baixo meretrício. [...] Por outro lado, foram expedidas portarias aos bares da zona para que abram às 8 e fechem às 18h”.

⁵⁸ MAGALHÃES, Felipe S. Varrendo a imprensa: a ascensão de Jânio Quadros e o periodismo paulistano (1947-1951). *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 271-290, dez. 2007 p.282.

⁵⁹ Ibidem. p.282.

⁶⁰ *Jornal de Notícias*, 27-12-1950.

⁶¹ Não citarei aqui o decreto, pois, o texto citado na nota de rodapé nº 35 deste capítulo, oriundo da reportagem do jornal *O Estado de São Paulo* de 13/06/1953, já o cita praticamente na íntegra.

O fato é que a Zona de Meretrício foi fechada em dezembro de 1953 — um mês antes das comemorações do IV Centenário — por decreto expedido pelo governador Lucas Garcez.⁶² E a partir de então, o populacho que frequentava o local não pode mais cantar uma modinha que ficou famosa no período da zona confinada, de acordo com Ramão Gomes Portão:

Já é do nosso tempo a fama das ruas Aurora e Vitória, onde o amor era fácil e barato. Amor blenorragico... o martelo de borracha, o dedo na próstata. Depois houve festa para receber a penicilina. Aqui entre nós, não falta quem se recorde de alegres visitas à “boca do lixo” nas ruas Itaboca, Aimorés... E nós, crianças de grupo escolar, cantávamos no pátio quadrinhas obscenas sem saber porque: “Lá na rua da Itaboca/Já puseram tabuleta...” A evocação é uma contingência da vida⁶³

Se a São Paulo da década de 1950, ou melhor, se as imagens midiáticas produzidas sobre seu povo e sua dinâmica econômica, aportado num ufanismo exacerbado geraram slogans como “terra do trabalho”, “locomotiva do Brasil”, isso nos remete ao axioma weberiano que vincula uma ética protestante do trabalho ao espírito do capitalismo⁶⁴; assim, podemos afirmar que a malandragem paulistana da década 1950 se caracteriza e se diferencia das outras imagens criadas ao longo da história brasileira sobre o malandro, principalmente do malandro carioca; é que no caso da versão paulistana, o tipo de malandragem desenvolvida na cidade no período pesquisado, embora tivesse entre suas características o apego ao lado lúdico da vida, o exercício da boêmia e da boa vida, seu *telos* era empreendedor e suas atividades organizadas visando o lucro e a expansão de seus “negócios”. Ou, resumindo, “um espírito do capitalismo, sem uma ética protestante.”⁶⁵ Grosso modo, a Boca do Lixo era um grande complexo empresarial – por demais heterogêneo, vale dizer – que envolvia hotéis, prostituição, jogo, segurança privada (oferecida pelos valentes⁶⁶) e toda uma gama de atividades lucrativas. Sobre esse dado, em relação às atividades da “malandragem” que se

⁶² Apesar de procurar em Jornais e no arquivo do Diário Oficial do Estado, bem como em outros trabalhos de pesquisa sobre a região, não encontramos o Decreto governamental para poder cita-lo. Voltaremos a tratar do fechamento da Zona nos outros capítulos, pois, a nosso ver, é um momento que possibilita vários questionamentos sobre o surgimento da Boca do Lixo.

⁶³ PORTÃO. Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d. p.15.

⁶⁴ Em seu trabalho *A Ética protestante e o espírito do capitalismo* o sociólogo Max Weber vincula as condições de possibilidade para o surgimento do capitalismo a uma ascensão da moral protestante do trabalho.

⁶⁵ CARVALHO. José Murilo apud BENATTE. Antônio Paulo. **op.cit.** p.78.

⁶⁶ Termo usado para se referir ao malandro que atuava como segurança de comerciantes ou de outros malandros ou rufiões. Sua função era garantir a ordem dentro dos hotéis de rendezvous ou então, cuidar para que o comércio local, diurno, não fosse vítima de assalto.

estabeleceram na Boca, a historiadora Márcia Regina Ciscati atribui a um novo crescimento demográfico e o aumento do apelo para novos padrões de vida, conforto e consumo, o que fez “crescer o contingente de marginais que querem ter acesso aos prazeres que a sociedade de consumo oferece”.⁶⁷ Com isso, não se pretende afirmar que no tipo de malandragem estabelecida na Boca do Lixo não existia esse aspecto “romântico” entre seus praticantes e habitantes, como é possível notar nesse comentário de Ramão Gomes Portão sobre o cotidiano dos “reis da boca”:

Os homens falavam de política, do Estado Nôvo, de mulheres, nas confortáveis salas de estar, bebendo champanha, cerveja “Cascatinha casco escuro, por favor... ou conhaque Napoleão. Num ambiente fraterno não se faltava com respeito: Como vai o senador Vergueiro?”⁶⁸

Quando se fala em malandro, malandragem, a associação mais imediata que nossa memória faz é em direção ao malandro carioca, da Lapa, do samba, do gingado, da gíria e da camisa de seda. Essa figura está envolta em uma atmosfera romantizada; sua principal picardia é a repulsa ao universo do trabalho. Nesse sentido, o malandro é pensado no máximo como uma espécie de sujeito esperto, malemolente, um pícaro.

Enquanto no Rio de Janeiro, a maioria dos malandros ou sujeitos que viviam de pequenos delitos, resultou do mal fadado processo de abolição, e, portanto, seus atores eram no geral negros descendentes de escravos;⁶⁹ em São Paulo, boa parte da malandragem era composta por imigrantes estrangeiros, conforme descreve a historiadora Márcia Regina Ciscati:

Muitos dos malandros eram imigrantes que acabavam por optar por outras atividades de sobrevivência que variavam desde assaltos e punguismos a rufianismo, jogatina ou contos do vigário. Muitos outros, eram negros ou descendentes de escravos e, em geral, bons jogadores de pernada e tiririca (derivações da capoeira)[...] misturam-se a engraxates, nas várzeas podiam ser relacionados aos casos de lenocínio ou latrocínio. De modo geral tratava-se de um ‘segmento perigoso’ uma chaga a ser curada.⁷⁰

Para finalizar o capítulo, é importante retomar o debate sobre a escrita da história e a relação margem x centro. Lembrando-se do conceito benjaminiano de “história a contrapelo”,

⁶⁷CISCATI, Márcia Regina. . **Malandros da terra do trabalho:** malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930-1950). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000. p. 43.

⁶⁸PORTÃO, Ramão Gomes. op.cit. p.13.

⁶⁹CISCATI, Márcia Regina. op.cit. p.35.

⁷⁰Ibidem. p.35.

ou seja, pensar os acontecimentos na contra corrente das versões dominantes, não deixar que os vencidos pelos fatos caiam no limbo do esquecimento, se essa é a função do historiador crítico; seu contrário, contar a história a partir da perspectiva dos vencedores, é legitimar a versão do poder instituído. Ou então, como aponta o historiador Jean-Claude Schmith, sobre a insuficiência de abordar a história levando em consideração apenas a versão construída a partir do “centro”.⁷¹ cito:

a partir do centro é impossível abarcar com o olhar uma sociedade inteira e escrever sua história de outro modo que reproduzindo os discursos unanimistas dos detentores do poder. A compreensão brota da diferença: é preciso, para tanto, que se cruzem múltiplos pontos de vista que revelem do objeto — considerado, dessa vez, a partir de suas margens ou do exterior — múltiplas faces diferentes, reciprocamente ocultas.⁷²

Em certo sentido, esse movimento acontece nas cidades ao longo da história. E no caso dessa pesquisa, na São Paulo dos anos 1950-60, se dá em torno do confinamento da Zona do Meretrício e sua proibição, espalhando pelo centro da cidade as sociabilidades que antes ficavam suprimidas ao espaço confinado. Ao pensar sobre esse movimento que acabou expandindo o “espaço” ocupado pelos desajustados sociais da cidade, transformado um bairro nobre como o Campos Elíseos em ambiência indesejada pelo poder público (Boca do Lixo), faz-se necessário estabelecer uma conceituação e diferenciação entre “espaço” e “território”. Nesse sentido, “espaço” pode ser pensado a partir da ideia de funcionalidade que rege a distribuição do espaço urbano, orientado por princípios de diferenciação e circulação. Enquanto que “território” designa lugares que fogem a essa normatização, “heteróclitos”, são lugares que “surtem nas margens e estralam nos interstícios do espaço, lugares ao mesmo tempo de incidência do poder e de permanente resistência a ele”.⁷³ Enquanto a cidade de São Paulo se constituía como espaço, com operadores conceituais como funcionalidade, hierarquia, disciplina, higiene, características da lógica capitalista de gestão das cidades, surgia enquanto “território” a Boca do Lixo, uma “apropriação diferencial do espaço urbano”,

⁷¹BENATTE. Antonio Paulo. **Notas sobre a história dos marginais**. Curitiba, Datloscrito,s.d.

⁷²SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 262.

⁷³BENATTE. Antonio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na “capital mundial do café”** (Londrina 1930-1970). Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, 1996. p. 176.

que apresentava outra lógica de funcionamento que não aquelas convencionais e hegemônicas.⁷⁴

Cruzada contra a Boca do Lixo: Saberes e discursos na imprensa

Em 1954, a cidade de São Paulo comemorava o seu IV centenário. Em torno dos festejos criou-se um ambiente simbólico tão forte que a historiadora Maria Izilda Matos localiza nesse ano o que ela chamou “a invenção da paulistaneidade”. Ela destaca o termo *invenção* e o conceitua como um processo de construção variável ao longo do tempo, forjado em diferentes espaços, com diversos objetivos e no caso específico da capital paulista, diretamente atrelado aos conceitos de *progresso, modernidade e trabalho*.⁷⁵ Devido a esse marco simbólico para a cidade, a década de 1950 foi marcada por uma intensificação do processo de transformações urbanas iniciadas no começo do século. Não por acaso, o lema escolhido para as comemorações do IV centenário foi: “São Paulo: a cidade que mais cresce

⁷⁴Ibidem. p.176.

⁷⁵MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru: Edusc, 2007.p.71.

no mundo”, que sintetiza a perseguição do ideal de progresso e o tom ufanista que se queria imprimir à data. São Paulo estava se abrindo à modernidade e seus moradores, mais do que nunca, estavam se entusiasmando com o chamado progresso capitalista. Para Matos, essa construção do moderno está ligada, também, ao diagnóstico de um presente problemático e foi na projeção de um futuro exemplar que as autoridades da época procuraram justificar algumas ações de intervenção.

Entre as ações de intervenção que necessitavam ser justificadas para que a população pudesse comemorar tranquilamente o IV Centenário da capital bandeirante, livre do contato com práticas e sociabilidades consideradas nocivas e degradantes, uma, em especial, era questão de honra para o governo paulistano: a extinção da zona de meretrício do Bom Retiro. Criada na década de 1940, por decreto do então governador Adhemar de Barros, essa “zona” ficava confinada para além das linhas dos trens, nas ruas Itaibocas e Aimorés, no Bairro do Bom Retiro. O aparelho policial via na forma confinada de meretrício uma série de vantagens, como a possibilidade de um melhor policiamento e higienização, além de expor menos as *boas famílias* forçadas a transitar pela parte boêmia da cidade.⁷⁶

A urbanista Raquel Rolnik⁷⁷, em um trabalho de fôlego sobre a função da legislação urbana na distribuição, regulação e produção dos espaços e das práticas e sociabilidades desenvolvidas nos territórios da cidade de São Paulo, ressalta que, para além de estabelecer um formato de cidade desejável e racional, a legislação urbana tem, antes de qualquer coisa, a função de “gerir os ilegalismos”⁷⁸, ou seja, definir territórios dentro e fora da lei, criando assim bairros de plena cidadania e bairros de cidadania limitada. Sobre a criação da zona de meretrício do Bom Retiro, diz Rolnik:

Criou-se assim uma “zona segregada”, composta por quase 150 prostíbulos, abrigando 1.400 mulheres, três postos antivenéreos e uma delegacia de polícia, além de alguns bares e restaurantes controlados pela polícia. A partir do estabelecimento da zona confinada, toda a prostituição exercida fora daquele espaço passou a ser considerada ilegal. [...] A escolha do bairro do Bom Retiro para a instalação da zona confinada não foi gratuita, já que combinou perfeitamente um dispositivo de controle territorial e uma atividade considerada paralegal — uma vez que era permitida dentro de determinados limites físicos — e uma comunidade, a judaica, considerada

⁷⁶ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

⁷⁷ ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

⁷⁸ DELEUZE, Giles, **Conversações: 1972-1990**. Trad. Peter páll Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.p.75.

naquele momento suspeita de “gerar um quisto racial, corpo estranho no organismo social”⁷⁹

No entanto, depois de alguns anos, setores da sociedade e da imprensa começaram a cobrar do governo uma atitude em relação àquele *antro* que se localizava no coração da metrópole. Essa demanda foi concretizada em dezembro de 1953, quando o então governador Lucas Nogueira Garcez publicou um decreto colocando fim às atividades da Zona de Meretrício. As intenções do governador e da Secretaria de Segurança, entretanto, não eram somente acabar com a prostituição localizada no Bom Retiro, mas antes, por um fim definitivo à atividade da prostituição na cidade de São Paulo. A historiadora Margareth Rago⁸⁰ oferece algumas pistas que contribuem para entender o movimento gerado a partir da extinção da zona do meretrício na capital paulista – movimento esse que criou no seio da “terra bandeirante” uma “cidadela de marginais”, onde se desenvolveram, a partir da prostituição, outras práticas consideradas nocivas para os valores ufanistas que norteavam as comemorações do quarto centenário da cidade: práticas como a “malandragem” (incluindo o roubo, o tráfico, o estelionato e outras práticas ilícitas), e o “jogo”, gerando a partir disso, toda uma economia e códigos de costumes próprios da *Boca do Lixo*. A partir das suas proposições, podemos problematizar sobre o *fracasso* na intenção da prefeitura paulistana, ao acreditar que com apenas um decreto extinguiria não só a Zona de Meretrício, mas também extirpar definitivamente a prática na prostituição da cidade. Usando de uma formulação elaborada pelo sociólogo Michel Maffesoli, a historiadora paulista afirma que a atividade da prostituição desempenha certo papel positivo na economia dos afetos em uma sociedade, sendo praticamente impossível domar completamente a inclinação para o que o sociólogo chama de “forças dionisíacas,” que correspondem ao universo do prazer e do lúdico atuantes em seu interior. Ao tentar reprimir essas forças, corre-se o risco de deixar emergir o lado violento e reprimido da sociedade. Sobre essa tentativa de frear o dionisíaco da alma humana, o lado noturno da vida, o historiador Tony Hara diz:

Seja por sabedoria imitadora ou por estupidez desesperada, os homens tentaram construir também as suas muralhas e domesticar as forças do mal. Ergueram-se assim, os muros do Estado, da Pátria, da família, das escolas, dos conventos, dos hospitais psiquiátricos, das fábricas, da identidade. Os

⁷⁹ROLNIK, Raquel. op.cit. p.86-88.

⁸⁰RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980 – 1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

homens construíram todas essas máquinas para barrar as forças malditas que fazem parte do cotidiano de nossa existência. É evidente que todo esse trabalho de esquadramento social não teve o resultado esperado, mas a consequência desses esforços de domesticação da noite, ainda podemos sentir no tempo atual, nesse exato instante que passa.⁸¹

Como já podemos supor, não foi bem-sucedida a intenção de extirpar definitivamente, do solo da capital paulista, a prostituição e outras práticas que se desenvolvem em seu entorno. Com a proibição da Zona, as mulheres, sem terem de onde tirar o seu sustento, migraram para as imediações do Bom Retiro, passando a desenvolver suas atividades de forma ilegal nas ruas do bairro de Campos Elíseos, potencializando, assim, a prática do chamado *trottoir*, atraindo para as imediações todas as atividades e sociabilidades que geralmente se desenvolvem em torno da prostituição. Sobre isso, Hiroito de Moraes Joanides — malandro que viveu na região e que se tornaria notório nas páginas policiais dos jornais — escreve de maneira irônica em autobiografia: “Fechava-se o local, mas não as pernas daquelas mulheres”⁸².

A Boca do Lixo surge como refluxo causado pela ação do aparelho repressivo, que na tentativa de extirpar as práticas “sujas” do seio da capital paulista, acabou por espalhar essas atividades pelo centro. De outra forma, o local surge como objeto forjado nas páginas dos jornais, através de um tipo de jornalismo sensacionalista veiculado nas seções da reportagem policial, que cunhou o nome do local como “Boca do Lixo”. Pelo fato das atividades ilícitas terem se concentrado no entorno de quatro ruas que formavam uma espécie de quadrado, a crônica policial também se referia ao local como “Quadrilátero do Pecado”. Esses termos foram forjados para estigmatizar o lugar enquanto local onde se concentram os piores sujeitos da cidade, onde se desafia a lei, as convenções morais e onde a legalidade é constantemente desafiada: “seres comparáveis aos restos, à sujeira e aos dejetos produzidos cotidianamente na cidade.” conforme observa a historiadora Angela Aparecida Teles.⁸³

Faz parte da linguagem utilizada pela reportagem policial o uso exagerado de palavras chave, ou “chavão”, para se referir a objetos, sujeitos, espaços ou temas tratados em suas páginas. O “chavão” e o “lugar-comum” ocupam uma função específica na escrita jornalística. Referem-se, em primeiro lugar, a um nível de comunicação bastante popular: são

⁸¹HARA, Tony. **Saber Noturno**: uma antologia de vidas errantes. Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004. p. 26.

⁸²JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Labor Texto Editorial, 2003.p. 35.

⁸³TELES, Angela Aparecida. **Ozualdo Candeias na Boca do Lixo**: a estética da precariedade no cinema paulista. São Paulo, EDUC: FAPESP, 2012. p.50.

operações linguísticas perpassadas por um universo folclórico, expressões dessimbolizadas, triviais e usadas à exaustão nas reportagens policiais. O jornalista Cláudio Julio Tognolli pesquisou o uso dessas expressões em seu trabalho de mestrado *A sociedade dos chavões: presença e função do lugar-comum na comunicação*, pensando na função que eles exercem na escrita do texto do jornal, o estudioso do jornalismo diz:

O chavão se reproduz em todos os grupos, níveis da fala, diferentes esferas sociais e categorias profissionais. Num jogo de linguagem, os chavões têm servido como autênticas peças, ao que alguns chamariam de a mais fina forma de reificação do pensamento, volta e meia sitiado por ofegantes tentativas de criatividade. Temos aqui, diga-se, um *terminus ad quem*: palavras-peças que dão respostas imediatas a cada jogo, a cada interação, sem que a palavra passe, necessariamente, pelo processo de pensamento, isto é, a simbolização.⁸⁴

Portanto, neste capítulo, analisaremos a cobertura jornalística em relação aos acontecimentos na chamada “Boca do Lixo” entre 1953 e 1963, especificamente nas páginas dos jornais *Diário da Noite*, *Notícias Populares* e *O Estado de São Paulo*, no sentido de observar como essas práticas e sociabilidades desenvolvidas nesse espaço eram estigmatizadas e estereotipadas com intenção de enquadrar e normatizar os praticantes que nele viviam. Durante o período que propomos estudar, a reportagem policial cobria diariamente a “Boca do Lixo”, a ponto de ser possível acompanhar, nas leituras dessas reportagens, os desdobramentos de cada caso, dia após dia; da prisão de um malandro à construção da peça de defesa dos advogados. Era uma cobertura tão detalhada – acontecimento por acontecimento – que podemos comparar ao enredo de uma novela ou romance. A leitura de um jornal e o acompanhamento de um assunto ou objeto específico nas suas páginas não é algo simples. Em um único jornal, sobre uma mesma notícia ou fato, podemos ter a opinião e a análise dos mais diversos sujeitos, que ocupam diferentes territórios de fala e emitem pontos de vista diametralmente opostos sobre um mesmo fato. O historiador José D’Assunção Barros nos alerta que, ao fazer o uso do jornal enquanto fonte devemos levar em conta a multiplicidade de vozes e de lugares de fala que estão presentes nesse tipo de documentação. Assim, o aparecimento dessas outras vozes não deve ser percebido ou analisado apenas sob o ponto de vista de que é outro quem está falando, mas deve-se levar em

⁸⁴TOGNOLLI, Claudio Julio. **Sociedade dos Chavões: presença e função do lugar-comum na comunicação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001(Coleção Ensaio Transversais). p. 17.

consideração, também, que esse outro pode estar representando à fala de uma instituição, de uma comunidade profissional ou uma disciplina e que vai muito além de sua própria fala.⁸⁵

A forma como essa diversidade de vozes e sujeitos é organizada e distribuída no interior dos jornais lembra o que Michel Foucault chamou de “procedimentos internos” de interdição do discurso, que submete o acontecimento e o acaso do discurso a uma ordem, no caso do jornal, a sua “política editorial”, que tem relação direta com seus interesses no jogo de poder da sociedade. Diz ele: “são procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição [...]” Foucault elenca três categorias internas de interdição do discurso, as quais tentaremos resumir conceitualmente. A categoria do “comentário” é o procedimento que permite que seja dito algo além do texto, desde que o texto mesmo seja dito. Sobre isso temos no jornal a seção de “cartas” ou, no jargão jornalístico mais moderno, o “Painel do leitor”, espaço onde os leitores comentam sobre o texto. O segundo princípio, o de “autor”, não deve ser entendido apenas como o indivíduo que produz um texto ou pronuncia um discurso, mas um também “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.”⁸⁶ Já falamos sobre esse aspecto ao citar o exemplo dos sujeitos que escrevem um artigo no jornal representando determinadas instituições, para além de sua fala pessoal. E, por último, a “disciplina”, que seria, *grosso modo*: um conjunto de métodos, de domínios de objetos ou *corpus* de preposições consideradas verdadeiras. Não obstante, no jornal, quando se trata de falar sobre *saúde*, chama-se um médico; sobre *criminalidade*, um criminalista, advogado; sobre *distribuição de renda*, um sociólogo ou economista; e, em datas comemorativas, um historiador.⁸⁷

Um caminho interessante para analisar o jornal enquanto fonte foi encontrado no trabalho sobre o suicídio do historiador Fábio Henrique Lopes, que, a partir de sua leitura de Foucault, propõe uma análise do discurso enquanto prática instituinte, ou seja, criadora de acontecimentos, imagens e comportamentos, levando-nos a perceber nosso objeto de estudo como um efeito de construções discursivas. Portanto, ao proceder a leitura do jornal, e especificamente a da reportagem policial, que tem como características de linguagem o uso recorrente dos “chavões” e a produção de estereótipos, deve-se ficar atento ao fato de que esse

⁸⁵BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas – um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos. In: **Revista Alburquerque**. Vol.3, n.1, 2010.

⁸⁶BARROS. op.cit p.22.

⁸⁷FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

tipo de recurso linguístico tende a impor um sentido ao relato, a naturalizar certa concepção e interpretação das práticas e sociabilidades desenvolvidas na Boca do Lixo. A partir disso, a análise das fontes empreendida nesse estudo não pretende “revelar ou explicar o real, mas desconstruí-lo enquanto discurso.”⁸⁸

2.1 Um faroeste sobre o Terceiro Mundo ou toda notícia que couber a gente publica⁸⁹

Decretado hoje estado de sítio no país, o dispositivo policial reforça todos seus órgãos[...]qualquer semelhança com fatos, reais, ou irreais, pessoas vivas, mortas ou imaginárias, é mera coincidência. Trata-se de um faroeste sobre o terceiro mundo.⁹⁰

O trecho citado faz parte da abertura do filme *O bandido da luz vermelha* do diretor Rogério Sganzerla, o qual é narrado em tom de um programa de rádio policial. As vozes de um homem e de uma mulher em tom apocalíptico e sensacionalista se alternam na narração. O filme é construído através de colagens que abusam dos clichês utilizados nesse tipo de programa. O recurso à linguagem do jornalismo policial é feito com a intenção de criticar e debochar da iconografia conservadora e ufanista que predominava no imaginário cultural da São Paulo dos anos 1950-1960, onde a cidade era representada como *terra do progresso*, *locomotiva do país*, *cidade que não dorme*, a *capital bandeirante*, e os seus habitantes como chefes de família exemplares e trabalhadores, sujeitos de desenvolvimento econômico e de ambientação social limpo e puro. Como se a cidade fosse uma ilha de desenvolvimento e progresso, simbolizando o lado *moderno* de um país atrasado e miserável – uma ilha de “primeiro mundo” dentro do “terceiro mundo.”

Como forma de ironizar essa visão que a elite paulistana tinha construído sobre si mesma, no momento em que o trecho citado do filme é narrado, surge em um letreiro luminoso a seguinte mensagem: “Os personagens não pertencem ao mundo, mas ao terceiro

⁸⁸ LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio**: teia discursiva e relações de poder na imprensa, final do século XIX. Campinas: UNICAMP/CMU, 2006. p.16.

⁸⁹ O título dessa seção é uma alusão e colagem de trecho retirado do filme *O Bandido da Luz Vermelha* de Rogério Sganzerla e do artigo *Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica* de Robert Darnton; IN: *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁹⁰ SGANZERLA, Rogério; **O Bandido da Luz Vermelha**. Vídeo Interamericana, 1968.

mundo: Guerra total na Boca do Lixo.”⁹¹ A trama é narrada através dessa mistura de vozes de programas de rádio, com a do personagem João Acácio, o bandido da luz vermelha, que ficou conhecido nos anos 60 através da crônica policial. Importante situar que a voz do personagem protagonista, o “Luz”, que no modelo convencional de cinema deveria ocupar o primeiro plano da narrativa, é colocada em terceira pessoa, deixando para os narradores do programa sensacionalista o protagonismo na construção narrativa. Essa técnica faz com que a construção do personagem se dê em fragmentos contraditórios e disparatados, que são supervalorizados, para mostrar a angústia do personagem marginal, caçado pelo aparelho policial. O filme é na verdade uma paródia à mídia, por isso a mistura, o jogo de vozes entre os narradores do rádio e o personagem, juntando-se, a isso, as imagens e o recurso a uma quarta forma de narrativa, que são os constantes letreiros luminosos que aparecem no decorrer do filme.⁹² Em dados momentos, o filme passa a sensação de que todo o seu argumento foi construído através de colagens feitas a partir da seção de *fait divers* de algum jornal, pois há no filme constantes recursos ao uso dos chavões da reportagem policial e uma exibição excessiva do *kitsh*, numa clara crítica a essa forma de jornalismo:

O narrador explicita a mediocridade dos meios de comunicação de massa insistindo em escancarar o quanto há de informações precárias e contraditórias circulando pela mídia sensacionalista. O tom irônico do narrador provoca o riso demolidor, expondo a própria mídia em ação.⁹³

No jornalismo brasileiro, o aparecimento dos *fait divers* — “fatos diversos”, numa tradução literal — data da virada do século XIX para o XX, com o crescimento de algumas cidades e o aumento de crimes e acontecimentos pitorescos no cotidiano das mesmas. Foi quando os maiores jornais em circulação nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo começaram a dedicar uma seção para notícias sensacionalistas da cobertura policial, importando, como sempre, do modelo de jornais norte-americanos e europeus, daí o porquê de a maioria dos veículos grafarem a seção no inglês mesmo. Escritos numa linguagem dramática e às vezes com lampejos de comicidade, essas pequenas e violentas crônicas do cotidiano chegaram para ficar e até jornais tidos como sérios, a exemplo de *O Estado de São Paulo*, passaram a ter uma seção destinada a esse tipo de narrativa jornalística.⁹⁴

⁹¹SGANZERLA. op.cit.

⁹² TELES. op.cit. p. 231.

⁹³ TELES. op.cit. p.231.

⁹⁴ GUIMARÃES, Valéria. “Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX” IN: **Revista Brasileira de História** (Impresso), v. 27, p. 323-349, 2007.

Em um comentário sobre a estruturação das notícias policiais, o historiador Robert Darnton⁹⁵ diz que é um tipo de escrita fortemente perpassada por estereótipos e feita a partir de uma concepção prévia do resultado final da “matéria”. Esse tipo de reportagem faz circular, entre o jornal e os leitores, um repertório conceitual e uma forma de escrita e apuração, de modo que tentar fugir dessa amarra estrutural pode significar um baixo índice de leitores. Segundo Darnton, existe uma *epistemologia dos fait divers*, que ele descreve nessa passagem:

Converter um boletim policial num artigo requer uma percepção treinada e um domínio do manejo de imagens padronizadas, clichês, “ângulos”, “pontos de vista” e enredos, que vão despertar uma reação convencional no espírito dos editores e leitores. Um redator perspicaz impõe uma velha forma sobre um assunto novo, de uma maneira que cria certa tensão – o sujeito vai se adequar ao predicado? -, e a seguir dá-lhe uma solução voltando ao familiar.⁹⁶

Essa tendência de abusar dos estereótipos, apontada por Darnton, faz com que os repórteres policiais optem por uma redução da linguagem utilizada, pelo fato de se propor escrever enquanto “jornalismo popular”, como se o seu público leitor fosse formado por crianças, “o povo essa grande criança”, ironiza o historiador. Segundo ele, é por causa dessa escolha *estética* que forma-se o “caráter sentimental, moralista, com ares de superioridade, do jornalismo popular”.⁹⁷

Diante das questões colocadas sobre a estrutura e o processo de feitura dos *fait divers*, faz-se necessário descrever alguns procedimentos e questões de método sobre sua utilização enquanto fonte histórica. Uma forma de tratamento das fontes foi encontrada nas problematizações sobre o *olhar* do historiador feitas por Frank Ankersmit.⁹⁸ Ao criticar os historiadores modernistas, por acreditarem que a leitura e interpretação das fontes e evidências levam à descoberta de uma realidade histórica oculta, Ankersmit contrapõe o que ele chama de *olhar pós-modernista*, afirmando que as evidências não são capazes de reconstruir o passado como ele realmente foi, elas apenas apontam para interpretações do passado. Para concluir seu raciocínio, ele faz uso de uma alegoria sobre a forma de lidar com as evidências do passado: o modernista as encara como um azulejo que é preciso levantar para

⁹⁵DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91.

⁹⁶ Idem.op.cit. p.91.

⁹⁷ DARNTON, Robert. op.cit. p.93.

⁹⁸ANKERSMIT, F.R **Historiografia e pós-modernismo**. *Topói*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 113-135. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi02.htm

desvendar o que se tem embaixo, já para o pós-modernista elas (as evidências) são um azulejo sobre o qual se pisa a fim de se chegar a outros, sempre de forma horizontal. Portanto, não nos debruçamos sobre as fontes com a intenção de desvendar a história oculta por trás dos textos, mas antes, com a consciência de que o jornal é um tipo de fonte onde encontramos diversas falas, de diferentes territórios do discurso. Ao pesquisar “sociabilidades marginais” como a malandragem e a prostituição, por exemplo, podemos encontrar desde a fala de criminalistas, a de médicos, como também de agentes de estado, que falam sobre o assunto a partir de sua disciplina, de seu lugar de fala.

Embora pequenos fragmentos, escritos em tom romântico, com uso recorrente de recursos textuais oriundos da literatura de ficção, pode-se colocar em questão a veracidade das informações divulgadas nesse tipo de notícia, se lido com certa atenção e técnica, os *fait divers* podem fornecer pistas importantes sobre aspectos do cotidiano da época em que foram publicadas, bem como ajudar a perceber os valores que circulavam, as angústias e cobranças sociais e morais em relação a determinadas práticas, e até o *modus operandi* dos aparelhos de repressão.

No caso da São Paulo dos anos 1950 e da Boca do Lixo em especial, podemos verificar que o clima de repressão a determinadas condutas, como, por exemplo, *ser mulher solteira* e frequentar bares e cafés sozinha, poderia rendê-la o adjetivo pejorativo de *mundana*. Outro exemplo, o fato de não se ter emprego, situação que qualquer pessoa que vive em uma sociedade capitalista pode se ver inserida, essa situação conjuntural na vida particular de uma pessoa, poderia ser considerada crime e render não só uma advertência verbal por parte da polícia, mas o adjetivo de *vadio* nas páginas dos jornais, e mais, sofrer também o cerceamento da liberdade por acusação de *vadiagem*, podendo, inclusive, ser investigado criminalmente.

Assim, no dia 24-03-1953, o jornal *O Estado de São Paulo* publicava a seguinte notícia com o título de “Preso por vadiagem”:

Foi preso ontem, por volta das 14:30 horas, na rua Amador Bueno, o malandro Shigueru Higuchim, de 40 anos, solteiro, residente na rua Jaguaribe, 86. O vadio já cumpriu várias penas, existindo contra ele sindicância por não ter emprego.⁹⁹

⁹⁹ *O Estado de São Paulo*, 24-03-1953, p.1.

No mesmo jornal, no dia 05-03-1958, na seção policial, era estampado o seguinte título: “Autuado por vadiagem”:

Na tarde de ontem, na Delegacia de Contravenções Penais, foi autuado em flagrante o individuo Antonio Ferreira, de 28 anos, solteiro, sem residência fixa, que foi preso, na praça da Sé, vagabundeando. Contra Antonio Ferreira já existia sindicância, de acôrdo com o artigo 50 (vadiagem da Lei das Contravenções. O malandro foi removido para a Casa de Detenção.¹⁰⁰

Intrigante observar nessa última notícia, que, para além de enquadrar e prender as pessoas pelo simples fato de não possuírem emprego, a prisão foi feita em “flagrante”, sem que houvesse tempo para que o autuado tentasse explicar o motivo de estar sem um trabalho fixo, e esse flagrante era normatizado baseado no artigo 50 de uma lei em vigência no período, a Lei de Contravenções. Ou seja, o fato de estar desempregado, além das consequências financeiras e psicológicas que essa condição impõe a uma pessoa, ainda poderia levá-lo à prisão e ser enquadrado judicialmente como “contraventor.” Por se tratar de um espaço pequeno para veiculação de informações — um *fait divers* tinha na maioria das vezes apenas cinco linhas — vemos que o repórter faz uso de chavões e clichês, como podemos perceber no momento em que aparecem os termos “vagabundeando” e “malandro” como recurso linguístico capaz de fazer com que o leitor se identifique automaticamente com a ação do aparelho policial, não deixando espaço para uma reflexão mais apurada sobre o fato. Além de estigmatizar e pré julgar o sujeito – objeto da notícia.

Em outra notícia, podemos observar como a reportagem policial do *Estado de São Paulo* trata as mulheres que trabalhavam e conviviam em locais considerados de *baixo nível*, mesmo sabendo que a personagem era casada e na situação relatada agiu para manter a “fidelidade” – esse conceito tão caro aos valores da época – a seu companheiro que estava em casa. Mesmo assim, o jornalista cunha o termo “mundana” para se referir ao sujeito da reportagem. Na mesma nota, podemos observar o estilo novelesco que predominava nos *fait divers*. Há ali elementos como o apelo ao tom “espetacular”, já percebido no título da notícia: “A mundana anavalhou o rosto do ‘garçom’”¹⁰¹, fosse escrito em linguagem formal, com a frieza da *objetividade* jornalística, não seria um título chamativo para o suposto leitor desse tipo de seção. Outro elemento que podemos observar é a intenção de impor uma atmosfera

¹⁰⁰ *O Estado de São Paulo*, 05-03-1958, p.16.

¹⁰¹ *Idem*, 17-7-1953, p.5.

novelesca ao relato, como por exemplo, a descrição de um clima que envolve bajulação, assédio e a possibilidade de adultério; e a violência da ação:

S. PAULO, 16 (Meredional) – A mulher Dalvina Januaria, empregada numa das casas de tolerância na zona do baixo meretrício, hoje, a tarde, golpeou o rosto do garçon Arquimedes Soares de Lima, que em estado grave foi internado no Hospital das Clínicas. Na polícia declarou Dalvina que, embora trabalhando “num lugar ruim”, era mulher de respeito e fiel ao homem com quem vivia maritalmente. O garçon há tempos a assediava. Insistindo para que com ele passasse a viver, e hoje a insultara, o que motivou a sua violenta reação.¹⁰²

Embora aliada do aparelho policial no combate aos maus costumes, na manutenção da moral vigente, e às vezes, servindo como porta-voz de cobranças por segurança, moralidade, saúde pública, higienização; a imprensa ao fazer circular através de suas páginas os discursos de setores conservadores, de órgãos do governo, os jornais, e em especial, a reportagem policial, desempenham um papel político importante na produção da cidade. Quando o objeto em questão é a “marginália”, a “prostituição” e toda sorte de desajustados sociais, esse papel fica ainda mais evidente, pois, quando se trata do “submundo” o texto jornalístico recorre a disciplinas externas a seu saber, como, por exemplo, a criminologia, com o intuito de diagnosticar desvios sociais, atuando no sentido de esquadrihar e delimitar a cidade, criando áreas “degradadas”, fazendo mapeamento moral dos espaços, escolhendo personagens – alvo, para protagonizar diariamente, envolvendo-os em um enredo digno de novela.¹⁰³

Foi através dessa atitude de se reivindicar enquanto porta-voz de demandas moralistas de setores da sociedade paulistana, atuando no sentido de estereotipar determinadas práticas e delimitar espaços “marginais” dentro da cidade, que podemos perceber nas páginas do jornal *Diário da Noite*, a partir de 1951, uma série de reportagens, notas e artigos que cobravam das autoridades competentes, uma atitude contra a zona do meretrício do Bom Retiro. Importante lembrar que a criação de um espaço confinado para o exercício do meretrício na cidade de São Paulo, começou a ser pensado e demandado no final da década de 1930, pois a elite cafeeira queria desfrutar dos avanços arquitetônicos pelos quais a cidade vinha passando, se sentia incomodada em dividir o espaço urbano com esses tipos *devassos*, tendo que conviver e presenciar práticas como a prostituição e as diversas sociabilidades que atraía, como por

¹⁰²O Estado de São Paulo, 17-7-1953, p.5.

¹⁰³BENATTE, Antônio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na “capital mundial do café”**(Londrina 1930-1970). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 1996.

exemplo, o jogo e a malandragem. Portanto, surgia a necessidade de delimitar, de isolar essas práticas em um lugar que ficasse distante do olhar das boas famílias que tinham de transitar por São Paulo.¹⁰⁴

Importante lembrar que no período pré-criação da zona do Bom Retiro, um setor da imprensa paulistana serviu como veículo para a emissão dos discursos a favor da criação de um espaço confinado para o exercício do meretrício. Nesse sentido, podemos observar o discurso do então Interventor Federal de São Paulo, Adhemar de Barros, publicado no jornal *A Platéia*, no qual ele profere os motivos e vantagens de se delimitar o espaço de atuação da “zona”: “não só para facilitar o policiamento como também, por oferecer um interessante campo para estudos sociais, defendendo, ao mesmo tempo, a ordem e a moralidade pública.”¹⁰⁵ Assim, num clima de coesão política que envolvia políticos, empresários e setores da alta sociedade paulistana, Adhemar de Barros publica no final de 1940 um decreto que cria a zona de confinamento no bairro judeu do Bom Retiro.

O local escolhido foram as ruas Itaboca e Aimóres, que ficam para além das linhas e trilhos da *Sorocabana*. Não demorou e essas ruas passaram a ser uma das mais movimentadas da capital paulista, principalmente aos finais de semana e vésperas de feriados, atraindo gente de outros bairros e cidades. Após essas datas, as ruas, que durante o dia funcionavam como ponto de comércio tradicional, ficavam muito sujas, por isso, muitos comerciantes e famílias do local começaram a reclamar, e a imprensa, claro, se prontificou a servir novamente como porta-voz dessas demandas. Dessa forma, *A Platéia* publica a seguinte nota: “o escândalo que se vem verificando, especialmente aos sábados e quando a extraordinária multidão que desfila por essas ruas da boemia na falta total de mictórios despeja as urinas pelas ruas.”¹⁰⁶

Como vimos, não demorou muito para que setores da sociedade e da imprensa mudassem sua opinião a respeito da medida de confinar a prostituição na cidade. A partir disso, todos os dias vários jornais estampavam manchetes na capa, narrando a “sujeira”, a “violência” e a “pouca-vergonha” que diariamente tomavam conta de parte do Bom Retiro. Esse clima começa a se acirrar durante a década de 1950, já no Governo de Lucas Nogueira Garcez. Esse governo foi caracterizado, na época, como o governo da *limpeza*, da *moralidade* e dos *bons costumes*. Garcez era muito próximo de setores conservadores da Igreja Católica.

¹⁰⁴FONSECA, Guido. op.cit. p. 210.

¹⁰⁵*A Platéia* apud. FONSECA, Guido. Op. cit. p.210.

¹⁰⁶*A Platéia*, 04-12-1940. p.6.

Já em 1951, começa-se uma ação de repressão do aparelho policial na Zona do Meretrício. O *Diário da Noite* relata um desses momentos. “Pânico no Bas-fond”, era a chamada da matéria:

*A policia cercou o bairro, deteve 500 pessoas e interrogou mais de três mil. – Mais de 500 prisões foram efetuadas na noite de sábado, por volta das 23:30 horas, na diligência levada a efeito pela 2ª Delegacia de Policia da Capital, sob a orientação do delegado Guilherme Pires de Albulquerque. A primeira medida foi mandar fechar todas as entradas que dão acesso à zona, compreendidas pelas ruas Aimorés, Carmo Cintra e Itaboca. Essas vias públicas fervilhavam de indivíduos de toda a espécie, alguns malandros já conhecidos da polícia, exploradores das infelizes que frequentam os lupanares....*¹⁰⁷

Nota-se, já de imediato, que o jornalista queria justificar estaticamente a ação da polícia e já começa explorando a grande quantidade de detenção e interrogatórios que a ação policial gerou. Entre as várias formas de atuação do jornal no sistema de relações de poder em que ele se insere, uma delas é essa de servir como portador de demandas e cobranças da população para o governo e outras instituições, mas também como prestador de contas dos mais diversos aparelhos do estado e da sociedade. Logo em seguida, justificada a ação policial, o texto focaliza a estigmatização do espaço geográfico e os seus praticantes, daí o uso de termos como “espécie”, “malandros”, “exploradores” e “infelizes”. Na segunda parte do texto, o jornal nos informa quais os tipos sociais que foram detidos nessa diligência. Diz: “Ladrões, “caftens”, “batedores de carteiras”, homossexuais e outros indivíduos, em número superior a 50, que foram reconhecidos pelos policiais, foram detidos e encaminhados para o plantão do D.I.”¹⁰⁸

Esse clima de cobranças e disputas sobre o que fazer com a Zona do Meretrício só teve fim quando o governador Lucas Nogueira Garcez publicou, em 1953, o já citado decreto, que colocava fim à chamada “Zona” do Bom Retiro. Ironicamente, no mesmo dia da publicação desse decreto, foi publicado outro, que mudava o nome da rua que mais representava a zona da prostituição do ponto de vista do imaginário cultural, a Rua Itaboca. O governo mudou seu nome para Rua Cesare Lombroso, coroando, com essa homenagem ao criminalista italiano, o seu trabalho para extinguir a prostituição da cidade de São Paulo.

Essa relação de poder que se estabelece e se articula internamente nas páginas de um jornal, articulando dentro das mesmas, conforme já mencionado, diversos saberes, instituições e setores da sociedade, tende a extrapolar o universo discursivo e impactar na vida cotidiana

¹⁰⁷ *Diário da Noite*, 29-08-1951. p.3.

¹⁰⁸ Idem. p.3.

da cidade; e em sentido contrário essa relação também se estabelece, nas tensões e questões surgidas na vida cotidiana interferindo na produção discursiva da imprensa. No material que analisamos e aqui especialmente no jornal conservador *A Capital*, podemos observar a existência de uma insatisfação desse veículo de comunicação — que na época representava os interesses de setores ligados ao mercado financeiro — com as notícias narradas pela reportagem policial, que para os editores romantizava os feitos de criminosos e retratava com glamour tanto a vida da prostituição quanto a do crime, que segundo o jornal, acaba por incentivar a entrada de mais e mais pessoas na vida dos delitos e do pecado, ofendendo assim, a moral do *povo bandeirante*. O jornal, que se apresentava como “jornal-magazine”, era publicado mensalmente. Podemos notar em três editoriais diferentes, a preocupação do mesmo com a chamada *imprensa marrom*; nesses editoriais, o jornal se valia do auxílio de outros saberes, como a medicina e a criminologia, por exemplo, para sustentar sua tese de que a reportagem policial era um mal a ser combatido e extirpado. Também, pode-se observar a tentativa de mobilizar diversas instituições da sociedade para sua causa, como se percebe em constantes apelos ao clero, a polícia e aos políticos. Na edição de janeiro de 1962, o jornal publicara editorial com o título “O noticiário criminoso e dissolvente”; o uso do adjetivo *dissolvente* já deixa claro a posição contrária do jornal à forma de narrativa veiculada nas seções dedicadas à reportagem policial dos outros jornais; e mais, afirmava que as mesmas atuavam no sentido de dissolver determinados valores caros para a visão de mundo de *A Capital*, nesse sentido o editor prossegue:

Afinal, “água mole em pedra dura...”, aqui está uma das manifestações mais merecedora de acatamento e gratidão: o presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de S. Paulo, prof. Flaminio Favero, apresentou-lhe a proposta que estudada em plenário em sua 205ª reunião, em 14 de Março, foi POR UNANIMIDADE APROVADO, e deliberado transmitir a todos os jornais de São Paulo e autoridades competentes.

Essa proposta refere-se ao noticiário policial, e, sendo esta folha a única que, na imprensa nacional tem movimentado uma persistente campanha contra tal sistema de noticiário sensacional é com a maior satisfação que transcrevemos o texto integral do protesto, hipotecando – lhe integral solidariedade¹⁰⁹.

O texto trata de uma proposta apresentada pelo presidente do Conselho Regional de Medicina em reunião do citado órgão, no sentido de tentar frear a disseminação de notícias jocosas nas páginas de jornais paulistanos. O editor de *A Capital* faz o uso da metáfora “água

¹⁰⁹ *A Capital*, Janeiro de 1962. p.1.

mole em pedra dura...” para ilustrar a luta e protagonismo do seu jornal na batalha contra o sensacionalismo e ao mesmo tempo para salientar que enfim, depois de tantas insistências e batalhas, algum órgão respeitável da sociedade resolvia se pronunciar. O texto prossegue com a publicação na íntegra da nota do Conselho de Medicina, eis o texto:

“De ordem do Conselheiro Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de S. Paulo, conselheiro Flaminio Favero, cumpre-me apresentar a v.s, proposição estudada pelo plenário em sua 250ª reunião, realizada em 14 último e por ele aprovada unanimemente, que se relaciona com publicações noticiosas de natureza policial inseridas de frequente nos jornais desta capital. “Assistimos no momento ocorrência social demasiado desagradável. Habitantes de vários bairros da cidade vivem sobressaltados pela ação criminosa do “bandido mascarado”. Toda a população se inquieta e se comove pela natureza dos crimes cometidos.” Ninguém ignora os objetivos do referido malfeitor.

Para aumentar a intranquilidade e piorar o trauma emocional, a polícia e a imprensa fazem questão de identificar as vítimas mesmo quando há dias o fato delituoso ocorreu com uma menor. Embora o nome não tivesse sido citado, cuidou a polícia e a imprensa de anunciar a residência da vítima, identificando-a de maneira indireta, mas sem dúvida, realizando o sádico desejo de denunciar de modo claro quem era a vítima.

Nos médicos, Sr. Presidente, compreendemos a necessidade de se guardar segredo a respeito de certas ocorrências, porque sabemos da possibilidade de tais revelações concorrer para agravar traumas psíquicos, tornando – os irreparáveis. Nestas condições, propomos que o Conselho de Medicina proteste, em defesa das vítimas e do sentido de humanidade que nunca deve abandonar o profissional de medicina, contra tal proceder da polícia e da imprensa.¹¹⁰

Trata-se aqui, como podemos observar, do embate de uma entidade representativa de um saber, no caso o Conselho Regional de Medicina, que se utiliza do espaço discursivo de outro tipo de instituição, o jornal, para emitir uma opinião contra um tipo de linguagem, a reportagem policial veiculada em jornais concorrentes de *A Capital*. A nota é endereçada a outra instituição, a Presidência da República. No texto a entidade médica toma para si o direito de falar em nome de moradores inconformados com a forma que imprensa veicula notícias sobre os feitos do Bandido da Luz Vermelha, e reclama sobre a identificação das vítimas nas páginas dos *fait divers*; termina reafirmando a posição do Conselho contra a imprensa e a polícia, mas não sem antes recorrer ao saber psiquiátrico para justificar seu argumento.

Ao que parece, o apelo às instituições laicas não foi suficiente para que a sua cruzada contra a reportagem policial obtivesse sucesso, em outubro de 1962 *A Capital* resolve buscar ajuda junto ao clero para continuar sua batalha contra o sensacionalismo. Dessa forma,

¹¹⁰ *A Capital*, Janeiro de 1962. Op.cit. p.1.

estampa no título de seu editorial a frase “Contra a perversão e a degeneração”, o texto é endereçado ao Cardeal Dom Câmara, Archebispo de São Paulo. Na argumentação, como recurso para obter a imediata simpatia do Cardeal, o editor enfatiza a atuação do jornal no que chama de *causa santa* contra o comunismo e o jornalismo marrom, que por sua vez, seriam responsáveis por dilacerar os costumes e a moral cristã da sociedade paulistana:

A coleção desta folha, em seus 45 ou 46 anos da atual orientação, (facilmente compulsavel no Arquivo do Estado) atestará aos seus leitores sua indefectível batalha contra a degeneração, perversão de costumes reclamando providencias enérgicas das respectivas autoridades, alem de intervenção salutar de autoridades, inclusive da Ecclesiastica... Acompanha esta alguns exemplares da “A CAPITAL”, órgão independente que mantém a santa batalha contra o comunismo e dissolução de costumes de forma enérgica e permanente.¹¹¹

Ainda nesse artigo, continua-se a mobilização de poderes e instituições para estirpar os relatos degradantes e obscenos da imprensa policial, que expõem constantemente a formação moral da população da cidade. Dessa vez, o editor faz menção a carta enviada ao Presidente da República, reportando-se à época em que o mesmo foi designado pelo clero para compor um conselho econômico sobre assuntos de interesse do Brasil junto a Europa. Temos, portanto, o entrelaçamento de três poderes que atuam no sentido de interditar o discurso emitido pelas seções dedicadas a reportagem policial na São Paulo da década de 1960, podemos observar a mobilização da Igreja e do saber religioso, da Presidência da Republica, além disso, faz referência a uma delegação que atuava no debate sobre economia e comércio. Como podemos observar na seguinte parte do editorial:

Num dos números encontrará V. Emiin os relatórios enviados ao Sr. Presidente da Republica, relativo aos trabalhos na qualidade de membro da Delegação Economica Comercial do Brasil na Europa que me coube desempenhar por ordem de S. Exa.¹¹²

Após desenvolver toda sua argumentação com o intuito de mostrar ao representante da Igreja todo o esforço feito pelo jornal no sentido de combater a proliferação dos discursos sensacionalistas nos jornais em circulação, o editor conclui seu raciocínio afirmando que se não houvesse um enquadramento e uma normatização por parte do Poder-saber jurídico, via a inclusão de um artigo específico na Lei de Imprensa, artigo esse que proíba a divulgação de notícias sobre crimes, bem como fotos consideradas obscenas, seria inútil todo o esforço feito

¹¹¹Ibidem, p.2.

¹¹²A Capital, Outubro de 1962, p.2.

ao longo do tempo, pelo jornal e pelas outras instituições envolvidas na cruzada contra o sensacionalismo. No final, ele ainda se vale de um recurso retórico, ao usar o termo “infância” como um dos setores que clamam por essas medidas:

Aproveito a oportunidade para lembrar que todos os esforços contra o sensacionalismo e dissolução de costumes, não serão profícuos se não tiverem que na Lei de Imprensa seja incluído o artigo proibindo tal divulgação do noticiário policial e fotografias obscenas. Nossa infância clama por essas medidas e só V. Emin poderá consegui-la. Com elevado respeito e acatamento de V. Emin devotíssimo patricio J. C ¹¹³

A preocupação corrente era que os constantes relatos sobre os feitos criminosos dos malandros e da vida libidinosa das prostitutas, contadas através da linguagem romantizada e adornada por recursos como o chavão, utilizados pelos repórteres policiais, influenciassem de maneira negativa os leitores, principalmente a juventude.

Sobre isso, Ramão Gomes Portão¹¹⁴, repórter que atuou com frequência na *Boca do Lixo*, chama atenção para o que ele denomina de “influência” que os meios de comunicação de massa, especialmente a reportagem policial, exercem sobre a opinião pública. Ele diz que esse tipo de relato contribui na formação da chamada “opinião pública”, pois ele cria questões de interesse público, e que a ação do repórter ao cobrir determinados locais onde a população por diversos motivos não tem acesso, acaba por “formar” o conhecimento das pessoas sobre a “criminalidade”, influenciando também as atitudes a serem tomadas pelas “instituições de defesa social” em relação aos marginalizados. Como vimos, essas relações se estabelecem e podem ser percebidas diariamente na prática de informar-nos através da leitura do jornal.¹¹⁵

Outra forma de atuação da reportagem policial no sentido de pressionar as autoridades e aparelhos de Estados a se posicionarem em relação a determinadas sociabilidades consideradas “marginais”, é quando essa se comporta como uma espécie de “tribuna de debates” sobre o que se considera um problema social a ser enfrentado. Nesse caso, é recorrente encontrar nas páginas dos jornais no período pesquisado, entrevistas com agentes do governo intimados a prestar contas de suas ações para combater o crime e os maus costumes, como é o caso da entrevista encontrada no Jornal *Diário da Noite* em Agosto de 1963, com o então Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, na segunda gestão de Ademhar de Barros, o General Adelvio Barbosa de Lemos. Na ocasião, o então

¹¹³ Ibidem, p.2.

¹¹⁴ Ramão Gomes Portão era formado em Direito, mas atuou como editor de policia do famoso jornal Notícias Populares durante 20 anos e conhece bem os melindres da feitura desse tipo de reportagem.

¹¹⁵ PORTÃO, Ramão Gomes. **Criminologia da Comunicação**. São Paulo: Traço Editora, 1980. p.13.

Secretário havia sido convocado pela Assembleia Legislativa para prestar alguns esclarecimentos sobre os acontecimentos ultrajantes da *Boca do Lixo*. O jornal se antecipa à sabatina da Assembleia, e o convoca para uma entrevista onde o título já oferece ao leitor uma opinião do entrevistado sobre os principais assuntos pautados, diz: “Sou pela regulamentação do jogo e da prostituição”, porém, logo em seguida, o jornal procura desqualificar a opinião do secretário “Digressões filosóficas do velho General”.

A entrevista segue com o secretário descrevendo como se comportaria perante aos questionamentos que iria receber na casa legislativa: “Responderei com lealdade e franqueza a todas as perguntas que me forem dirigidas pelos ilustres deputados da nossa Assembleia Legislativa. Direi inclusive os motivos pelos quais sou pela regulamentação do jogo e do difícil problema do sexo.” Logo em seguida, ciente do jogo de forças e de poder ao qual estava prestes a ser submetido, diante do desafio de entrar nessa *ordem arriscada do discurso*¹¹⁶, o secretário estabelece de imediato uma separação, uma distinção, entre sua opinião pessoal sobre as práticas do jogo e da prostituição na *Boca do Lixo* e do seu dever enquanto agente do Estado, como podemos observar:

Faço absoluta questão de frisar que, como secretário de Estado, coíbo a contravenção penal a qualquer preço. Todavia, como cidadão, homem particular, sou pela existência legal de ambos. Em todos os regimes, em todos os tempos, jogo e questão sexual foram duramente combatidos, no entanto, tidas como autentico calcanhar de Aquiles de todos os governos.¹¹⁷

Em seguida, o secretário se despe totalmente da postura de cidadão com opinião progressista em relação ao jogo e à prostituição para descrever em detalhes como se daria sua atuação na repressão aos praticantes da Boca do Lixo. Nessa descrição recorre a termos utilizados pelos repórteres policiais para se referir aos habitantes do local e a seu cotidiano, como por exemplo, o uso das palavras “degradante”, “intolerável” e “desajustadas”, como podemos observar:

Como auxiliar de um governo que me honrou com a direção desta importante pasta, cumpre-me combater a contravenção e o crime. Isso o farei de qualquer forma. Quando assumi a SSP tive a cautela de mandar filmar e fotografar o aspecto degradante da chamada “Boca do Lixo”. O espetáculo triste de filas de mulheres prostradas na via publica em atitude de deboche vai acabar. Até aqui, o delegado Milton Martins de Lara, titular da Delegacia de Costumes, autoridade das mais dignas, tem se portado como um herói na

¹¹⁶FOUCAULT. op.cit. p.7.

¹¹⁷ **Diário da Noite**, 09-08-1963, p.5.

repressão aos delitos atinentes à sua Especializada, em fato dos poucos recursos do que ela dispõe. Todavia, tão logo aquela Delegacia receba os reforços que objetivo fornecer, espero que os lamentáveis espetáculos daquelas ruas desapareçam. O delegado Milton Martins de Lara continua a merecer a minha confiança. Estamos em plena batalha e, em tal fase, não se troca de comando. Acredito, também, que a Delegacia de Costumes, uma das mais importantes da nossa Polícia especializada, elimine, quando estiver devidamente equipada, o intolerável e conhecido “trottoir” de mulheres desajustadas.¹¹⁸

Ele encerra a entrevista descrevendo a situação e a estrutura utilizada pela polícia para reprimir esse tipo de contravenção. Não sem antes, apoiar o seu enunciado na incorporação de *estudos realizados* e no *planejamento* das ações de repressão que seriam desenvolvidas. No final, faz questão de lembrar a responsabilidade e o papel da imprensa no sentido de fiscalizar e pressionar o Estado para que tome as providências cabíveis:

Até aqui a nossa posição foi de estudos e de observação, agora, com tudo devidamente planejado, vamos avançar no sentido da trincheira do inimigo comum, isto é, a delinquência. Em cada posto chave da Polícia coloquei o homem adequado. Todos estão colaborando com dedicação. As delegacias especializadas, as distritais, as regionais do interior do Estado passaram a funcionar entrosadamente. Espero que a imprensa continue firme na sua função fiscalizadora. As portas da minha secretaria estão abertas aos jornais. Recebo a crítica como subsidio ao meu trabalho, nunca como ofensa à minha administração.¹¹⁹

Sobre essa “confusão” que é a leitura diária de um jornal, o antropólogo Bruno Latour faz uma descrição interessante, e a partir de uma notícia sobre o “aumento do buraco na camada de ozônio” ele descreve que no mesmo artigo encontrou várias falas, desde opiniões de químicos à de executivos de empresas produtoras de pesticidas, passando por chefes de estados e ecologistas, além é claro, da visão do próprio jornal através do jornalista designado para produzir a matéria principal. Diz ele: “O mesmo artigo mistura, assim, reações químicas e reações políticas [...]. As proporções, as questões, as durações, os atores não são comparáveis e, no entanto, estão todos envolvidos na mesma história.”¹²⁰ Ele conclui seu raciocínio de forma cômica e irônica: “Se a leitura do jornal é a reza do homem moderno, quão estranho é o homem que hoje reza lendo estes assuntos confusos. Toda cultura e toda natureza são diariamente reviradas aí.”

¹¹⁸Idem, p.5.

¹¹⁹**Diário da Noite**, 09-08-1963, p.5.

¹²⁰LATOUR, Bruno. 1994. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1991. p.7.

Neste capítulo da nossa pesquisa, procuramos demonstrar como o objeto de estudo foi constituído na teia discursiva da imprensa, como foi pensado, retratado e quais saberes e discursos foram mobilizados pelo jornal para retratá-lo, partindo da observação foucaultiana, já mencionada algumas vezes em nosso texto, de que os *objetos são resultados de uma formação discursiva*.¹²¹ O caso da “Boca do Lixo” não foge a essa assertiva, pois se trata de um lugar onde se desenvolviam práticas como a prostituição e a malandragem, seu nome foi cunhado pela intensiva cobertura feita pelos jornais através da reportagem policial. O produto das reportagens produzidas no jornal é nomeado por “informação”, o historiador Frank Ankersmit diz que causa estranhamento as metáforas utilizadas para se referir ao conceito, como se a informação fosse algo físico: “A informação ‘flui,’ ‘se move’, ‘se espalha,’ é ‘trocada’, é ‘guardada’ ou é ‘organizada.’¹²² Voltando ao debate sobre a linguagem do jornalismo policial, lembramos que os *chavões* e o *lugar-comum* são artefatos da escrita jornalística, orientados, em muitos casos, pelos manuais de redação dos jornais, eles cumprem uma função de sobrepor a descrição dos fatos, o que dá aos títulos das reportagens uma materialidade própria, como diz Tognolli:

No caso de um crime já disponho de todas as aberturas de matérias possíveis realizadas pelo jornalismo policial. No caso de economia tenho todo um componente técnico e reprodutível da linguagem a meu serviço; os candidatos que “não alçam voo”, os partidos que “não aquecem as turbinas” [...] para descrever a briga entre dois políticos, me basta adotar todo o referencial da linguagem bélica: os “flancos expostos”, os “pelotões de fuzilamento” e o “entrincheiramento” de políticos num determinado partido.”¹²³

As leituras das fontes nos mostram uma tendência dos jornais analisados em fazer o uso recorrente de termos pejorativos ao se referirem às práticas e sociabilidades marginais, procurando sempre ressaltar os aspectos considerados negativos, como se os “malandros” estivessem o tempo inteiro assaltando, traficando e que tais pessoas não mantinham nenhum outro tipo de afetividade, de relação interpessoal e familiar.

A filósofa Judith Butler discorre sobre um conceito que ela chamou de “ficções fundacionistas”, que advém da forma como o sistema jurídico e de poder constituem os “sujeitos”. Aqui, usando de formulações foucaultianas, ela parte da ideia de que os objetos passíveis de historicidade são construídos através do discurso, ou seja: conceitos como o de

¹²¹FOUCAULT apud LOPES, Fabio Henrique. op.cit.p.18.

¹²²ANKERSMIT, F.R. op.cit. p. 120.

¹²³TOGNOLLI, Claudio Julio.op.cit. p.161.

mulher e feminismo, por exemplo, surgem através de uma formação discursiva baseada na ideia- que ela critica - de *representação*, no sentido de tentar se criar uma identidade que dê conta de todas as relações estabelecidas por um determinado sujeito. Ela cita, como exemplo, o problema político do termo *mulheres*, que pressupunha uma identidade comum a todas as mulheres, o termo se tornou problemático e um ponto a ser complexificado, diz Butler: “Se alguém é mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é...”¹²⁴

Na direção da questão proposta por Judith Butler acerca da ideia de gênero, gostaríamos de transpor o problema para a análise das fontes, principalmente a partir de um questionamento levantado por Hiroito de Moraes Joanides em autobiografia. No prefácio escrito pelo jornalista Orlando Criscuolo, ele relata que em certa ocasião de trabalho, encontrou com Hiroito na prisão e já nesse instante percebeu estar diante de um malandro *sui generis*, ao notar a forma contundente com que Hiroito dialogou com ele acerca das reportagens policiais que o jornal para o qual ele trabalhava produzia. Embora o jornalista relate que tenha se criado certa simpatia mútua entre os dois, por conta dos diálogos inteligentes, haja vista sua fala antes de se despedir de Hiroito:

Gostei de você. Mas fique sabendo que vou tentar transformar em notícia tudo aquilo que você fizer contra a lei. [...] até vê-lo pela vida toda no fundo de um cárcere”. [Diálogo no qual, Hiroito respondeu:] “Mas lembre-se de uma coisa: nunca diga, em tudo que escrever sobre mim, que sou um homem incapaz de amar”¹²⁵.

Essa passagem ilustra bem como se dava a relação entre o jornal — em especial os repórteres policiais — e o objeto de suas reportagens: os mais diversos tipos de “desajustados”. Embora o repórter admita ter adquirido certa simpatia pela figura de Hiroito, ao se dirigir ao mesmo, faz questão de frisar que sua função é retratar os seus feitos diariamente, com a intenção de auxiliar o saber jurídico para colocá-lo por toda a vida no cárcere, cumprindo com isso a função social que setores da imprensa creditavam à atividade jornalística.

Conforme apresentado no decorrer do capítulo, a cobertura dos jornais analisados funcionou como suporte discursivo de aparelhos do Estado, instituições sociais e de saberes, que viam nas práticas “marginais” desenvolvidas no cotidiano da *Boca do Lixo* uma ameaça para os valores e costumes que queriam fazer circular no imaginário cultural da época. Para

¹²⁴BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005. p.78.

¹²⁵JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. Labortexto, São Paulo, 2003. p.25.

isso, se utilizaram das diversas seções dos jornais analisados, transportando para suas páginas os discursos de diferentes campos do saber, sempre na direção de esquadrihar, separar, estereotipar e estigmatizar o cotidiano do local e seus praticantes. Frisando sempre a sujeira, a violência, a promiscuidade, utilizando sempre adjetivos negativos, como se o cotidiano dessas pessoas fosse o tempo inteiro perpassado por essa aura sombria, como se no local, não existisse outras formas de se relacionar que não as descritas nas páginas dos jornais.

Estética da existência e táticas de resistência: as tensões cotidianas com a Polícia e a imprensa

Nessa parte entra em cena de maneira mais incisiva a figura de Hiroito de Moraes Joanides e a análise de seu relato autobiográfico sobre o cotidiano da Boca do Lixo entre 1953 e 1963, bem como os conceitos que serão utilizados para refletir sobre sua narrativa e sobre a figura do malandro enquanto um “esteta da existência”. Portanto, podemos dizer que teremos um deslocamento do foco de observação do campo da produção de subjetividade feita pela imprensa e pelos mecanismos de propaganda do Estado, para uma análise da ética/estética enquanto forma de resistência às representações criadas pelos dispositivos de poder; ou seja, de um lado a moral difundida através de códigos de costumes e dispositivos midiáticos e do outro a escrita de si enquanto estilização da existência, ou como escreveu a historiadora Sandra Caponi uma “estética da resistência”.

No texto de Hiroito, esse embate pode ser observado em diversos momentos, desde as narrações descritivas sobre as táticas e astúcias das quais se utilizam os moradores/praticantes da Boca para burlar a lei, a moral e suas regras, conseguindo com isso sobreviver de forma alternativa, fugindo da rígida moral do trabalho e da disciplina que eram hegemônicas no imaginário cultural da São Paulo de meados do século XX. Ou mesmo na autoconstrução de Hiroito como personagem desse microcosmo em contraposição à imagem construída no noticiário da imprensa.

A primeira vista, pode parecer muito estranho — ou fora de lugar — se utilizar de um conceito retirado da aristocracia intelectual da Grécia antiga para pensar a plebe malandra e marginal da cidade de São Paulo nas décadas de 50 e 60 do século XX. No entanto, para problematizar essa questão, é interessante trazer um argumento da filósofa Olgária Matos em

entrevista para o programa *Provocações* da TV Cultura.¹²⁶ Depois de explanar que nas humanidades os conceitos de “progresso” e “decadência” não são apreendidos como nas ciências naturais ou em tecnologia, melhor dizendo, no campo das chamadas Ciências Humanas, nenhuma pesquisa ou conceito pode ser tomado como ultrapassado, datado; por isso, pode-se afirmar que existe uma interlocução entre as diferentes épocas. Ela diz: “nós podemos, por exemplo, colocar hoje, perguntas contemporâneas ao mundo grego e perguntas gregas ao mundo contemporâneo, correr o risco desse anacronismo é fazer falar aquilo que está silencioso, mas que pode vir a falar”. Através desse tipo de extravagância conceitual pode-se chegar a algumas respostas que antes não se tinha; ou mesmo, observar determinado objeto sobre outro ponto de vista, o que em nosso entendimento estava no horizonte do filósofo francês ao promover a análise dessas práticas da existência a partir do mundo grego. Não se trata – para Foucault – de empreender uma escolha pelas formas de vida do mundo helênico contra a contemporaneidade, mas antes “fazer um paciente percurso por estas técnicas antigas, por aqueles rituais e pensamentos, a fim de utilizá-los como uma ferramenta para problematizar o nosso presente”¹²⁷ Ainda sobre esse aspecto, Deleuze diz:

...o que interessa essencialmente a Foucault não é um retorno aos gregos, mas *nós hoje*: quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas”, para além do saber e do poder?¹²⁸

Na trajetória do pensamento de Michel Foucault, essa fase em que ele se volta para pensar a ascese grega, as práticas do cuidado de si e uma ética sexual, é recebida por alguns de seus comentadores como uma “virada” teórica em seu trabalho. Se estabelece um distanciamento em relação a suas pesquisas anteriores como *A história da loucura* e *Vigiar e Punir*, onde o que estava no centro de suas preocupações era elaborar uma “arqueologia das ciências humanas”, tida como a primeira fase de seu pensamento e depois em propor uma “analítica do poder”, segunda fase. Na fase arqueológica, pode-se dizer que a preocupação era estabelecer as condições de possibilidade para a emergência das Ciências. E na segunda fase,

¹²⁶ **Programa Provocações.** Nº 09, TV Cultura. Exibido em 11/03/2011 Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/programa-009>.

¹²⁷ CAPONI, Sandra. **Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível.** Tese(Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de Campinas, 1992.p. 230. p.223.

¹²⁸ DELEUZE, Gilles. **Conversações:1972-1990.**Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992. p.128.

pensar as técnicas e tecnologias do poder, ou seja, identificar como o poder domina e faz obedecer.

Alguns opositores apontavam que no Foucault arqueólogo do saber e no analista do poder, não existia espaço para pensar o sujeito enquanto agente de sua história, ou seja, os homens estavam presos às estruturas pré-concebidas do pensar e do viver, a uma normatização do cotidiano pelos mecanismos do poder, sendo anulados em sua ação no espaço público. Não havia margem para a resistência e para uma atuação política criativa, eram apenas objetos passivos, sujeitos a serem moldados pelas tecnologias do poder. Ou ainda, a confusão gerada pela interpretação maliciosa do enunciado feito em *As palavras e as coisas* que anunciava a *morte do homem*¹²⁹; como se ao fazer essa afirmação, que tem relação com a invenção de um conceito de homem a partir do surgimento de alguns campos do saber e que o seu desaparecimento ou reorganização desse campo pode ocasionar no desaparecimento do conceito de homem, tal como um dia ele foi forjado. Sobre isso, o filósofo e seu amigo Gilles Deleuze toma partido e afirma: “Os mal entendidos são frequentemente reações de bobagem raivosa. Há pessoas que não se sentem inteligentes senão quando descobrem “contradições” num grande pensador.”¹³⁰ Para definir precisamente a trajetória de seu pensamento, ninguém melhor que próprio Foucault, em uma entrevista intitulada *Verdade, Poder e Si mesmo*, ele comenta:

Os problemas que estudei são os três problemas tradicionais. 1) Que relações mantemos com a verdade através do saber científico, quais são nossas relações com esses ‘jogos de verdade’ tão importantes na civilização, e nos quais somos simultaneamente sujeitos e objetos? 2) Que relações mantemos com os outros, através dessas estranhas estratégias e relações de poder? Por fim, 3) quais as relações entre verdade, poder e si mesmo?¹³¹

O deslocamento teórico proposto com o estudo das artes de existir é justamente no sentido de pensar formas de resistência que podem ser elaboradas dentro dessas complexas tramas em que estão inseridas as relações de poder, “seus interesses passam a ser os combates e as lutas inerentes às relações de poder, e não as diversas relações de poder que formam as grandes estruturas controladoras dos indivíduos e das massas.”¹³² Ao fazer essa incursão pelo

¹²⁹ FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹³⁰ DELEUZE. op.cit. p.118.

¹³¹ FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. IN:**Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade e política**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad, Elisa Monteiro, Inês Autram Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p.293.

¹³² CASTELO BRANCO, Guilherme. Foucault em três tempos a subjetividade na arqueologia do saber. **Revista Mente e Cérebro – Filosofia**, São Paulo, n. 6, p. 6-13, 2007. p.11.

cotidiano da malandragem paulistana sob a ótica do relato de Hiroito, iremos nos utilizar do conceito de artes da existência tendo como complementação a noção de “táticas” elaborada por Michel De Certeau, pois, é na forma de se relacionar com a moral estabelecida, com as representações construídas sobre como ser homem correto, um cidadão de bem — trabalhador, batalhador, chefe de família disciplinado, as normas sociais de modo geral — que o malandro pode ser tomado como um esteta da existência. Pois, é na releitura e apropriação que o malandro faz dessa moral hegemônica que ele se reinventa, se produz enquanto uma subjetividade autônoma, dotada de sua própria moral e código de conduta, de sua economia de costumes e afetos, bem como, é na astúcia e na arte de burlar que ele se relaciona com os mecanismos de repressão do Estado. Ou seja, existe, em nível discursivo, uma série de mecanismos que definem um comportamento aceitável ou não, o que é ser um homem de bem e o que é estar à margem das convenções socioculturais, uma visibilidade e uma dizibilidade sobre o que é ser um cidadão normal, como chama atenção Sandra Caponi “O poder é uma matriz subjetivante. O *louco*, o *delinquente*, o *marginal* são efeitos do mesmo diagrama de poder que constitui os sujeitos como sendo *normais*”.¹³³

No entanto, ao articular a estética da existência foucaultiana com as artes de fazer de Michel De Certeau¹³⁴, aqui entendidas da seguinte maneira: “as formas com que os usuários se apropriam de um estoque de imagens, enunciados e técnicas de produção sociocultural e subvertem, nem que seja esporadicamente, a sua estratégia de utilização.”¹³⁵ A partir disso pode-se perceber que existem lacunas nesses mecanismos discursivos, nessas máquinas de produção de subjetividade¹³⁶, na atuação dos dispositivos de poder e que se pode inventar um cotidiano — ou modos de vida — na contramão do que os discursos enunciam.

3.1 - A Boca do Lixo enquanto um contraespaço: uma cidade dentro de outra

As cidades, como nos sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

¹³³ CAPONI, Sandra.op.cit. p.230.

¹³⁴DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: as artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves.Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹³⁵ DE CERTEAU.Michel apud ALBURQUERQUE JR. Durval Muniz. **Nordestino a invenção do falo**: uma história do gênero masculino (1920 – 1940) . São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregênêros).

¹³⁶ GUATARRI, Felix. ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**:cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.37.

O filósofo Walter Benjamin, em relato autobiográfico, narra como se deu sua aproximação e o despertar de seu interesse pelos espaços marginalizados da cidade, e em especial, sua atração ou curiosidade pela prostituição. Ao narrar seus passeios com sua mãe pela Berlim de 1910, após uma breve digressão sobre sua condição de garoto de classe abastada que se fechava dentro dos limites de seu bairro burguês, diz ele sobre as poucas vezes que saía desse limite acompanhado do olhar disciplinar e normatizador da figura materna: “Nesse bairro de proprietários permaneci encerrado sem saber da existência dos outros. Os pobres — para as crianças ricas da minha idade — só existiam como mendigos.”¹³⁷ Ainda no mesmo relato, narra que devido ao cotidiano controle moral exercido pelos pais de forte formação religiosa, a única forma de revolta — ou rebeldia — que podia exercer sem que fosse exposto ao castigo e ao controle era a “sabotagem”. Ao contrastar a figura da prostituta com a da mãe, o jovem Benjamin abre caminho para a possibilidade de um olhar ou saber sobre o outro¹³⁸, ao mesmo tempo em que constrói uma forma de resistência ao poder materno:

Recorria a ela (a sabotagem) quando procurava escapar à minha mãe. Mas, de preferência, nos mandados, e com uma teimosia obstinada que frequentemente a levava ao desespero. Adotara mesmo o costume de ficar sempre meio passo atrás. Era como se, em nenhum caso, quisesse construir um *front*, mesmo que com minha própria mãe. O quanto tive de agradecer a essa resistência sonhadora nos passeios incomuns pela cidade, descobri mais tarde, ao se abrir seu labirinto ao impulso sexual [...] Mas já naquela época, quando minha mãe me reprendia a rabugice e o andar sonolento, percebi vagamente a possibilidade de mais tarde subtrair-me de seu domínio em conluio com essas ruas, nas quais, aparentemente, não sabia me orientar. De todo modo, não havia dúvida de que o sentimento — infelizmente, ilusório — de abjurar minha mãe, sua classe e a minha, era o responsável pela atração de me dirigir a uma prostituta em plena rua.¹³⁹

Hiroito, ao narrar como se deu sua aproximação enquanto frequentador daquela parte “maldita” e mal vista da cidade de São Paulo, remete aos tempos de sua adolescência, em

¹³⁷ BENJAMIN, Walter. **Mendigos e Prostitutas**. In: *Rua de mão única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 2). p. 125.

¹³⁸ CHAVES, Ernani. Sexualidade, corpo e desejo em Walter Benjamin. In: **Revista Cult**, São Paulo, p.56 - 57, 01 set. 2006. p. 54.

¹³⁹ BENJAMIN, Walter. op.cit.p.126.

1953, quando era ainda um jovem estudante de 17 anos, pertencente à classe média da cidade, e que se dirigia até o *quadrilátero do pecado* em busca de realizar-se sexualmente nos braços de uma mulher da vida, liberando assim os desejos sexuais que desabrochava com toda potência no jovem estudante. Segundo ele, naqueles tempos, devido aos rígidos costumes morais em voga na cidade, e o peso com que essas regras incidiam sobre a sexualidade, principalmente a feminina, era praticamente impossível para um adolescente conseguir obter prazeres sexuais fora do padrão aceito, ou seja, sexo somente depois de estabelecido o matrimônio.¹⁴⁰

Para as mulheres, essa regra era quase impossível de ser quebrada, qualquer movimento nesse sentido era punido de forma extremamente severa e poderia custar uma vida inteira de constrangimentos. Já os rapazes tinham como alternativa a frequentação às casas de tolerância; por isso, o constante movimento de estudantes do sexo masculino nas tardes da Zona de meretrício. Lembra ainda que essa Zona tinha constante ação de fiscalização por parte da polícia e que as suas características físicas, composta por altura e óculos de lentes grossas, passavam a impressão de que tinha idade suficiente para frequentar o lugar, ajudando assim a burlar o sistema de fiscalização. E à semelhança do relato benjaminiano — guardado os devidos detalhes e diferenças — conclui sua narrativa sobre a aproximação do adolescente Hiroito desse universo paralelo à moral, aos costumes e ambientação convencional das cidades grandes de seu tempo, bem como as táticas e astúcias utilizadas para usufruir e interagir com esse espaço:

Ná época, cursava o quarto ano ginásial, no Ginásio Machado de Assis, no bairro de Pinheiros, e um colega de estudos, mais velho e traquejado que eu, foi quem me conduziu àquele primeiro encontro com uma profissional do amor. E gostei da coisa. Quero dizer, gostei muito. Tanto assim que, de então em diante, possuíse eu os necessários cinco cruzeiros e haveriam de ver-me, todo afobadinho, a desfilar pelas ruas Itaboca e Aimorés, diante daquelas fileiras de portas e janelas-vitrines onde um mar de mulheres, de todos os tipos, cores e tamanhos, se oferecia à macharia passante.¹⁴¹

O filósofo Michel Foucault em um belo e instigante texto sobre a constituição, separação e ordenamento dos espaços, e aqui pensando sobre a distribuição dos tipos de sociabilidades que compõe os processos de territorialização e desterritorialização do cotidiano urbano, alerta que não se vive em um espaço neutro, diz ele: “não se vive, não se morre, não

¹⁴⁰ JOANIDES. Hiroito de Moraes.op.cit. p.46.

¹⁴¹ JOANIDES, Hiroito de Moraes. op.cit. p.47.

se ama no retângulo de uma folha de papel”. O cotidiano de qualquer cidadão e o espaço onde ele se desenrola são perpassados por diversos dispositivos de controle e poder, seu funcionamento normativo separa, divide, produz fronteiras, criando assim espaços sociais “dignos” em oposição a espaços “desprezíveis”¹⁴². Portanto, a metáfora mais adequada para pensar o espaço urbano é imaginá-lo não como uma folha em branco, e sim como um espaço “quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas”.¹⁴³ Seu comentário vai se dirigindo para pensar um tipo de espaço que surge entre todos esses lugares — o bairro, a estação, cafés, cinemas, condomínios, residenciais, parques — e que está automaticamente do outro lado, se colocando em oposição ao modelo utópico do espaço público, que são os territórios pensados para o bom funcionamento das normas, da legislação, da moral e costumes aceitos. Esse tipo de lugar, Foucault chama de *contraespaços* ou *heterotopias*.

Trazendo também a figura da criança, que com sua curiosidade aguçada pelos instintos e pelo imenso desejo da novidade, acaba por descobrir elementos de fuga do mundo normativo dos adultos ao procurar o fundo do jardim, a tenda de índio erguida no quarto; ou ao aproveitarem a ausência dos pais em uma tarde qualquer, para poder ir brincar na grande cama; são elas, as crianças, grandes conhecedoras desses *contraespaços*:

É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois pode-se esconder — se; é a noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis; é enfim, o prazer, pois no retorno dos pais, se será punido.¹⁴⁴

Ao descrever os tipos humanos que habitavam a Paris no auge da modernidade, Walter Benjamin — nas pegadas do poeta Baudelaire — coloca em cena o “flâneur”. Um tipo que viria a compor a fauna urbana das metrópoles modernas, esse personagem que vivia a perambular pelas ruas, principalmente nos locais mais frequentados — as passagens, galerias, estações, feiras livres, cafés concertos etc — faz da sua caminhada um exercício de hermenêutica do cotidiano e dos tipos urbanos.

¹⁴² Ver ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação**, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013. p. 19.

¹⁴⁴ FOUCAULT, Michel. *ibidem*. p.20.

As condições de possibilidade para o aparecimento e desenvolvimento da *flânerie* na cidade de Paris são identificadas com o alargamento das calçadas e o surgimento das grandes galerias, que se ampliaram após as famosas reformas e intervenções urbanas feitas pelo barão de Hausmann. É nas galerias e junto a multidão que o *flâneur* se sente em casa, “essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis encontra seu cronista e seu filósofo”¹⁴⁵

Para ilustrar esse exercício interpretativo da cidade, Benjamin, com sua escrita alegórica, recorre a um gênero literário que emergiu no século XIX, na França, os chamados “folhetins”. Segundo ele, esses livros se ocupam da caracterização e descrição dos tipos encontrados no espaço público, do vendedor ambulante ao cantor de ópera, todas as tribos e frequentadores das ruas de Paris foram narrados e descritos por essa literatura panorâmica, a qual ele atribui o nome de “Fisiologia.” No começo os fisiologistas se dedicavam a descrever tipos humanos, depois passaram à descrição das cidades, onde segundo o filósofo alemão “Tudo passava em desfile... dias de festa e dias de luto, trabalho e lazer, costumes matrimoniais e hábitos celibatários, família, casa, filhos, escola, sociedade, teatro, tipos, profissões”.¹⁴⁶ Para o filósofo, a densidade dessas descrições tem relação direta com a atividade e o jeito do flâneur caminhar e interpretar o movimento das ruas, o que ele chama de “fazer botânica no asfalto”.¹⁴⁷

Retomando a questão sobre as heterotopias, Foucault diz que sonha em elaborar uma ciência que tivesse por ocupação esse espaços heterogêneos, que por si são contestações radicais do espaço normativo das cidades, normatividade que se mostra enquanto uma utopia de cidade desejável. Essa ciência se dedicaria aos “espaços absolutamente outros”, às “heterotopias”. Para nomear esse novo saber que emerge desses estudos, o francês cunha o nome de “heteropologia”.¹⁴⁸

Ao tomar a autobiografia de Hiroito como fonte, e conseqüentemente, o tomá-lo como nosso personagem principal para adentrar ao universo/cotidiano da Boca do Lixo, e assim, pensar a Boca enquanto uma *heterotopia* estabelecida no coração da metrópole bandeirante, onde se desenvolvia uma economia de costumes, afetos e sociabilidades, peculiar àquele

¹⁴⁵ VON GALL, Alexandre apud BENJAMIN. Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas, v. 3).

¹⁴⁶ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas, v. 3). p.34.

¹⁴⁷ BENJAMIN, Walter. op.cit. p.33.

¹⁴⁸ FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As Heterotopias.** Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013. p. 22.

espaço e que ofendiam e desafiavam a moral de boa parte da sociedade paulistana. O nosso personagem — ou melhor, seu relato, sua narrativa, sua versão, sobre o que aconteceu naquele espaço — será pensado como o flâneur de Benjamin/Baudelaire que faz *botânica no asfalto*. Ou então, num exercício mais de imaginação e improvisação do que de precisão analítica, como o “cientista” que investiga os “espaços outros” e faz da heterotopia sua atividade.

Em outro sentido, e utilizando de algumas formulações foucaultianas sobre a “escrita de si”, entendemos a autobiografia como uma “preocupação com o eu”.¹⁴⁹ Dessa forma, arquivar a própria vida é contrapor à imagem social a imagem de si próprio.¹⁵⁰ Em vista disso, a autobiografia de Hiroito vai ser pensada como uma forma de resistência. Recorreremos a uma provocação feita por Philippe Artières de que o arquivamento da própria vida é simbolicamente preparar a própria defesa, juntar as peças e organizá-las para desconstruir a visão que os outros fazem de nós. Diz ele: “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo”.¹⁵¹ Essa prática autobiográfica será perspectivada como forma de embate contra as representações e construções discursivas feitas pela imprensa e órgãos do governo a respeito das práticas e sociabilidades da Boca do Lixo.

Em vários momentos de seu relato, Hiroito deixa muito claro sua insatisfação e seu embate com a imprensa, para ser mais específico, com a reportagem policial, que no decorrer do texto recebe diferentes nomes pejorativos: “imprensa amarela”, “grande máquina”, “máquina das comunicações”, para ficar em alguns exemplos. Assim, fica claro que sua intenção ao fazer esse arquivamento de sua própria vida era se defender dos diversos momentos em que foi desenhado na imprensa como monstro, o bandido frio e violento. Desde a “injusta” acusação de ter sido responsável pela morte do próprio pai, até os feitos de seu reinado na Boca do Lixo, a todo o momento Hiroito deixa transparecer que sua autobiografia é um acerto de contas com a imprensa; sobre isso iremos reproduzir os principais fragmentos onde esse embate pode ser percebido, começando pelo episódio em que foi acusado de parricídio:

¹⁴⁹ FOUCAULT, Michel. **A escrita de Si**. In: Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade e política. Org. Manoel Barros da Mota. Trad, Elisa Monteiro, Inês Autram Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

¹⁵⁰ ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida.” In: **Revista de Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC\FGV), v.11, n 21, p 9-34. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>, Acesso em jun 2014.

¹⁵¹ Idem. p.29.

Depois de estigmatizar-me com a pecha de parricida, posta à venda dias seguidos, matutina e vespertinamente em todos os jornaleiros do Estado, ao preço de alguns centavos, a Imprensa Amarela iria valer-se de mim através dos anos, sensacionalizando os meus feitos criminosos — frutos da revolta e do desespero a que ela própria me levava com a popularização da calúnia infamante. Em sucessivas manchetes escandalosas, tão a gosto do grande público, o nome do homem que fora “suspeito de haver matado o próprio pai”, e que descambara para a delinquência, em breve alcançaria uma notoriedade espantosa. Estava criado assim mais um rei do crime, mais um bandido para uso e gozo das multidões sem nome — sempre ávidas de violência e exageros.¹⁵²

Em outro fragmento, fica claro sua insatisfação para com a forma que a imprensa policial constrói as imagens das pessoas que se movem nesse plano mais baixo da estrutura social, Hiroito parte para uma análise mais “sociológica”, deixando um pouco de lado o tom emotivo:

Já agora, posso compreender que sempre há de existir, em toda grande metrópole, indivíduos que serão colhidos pela Grande Máquina para, ao longo da complexidade das engrenagens sociais, irem sendo despersonalizados, coisificados, em nome do deus-notícia, até se tornarem de sujeito a objeto, de ser humano a simples legenda. Serão os úberes nos quais a Imprensa Amarela irá se saciar de sua sede de sensacionalismo e de escândalos.¹⁵³

Sua autobiografia começou a ser escrita enquanto cumpria pena na famosa Casa de Detenção do Carandiru. Pena sobre a qual Hiroito parecia aceitar sem maiores problemas; ele não quer se justificar com a sociedade sobre os crimes que cometeu, e muito menos, quer se autoconstruir enquanto um mártir. Como deixar transparecer nessa passagem de seu relato:

Não, nada mais resta em mim, ou de mim, a ser julgado. Doze arrastados anos de cárcere tornaram-me já agora, perfeitamente à vontade para prescindir de vosso julgamento, dado o despropósito de um veredito que, se absolutório, estaria estabelecendo a minha falsa condição de mártir; enquanto que se condenatório, estaria a cobrar-me por aquilo que já paguei. Muito bem pago, por sinal.
A verdade é que eu e a sociedade estamos quites. O muito de mal que ela causou-me, retribuí-lhe com muito de perturbação que lhe causei. E a recíproca é verdadeira.¹⁵⁴

¹⁵² JOANIDES, Hiroito. op.cit. p.27.

¹⁵³ Ibidem. p.28.

¹⁵⁴ Idem. idem. p.30.

Após esses embates mais diretos com a crônica policial, e essa retificação sobre não querer se justificar com o a sociedade, no sentido de diminuir a gravidade de seus crimes, começa a ficar mais claro que ao escrever sua autobiografia, Hiroito estava preocupado em contar outra versão sobre os acontecimentos que marcaram a região da Boca do Lixo. E mais ainda, em mostrar esse cotidiano sob outro olhar, fora do prisma normatizador, disciplinar e acusatório em que ele foi narrado pela imprensa. Conforme relato:

Espero poder mostrar, talvez para espanto de alguns, que os delinquentes, apesar de seus atos criminosos, da licenciosidade de suas condutas, dos seus desregramentos e vícios, são também, todos seres humanos — sujeitos portanto às mesmas dores e alegrias, tristezas e prazeres, entusiasmos e angústias que sentem e sofrem os mais puros de espírito.¹⁵⁵

Embora rica em detalhes e escrita com estilo de dar inveja a qualquer jornalista ou escritor, com análises sobre o submundo paulistano de deixar qualquer sociólogo perplexo, usando metáforas tiradas de poemas de Baudelaire, citações de Heidegger em analogia a fatos cotidianos acontecido na Boca, Hiroito, oriundo de família de classe média, tinha uma cultura letrada de fazer inveja a muitos acadêmicos, que o diferenciava de seus pares na prática da malandragem.

Mas o fato de ser um fora da lei, um malandro, foi o suficiente para que no momento mesmo do lançamento de sua autobiografia, ter sido questionada a autenticidade de sua autoria pela imprensa da época, que não acreditava que um malandro fosse capaz de desenvolver um relato tão complexo e perspicaz sobre um momento tão complicado da história paulistana. A mesma imprensa que foi responsável por sua fama, ao noticiar através da reportagem policial os seus feitos.¹⁵⁶ Podemos dizer que ao tentar deslegitimar a autoria do texto de Hiroito a imprensa reivindica para si o direito exclusivo para tratar de determinados assuntos, no caso, de construir a interpretação dos fatos acontecidos na Boca do Lixo, ou nas palavras de outro teórico francês: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Idem. p.32.

¹⁵⁶ Conforme relato do jornalista Orlando Criscoulo no prefácio escrito para o livro de Hiroito. IN: JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Labortexto, 2003.p.09.

¹⁵⁷ FOUCAULT. Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. p.9.

Fica assim evidente a disputa pelo direito de falar sobre os acontecimentos, o embate entre habitantes e imprensa na construção da memória de determinado espaço e das sociabilidades desenvolvidas nele; o embate pela “posse” do discurso a ser construído sobre esse local, suas práticas e significados, e aqui mais uma vez recorreremos as palavras de Michel Foucault:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar¹⁵⁸

Ao utilizar essa autobiografia como fonte para a pesquisa e diante do debate traçado acerca do “discurso”, da sua posse, de seus usos e de sua relação com o poder, iremos tratar a fonte no sentido colocado pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior que ao comentar sobre a metodologia adotada por Foucault na obra *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão* — mais especificamente sobre o tratamento que ele deu a sua fonte: “os discursos do camponês Rivière”; acusado de parricídio e que optou por se auto defender perante o tribunal.¹⁵⁹ — diz que, nessa obra, o filósofo francês não está preocupado em explicar as palavras ou os atos de Rivière, mas antes, em mostrar como essas palavras e atos foram silenciados; ele não quer que seu trabalho seja mais um instrumento para apagar a força e a singularidade do discurso de Rivère, afinal, o discurso para o Foucault é em si mesmo um acontecimento. Diz ainda que não é “a produção da palavra” a busca primeira do trabalho:

Foucault a partir de sua experiência política de dar voz aos “criminosos”, de dar voz aos silenciados, toma Rivière como o “criminoso” da palavra, como o rebelde, o que afronta o poder, como o poeta do silêncio e que por isso merece ser ouvido, educando nossos ouvidos para ouvir não só a estridência das palavras, mas a melodia do silêncio.¹⁶⁰

O tratamento que daremos a autobiografia de Hiroito de Moraes Joanides enquanto fonte para a pesquisa será a partir dessa atitude de deixar falar o que não teve voz, o que foi silenciado, para que possamos perceber a sua potência, sua diferença, sua singularidade; dando voz à fala do *outro*, não à do jornal nem a do estado, que parte da intenção de seus

¹⁵⁸ Ibidem. p.10.

¹⁵⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Mennocchio e Rivière: Criminosos da palavra, poetas do silêncio. **Revista Resgate**, n 2. Campinas, 1991, p. 48-55. p.52.

¹⁶⁰ Ibidem. p.53.

aparelhos — o direito, a psiquiatria, a teoria criminal — para enquadrá-lo em suas grades conceituais, retirando toda a sua força, singularidade e domando sua rebeldia.

Vale ressaltar que ao propor pensar nosso personagem enquanto um observador privilegiado do cotidiano marginal da cidade de São Paulo e ao se utilizar da imagem benjaminiana de “botânico do asfalto”, não pretendemos de maneira alguma impor um olhar normativo de Hiroito sobre as sociabilidades por ele descritas, como a verdade dos fatos. O que no nosso entendimento, entraria em contradição com a proposta do trabalho. Entendemos, como já dito antes, que uma autobiografia é uma construção memorialista, e a urdidura de seu enredo se aproxima muito do relato literário; portanto, trata-se de literatura, e por isso é uma representação de seu autor sobre a sua vida e sobre a sociedade em que estava inserido.

3.2 Crônicas do sub-solo ou a vida aos rés-do-chão¹⁶¹: um passeio pelo cotidiano da Boca do Lixo através da narrativa marginal e da crônica policial

Dado o movimento em que um espaço nobre do centro de São Paulo passou a ser a sede do “submundo” da cidade. De uma hora para outra as ruas entre as praças da República, Roosevelt, Estação da Luz, Largo do Paisandu e Santa Ifigênciã passaram a ser habitadas e procuradas por diversos tipos considerados perigosos, malditos e indesejáveis. Chegamos a um ponto da narrativa onde se faz necessário um aprofundamento da análise desse microcosmo marginal localizado no centro da capital bandeirante. Essa heterotopia, um contraespaço parido em meio ao imaginário ufanista da Paulicéia pré IV Centenário.

A princípio faz-se necessário um esclarecimento. Ao utilizar o termo “crônica”, não estamos nos referindo, necessária ou exclusivamente ao tipo de texto curto praticado nas colunas de jornais, mas sim a seu significado mais amplo, que relaciona esse tipo de escrita com a análise de fatos do cotidiano. Nesse sentido, tanto o tipo de literatura da qual nos utilizamos quando o próprio texto jornalístico é tomado como parte do gênero. Bem como, seus autores pensados enquanto cronistas do cotidiano analisado. A crônica é um tipo de fonte interessante, que abre ao historiador a possibilidade de narrar e problematizar acerca da vida efervescente, dinâmica e cheia de nuances da Boca do Lixo. Esse tipo de escritura oferece um

¹⁶¹ O crítico Antonio Cândido em texto sobre o gênero da crônica do cotidiano, conceitua com esse termo o estilo de escrita dos cronistas do dia a dia. Sobre isso ver: CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

ângulo de observação estratégica, pois, oferece “acesso” a visões e construções feitas por diferentes agentes, e conseqüentemente, a diferentes pontos de vista sobre o cotidiano.

Considerada um “meio termo” entre o jornalismo e a literatura, se caracteriza por um estilo narrativo, próximo da ficção, produz certa problematização dos fatos a partir do olhar subjetivo do autor. O que em certo sentido, guarda algumas semelhanças com correntes da historiografia que colocam a História no limiar entre ciência e ficção, ou como bem resumiu o historiador Antonio Paulo Benatte: “uma ficção bem documentada”.¹⁶²

Nesse sentido, o que diferencia a escrita historiográfica da ficcional é que na primeira o texto por si só não basta, ele sempre precisa fazer referência a um elemento externo (o arquivo, as fontes); e essa referência é intermediada por conceitos e instrumentos metodológicos (retirados da Sociologia, Filosofia, Semiótica etc).¹⁶³ Não a toa, os textos produzidos pelos historiadores são recheados de notas e mais notas de rodapé. Já na escrita ficcional — seja no romance, crônica ou outros gêneros — a produção da narrativa é autossuficiente e dispensa essa referência a elementos externos ao texto.

Um instrumento indispensável ao bom cronista é sua capacidade de observação. E o cronista que se propõe interpretar a cidade, deve unir a sagacidade da observação com a disposição para caminhar pelas ruas, frequentando os mais diversos ambientes, para extrair dessa operação — observar/caminhar — o material de sua escrita. Afinal, conforme escreveu um famoso crítico literário, é o cronista um “cão farejador do cotidiano”.¹⁶⁴

Walter Benjamin, em uma passagem bastante conhecida, faz uma crítica ao historiador de gabinete. Aquele que fica preso no seu escritório, em meio a arquivos e conceitos; e apenas se preocupa em escrever a história dos grandes líderes políticos e dos aparelhos de Estado — que escreve a história dos vencedores. A esse tipo, Benjamin se opõe comparando “o trabalho do historiador ao de um catador de papéis, ou coletor de lixos, um colecionador de fragmentos, ou também ao de um arqueólogo, detetive, jornalista”.¹⁶⁵ Ele conceitua de forma interessante essa operação de juntar os cacos, retirar de seu contexto original — o da história dos vencedores, historicista — e colocar em outro sentido, em outra direção, em prol de uma

¹⁶² BENATTE, Antonio Paulo. História: uma ficção bem documentada. **História & Ensino (UEL)**, Londrina, v. 7, p. 23-32, 2001.

¹⁶³ GRAFTON, Antony. **As Origens Trágicas da Erudição**: pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998. p.15.

¹⁶⁴ CANDIDO, Antônio. op.cit. p.253.

¹⁶⁵ DIAS, Maria. Odila Leite da Silva. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. In: **Revista Projeto História**, v.17, 1998.

história dos vencidos; essa operação é o que ilumina a famosa imagem da “história a contrapelo”.¹⁶⁶

Ao propor estudar o interior do mundo da prostituição, atentando para os códigos e para as micros relações de poder que se estabelecem entre prostitutas, clientes e caftens, a historiadora Margareth Rago afirma que foi fundamental recorrer à literatura ficcional do período por ela estudado. Conforme ela afirma, os documentos convencionais não forneciam detalhes e elementos para conhecer de perto esse universo. Entretanto, ela alerta que não podemos nos debruçar sobre esse tipo de fonte — a literatura — achando estar diante de um “reflexo” da realidade; para ela, a riqueza desse tipo de fonte é “revelar aspectos importantes das formas de pensar e sentir de uma determinada sociedade” e ainda traz outro aspecto desse uso: “Os romances traduzem os anseios, captam as angústias, fantasias, desejos de uma determinada época, e não apenas de uma classe social a que pertencia o autor”.¹⁶⁷

O historiador Nicolau Sevcenko, em consonância com as observações foucaultianas sobre o discurso, afirma que na literatura é onde o discurso se exerce de forma mais livre em relação aos procedimentos de interdição externos, é o espaço onde ele se expõe por inteiro; por esse motivo que a literatura enquanto fonte surge como um ângulo estratégico para avaliação das forças e das tensões existentes em determinadas sociedades.

Na mesma direção apontada por Rago, sobre a possibilidade de a literatura completar lacunas deixadas por outras fontes, Sevcenko diz: “a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizam. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”.¹⁶⁸

Portanto, o material coletado, reúne crônicas feitas pela reportagem policial, principalmente as publicadas no jornal *Diário da Noite*¹⁶⁹, periódico que na época era o de maior circulação em São Paulo. Tomo aqui a escrita da notícia policial como crônica. Afinal, urdida com estilo sensacionalista, ela tende a “capturar o leitor pela sua aproximação emocional com o assunto tratado”, as manchetes encontradas no jornal carregavam a mão no apelo ao emocional desde a diagramação, colocando as notícias mais escandalosas com títulos

¹⁶⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009. p.54.

¹⁶⁷ RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980 – 1930). São Paulo: Paz e Terra, 1985. p. 30-31.

¹⁶⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira República. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.30.

¹⁶⁹ Utilizaremos de outros jornais também, a media em que encontramos matérias que são importantes para ressaltar algum aspecto da pesquisa. Porém, nossa principal fonte é o *Diário da Noite*.

escritos em letras garrafais, e a cidade de São Paulo é sempre descrita como local perigoso mobiliza-se do leitor afetos como o medo, a insegurança, o desejo de justiça.¹⁷⁰

É com o intuito de dialogar com as outras fontes, no sentido de poder perceber detalhes, relações de poder, e as construções discursivas sobre os diversos tipos humanos que habitavam a Boca do Lixo, que recorreremos também, neste capítulo, ao uso de outras obras literárias. Mais especificamente, a obra do escritor João Antônio, que além de repórter, era um frequentador do *quadrilátero do pecado* e jogador assíduo de sinuca. E o relato memorialístico ficcional do jornalista e delegado de polícia Ramão Gomes Portão intitulado *Estórias da boca do Lixo*, que além de tudo isso, era boêmio frequentador do local e amigo de Hiroito. Essas fontes serão cruzadas, comparadas e lidas como possibilidade de ter esse acesso privilegiado ao cotidiano, chamando atenção para as táticas e astúcias desenvolvidas pelos praticantes em sua relação interna, bem como em seus encontros e embates com o poder e os aparelhos de repressão do Estado. Além, é claro, da nossa fonte principal, o texto de Hiroito. Ao escolher como perspectiva de análise a já citada imagem de “fazer botânica no asfalto”, já está pressuposto que nessa parte do texto será feita uma opção pela narrativa, com pouca interferência da teoria ou quando utilizada, será apenas uma simples referência a conceitos e autores já utilizados com o intuito de elucidar alguns argumentos.

3.3 - A nova geografia do submundo

A formação do “Quadrilátero do Pecado” se deu após a proibição da zona confinada do Bom Retiro quando as prostitutas que antes trabalhavam nas casas de tolerância — se expondo nas vitrines, nos balcões, nas pistas de dança ou nas mesas dos bares — migrando para as ruas das imediações dos Campos Elíseos,¹⁷¹ atraindo, assim, uma série que outras atividades ilícitas que se estabeleceram em torno da prostituição.

Esse tipo de prostituição entabulada a céu aberto era inédito naquelas imediações. Em seu relato, Hiroito faz uma breve análise sobre essa mudança de característica na atividade das chamadas “mundanas”. Segundo ele, o tipo de prostituição entabulada a céu aberto com o

¹⁷⁰ ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no diário da noite: São Paulo (1950-1960)**. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2011. p.98.

¹⁷¹ Ironicamente, como nos aponta Raquel Rolnik, o bairro nasce em 1879 pela iniciativa dos irmãos alemães Glete e Northman que compram a área, até então um chácara, e abrem ruas e alamedas largas ao estilo da famosa avenida parisiense. Como podemos notar as semelhanças não se resumem ao projeto arquitetônico, o nome do bairro paulistano é uma tradução direta do nome da avenida parisiense. Sobre isso diz Rolnik: “um Champs-Elysées paulistano, que definiria o modelo de bairro aristocrático, exclusivamente residencial e de alta renda”. In: ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. 3ª Ed - São Paulo: Publifolha, 2009. p.19.

nome importado da França, “trottoir”, trazia algumas vantagens para as prostitutas, como por exemplo, ter a liberdade de dizer não a um cliente, fato que no modelo confinado era impossível devido à vigilância constante dos donos das casas e dos “leões de chácara”¹⁷²

Não era só em relação às prostitutas que o *trottoir* apresentava algumas vantagens, o fato da atividade ter passado a ser exercida a céu aberto não excluiu uma figura muito familiar ao meio do mercado do sexo, trata-se do cafetão, rufião, que vive do dinheiro ganho por essas mulheres. Para esses, o novo formato também apresentava vantagens. Por mais que continuassem a serem reprimidas pela Polícia de Costumes, essas mulheres não podiam ser enquadradas pelo código penal pelo simples fato de estarem a comercializar o corpo na rua, isso não era considerado crime. Portanto, poderiam até sofrer algum tipo de “batida” policial, no sentido de impor certo constrangimento, mas não podiam ser enquadradas na lei.

Nem mesmo na famosa *Lei de Contravenções*, cujo artigo 59, prevê prisão de até seis meses para quem em condições físicas plenas não desenvolva nenhuma atividade lícita para se sustentar. Ou seja, o formato confinado era perigoso, pois o rufianismo é considerado crime, se a polícia chegava a uma casa noturna, procurava logo pelo dono daquele lugar, que era quem responderia pelo crime de exploração de mulheres. Com o *trottoir* era mais difícil para a polícia chegar até o cafetão.

Porém, o fechamento da Zona não foi aceito pacificamente e nos dias imediatos após o ato governamental aconteceram intensas atividades de resistência por parte dessas trabalhadoras, Hiroito descreve com sua escrita elegante e fluída como se deram essas táticas de resistência:

Nessa luta não muito nobre por causa menos ainda, ao expediente diurno de escândalo, seguia-se na calada da noite, a propaganda escrita das reivindicações prostibulares. Com o que, ao raiar do dia, pichados em caracteres disformes, eivados de erros ortográficos os mais absurdos, via-se nos muros do bairro o trabalho de propaganda levado a efeito na madrugada

¹⁷² Gíria utilizada por prostitutas, malandros, boêmios, para se referir aos seguranças das boites e das casas de lenocínio. O escritor João Antônio escreveu um conto cujo título era “Leão-de-chácará”, nesse texto, na voz narrativa de um personagem chamado “Pirraça” e que exerce esse tipo de função numa *boite*, ele descreve como esses atuavam em relação as moças que exerciam o meretrício dentro das casas noturnas: “É com a gente mesmo: se a viração das mulheres, se a batalha delas é dentro das buates e inferninhos, são os leões que disciplinam, protegem.[...] Então, tem que ser é com a gente mesmo. Escreveu, não leu, já viu: a gente machuca mesmo. Bate como se estivesse malhando um homem.” Claro que a vantagem do *trottoir* sobre a prostituição confinada a qual o relato de Hiroito se refere, se resume apenas a essa possibilidade de escola do cliente, pois, uma vez na rua, a figura do leão de chácara é substituída pela a do “rufião”/ “cafetão” que exploraram o trabalho das prostitutas e que também não são nada dóceis, como podemos observar no próprio conto de João Antônio, ainda na voz do personagem Pirraça: “Pensando direitinho, elas sofriam ainda mais na mão dos cafetões. Porque eles viviam só do dinheiro delas e apertavam mais a prensa.” In: ANTÔNIO, João. **Leão de Chácara**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

vadia. Eram divisas, *slogans*, axiomas e gozações de toda uma classe que se via destituída de seus direitos consuetudinários.¹⁷³

Como podemos observar, por se tratar de uma escrita urdida a partir de um “olhar” masculino, o relato de Hiroito guarda alguns “preconceitos” e tende, em alguns momentos, a estigmatizar a atividade das prostitutas, como na primeira frase da citação acima, onde ele se refere à luta e causa dessas mulheres como “não muito nobre”, fazendo coro com a imprensa sensacionalista que ele tanto critica no desenrolar de sua escrita. Mas, o fato interessante desse episódio é que seu relato traz alguns elementos pitorescos e uma detalhada descrição sobre o momento de inflexão entre o fechamento da zona do Bom Retiro e o surgimento do espaço que mais tarde viria a ser denominado como a Boca do Lixo. No texto ele traz algumas dessas pichações que as prostitutas fizeram como forma de protesto, algumas muito engraçadas e de uma criatividade, refinamento e ironia digna das pichações feita pelos estudantes franceses no famoso “Maio de 1968”,¹⁷⁴ como essa que provavelmente se refere ao Governador ou ao Secretário de Segurança da época: “Fulano, reabra a zona, sua mãe já voltou para casa”¹⁷⁵

O fato é que a viração das prostitutas apenas mudou de endereço e formato, e pode-se dizer, seria ingenuidade por parte das autoridades imaginar que o fechamento da Zona iria por si só fazer com que aquelas mulheres fossem procurar uma colocação no mercado de trabalho formal. Mas, em se tratando do cenário da São Paulo pré-comemoração do IV Centenário, do já citado clima de ufanismo e moralismo que acometia as elites econômica e intelectual da cidade, nada era de se duvidar e uma notícia *do Flam: o Jornal da Semana* alguns dias após o fechamento da Zona, aponta que os mentores do aparelho estatal acreditavam que aquela simples ação seria não só um ato de repressão à atividade da prostituição e às mulheres que dela sobreviviam, mas também uma forma de lhe conceder dignidade através da inclusão dessas mulheres ao mundo dos bons trabalhadores urbanos. Como podemos ler o governador Lucas Garcez, numa atitude de puro altruísmo católico, solicitou que fossem doadas a cada uma daquelas mulheres uma máquina de costura para que pudessem trabalhar e conseguir o seu sustento de uma forma considerada digna e limpa, o título da notícia é A REABILTAÇÃO, diz:

¹⁷³ JOANIDES, Hiroito de Moraes. op.cit. .p.34.

¹⁷⁴ Em maio de 1968 as ruas de Paris, na França, foram tomadas por manifestações estudantis. Uma das formas de expressar as reivindicações do movimento era através de pichações nos muros das cidades. Esses escritos se caracterizavam pelo fato de serem criativos e irônicos.

¹⁷⁵ Ibidem. p.39.

Quando da sua plataforma eleitoral, o Sr. Lucas Garcez, incluiu entre as suas futuras ações governamentais o combate ao meretrício, o que certamente mereceu e ainda merece aplausos. Somente que o verbo estava errado. Ninguém combate o meretrício como combate a febre amarela ou o impaludismo, exterminando os veículos, nem cuidemos que haja nenhum DDT especial para filiar mulheres da vida.

Apesar de todas as boas intenções eleitorais, a prostituição é um problema cuja solução não pode ser entregue totalmente a polícia e seria perigoso que o simpático Governador Garcez quisesse, para cumprir sua promessa, copiar o velho Washington Luis, que pensava que a questão social fosse caso de polícia e como tal agia.

Mas fiel a sua plataforma, o Govêrno paulistano de vez em quando dava umas batidas no mulhero e na última delas fechou todos os prostíbulos da zona conflagrada. E como era pensamento, aliás altruísta, que devia reabilitar as decaídas, fornecia-lhes para a reabilitação uma máquina de costura.¹⁷⁶

O jornalista continua a explanação sobre os atos do governador, ironizando sua atitude “não creio que o mercado paulistano suportasse tantas costureiras” e apontando que a brilhante ideia não partiu exclusivamente do gabinete do Governador, mas foi proposta por um membro da cúria católica, o Frei Benevenuto, pessoa de “bom gosto” e “defensora de ideias de vanguarda”, diz o colunista, para depois continuar sua crítica, dizendo que chega a ser inacreditável que pessoas tão sábias e experientes como o frei e o Governador, possam ter tido uma ideia tão descabida a ponto de não levar em consideração que a prostituição é algo tão antigo, que atravessa séculos, presente nas mais diferentes sociedades e que não seria fechando a Zona que se iria dar fim a tal atividade na cidade de São Paulo. E continua: “Não sendo um problema simples, não é simplismo de pegar-se uma mulher vivida e marcada e pensar que com uma máquina de costura, certamente de mão, a sociedade ganhara um novo elo moral, uma nova abelha da colmeia, honrada.” E o jornalista, que assina essa coluna chamada de “Conversa da semana” com o nome de Marques Rebêlo, termina sua análise de forma ácida, ironizando com certo tom de crueldade a forma de pensar do Frei, chegando a sugerir ou deixando a entender que ele fosse procurar o que fazer: “Francamente, é pouco, principalmente é ridículo, como ridículo seria se nós entregássemos uma enxada a Frei Benevenuto e disséssemos: ande, vá se regenerar”¹⁷⁷

Com o fracasso da ofensiva estatal e a transferência das atividades mundanas para as ruas e imediações da região da Luz, não demorou a formar-se em torno dessa atividade toda a

¹⁷⁶ **Jornal da semana**, 17 a 23/01/1954. p.5.

¹⁷⁷ *Ibidem*. p.5.

infraestrutura necessária para o pleno desenvolvimento das atividades da prostituição. Assim, rapidamente começou-se a aumentar o número de bares, restaurantes, salões de beleza e pequenos hotéis que serviam de base para tal atividade. Hiroito diz que “nos rastros de uma mulher da vida, encontra-se sempre a figura patética de um malandro” e descreve a prostituição como uma espécie de imã para outros tipos de atividades ilícitas, tais como o rufianismo, o jogo de azar, punguismo, tráfico e etc. Segundo ele, logo após o fechamento da Zona e o estabelecimento do *trottoir* como alternativa à proibição, começou a “pulular na área a mais variada gama de criminosos e vadios” e não demorou muito para que a antes nobre região do centro passasse a ser parte importante na geografia do submundo paulistano, em suas palavras:

Estava formada, estabelecida, fixada a nova sede do submundo – estranho heterogêneo e conturbado ninho, onde coabitam mariposas, serpentes e aves de rapina. Gerado pelo sêmen da injustiça social, após longo e feio parto, emergia, do ventre da cidade grande, o odiado e odioso filho: a Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado.”¹⁷⁸

Embora fosse um crítico mordaz do que ele chamava de “jornalismo amarelo”, pode-se notar que o texto de Hiroito, muitas vezes, faz uso das mesmas operações linguísticas das quais se utilizavam a imprensa policial para retratar o cotidiano da Boca do Lixo, como as metáforas “pejorativas” utilizadas para se referir a determinados grupos, como observamos na citação os termos “mariposas” para se referir às prostitutas e “serpentes e aves de rapina” provavelmente se referindo aos diversos tipos e nuances existentes na atividade da malandragem. Essa observação se faz necessária, nesse momento, para esclarecer um aspecto sobre o uso de sua autobiografia como fonte de pesquisa. É importante salientar que o simples fato de uma narrativa autobiográfica partir de uma voz minoritária não a coloca imediatamente enquanto uma perspectiva emancipatória, libertária.¹⁷⁹ Hiroito, por mais singular que possa ser sua presença naquele microcosmo marginal, era um homem de seu tempo, e portanto leitor assíduo dos próprios jornais que criticava. Por isso, incorpora alguns conceitos, vocabulário e pontos de vista da narrativa jornalista a sua autobiografia.

Isso também pode ser tratado sob outro viés. Ao refletir sobre a linguagem utilizada pelos malandros, ela também pode ser pensada enquanto tática de sobrevivência cotidiana e não apenas como uma forma de estereotipar os sujeitos aos quais se refere. Em um

¹⁷⁸ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **op.cit.** p.36.

¹⁷⁹ DUQUE-ESTRADA. Elyzabeth M. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si.** Rio de Janeiro: NAU – PUC-Rio, 2009. p.160.

documentário sobre sua vida, o cantor Bezerra da Silva¹⁸⁰ faz uma analogia entre a linguagem cifrada do Direito, utilizado por juízes e advogados, e a linguagem cifrada da malandragem e das classes populares de modo geral. Atribuindo historicamente o uso da gíria aos escravos, que segundo Bezerra, a utilizavam para planejar motins, festas e outros “desvios”, de modo que os senhores e os capatazes não a decifrassem, ele continua a explanação falando sobre a forma como os malandros e os moradores das favelas se apropriaram da gíria enquanto mecanismo de resistência, diz: “é justamente o que os intelectuais fazem com a gente hoje; um doutor, juiz ou advogado, chega, fala e não entendemos nada, respondemos só “sim senhor, tudo bem”, então o que a gente faz com a gíria, é que também podemos conversar com um doutor o dia inteiro e ele não entender nada, ai fica zero a zero.”¹⁸¹

Essa pequena digressão sobre as gírias, a perspectiva de Hiroito e a linguagem da imprensa, serve para pensar o surgimento da Boca do Lixo não apenas enquanto um acontecimento social, conseqüente ao fechamento da Zona do Meretrício do Bom Retiro. É importante lembrar o que foi dito no capítulo anterior: os objetos também são forjados na ordem discursiva.¹⁸² Talvez, aquele espaço geográfico do centro de São Paulo não tivesse sido tão estigmatizado se, em um dado momento, por um viés disciplinar, normativo e excludente, a imprensa, maior meio de comunicação da época, e portanto, exercendo uma função importante enquanto máquina de produção de subjetividade¹⁸³, não tivesse cunhado o termo juntando o substantivo feminino “boca”, que em seu sentido figurado pode se referir a uma “oportunidade de ganhar dinheiro fácil, ou de tirar proveito de algo sem fazer muito esforço”, com o substantivo masculino “lixo”, aqui transformado por operação semântica em adjetivo, pois se refere ao tipo de atividade e sociabilidade desenvolvida no local e já contém em si um juízo de valor.

Na edição de 14/07 de 1954 o *Diário da Noite* faz uma extensa reportagem sobre os desdobramentos do fechamento da Zona do Meretrício e constata o óbvio: as ações empreendidas pelo governo de São Paulo para acabar com o baixo meretrício não obtiveram êxito. Ainda na reportagem pode-se observar um relato sobre a nova configuração da geografia marginal na cidade, com a mudança de tática das chamadas “mundanas” e o novo povoamento da região dos Campos Elíseos. Mas o mais interessante nessa notícia é que o

¹⁸⁰ **Onde a Coruja Dorme**. Documentário. Direção: Simplício Neto, Márcia Derraik. Produção Tvzero e Antena, 2010.

¹⁸¹ *Ibidem*.

¹⁸² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

¹⁸³ GUATARRI, Felix. ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RR: Vozes, 2013.

jornal já começa a utilizar o termo “Boca do Lixo” para se referir à região. E vai mais além, solicita do então delegado de Polícia Ramão Gomes Portão¹⁸⁴ — esse começava aventurar-se pela área da reportagem policial e da Criminologia — que elaborasse uma espécie de verbete para o termo “Boca”, o trabalho foi feito e publicado da seguinte forma:

Bôca — Antro freqüentado geralmente por marginais, variando a sua denominação, conforme espécie do antro. “**Bôca de fumo**” onde se compra e se vende maconha; “móco” ou “cananga”. “**Bôca Pesada**”, ponto de malandros, bandidos ou mundanas. “**Bôca do lixo**” ou “**Boca do Crime**”, área correspondente a um trecho da avenida São João e os bairros de Santa Ifigênia, Luz e Campos Elíseos¹⁸⁵.

Em um livro de memórias sobre a sua atuação na Boca do Lixo, Ramão Gomes Portão faz um breve relato/análise sobre essa operação que deu esse nome ao local, e parece se utilizar do mesmo verbete feito tempos atrás, só que agora com um estilo mais livre, pois, seu discurso se dá no campo da literatura e por isso não precisa obedecer às regras de formatação do jornal e muito menos ao limite de espaço que a diagramação impõe, o título desse texto é DAS “BÔCAS” EM GERAL:

A expressão “bôca” serve para quase tudo e sempre há alguém, em qualquer canto ou qualquer hora, atrás de uma. Desde que me conheço por gente, nunca deixei de encontrar um candidato a uma “boa boca”, justificando diálogos mais ou menos assim:

Tenho uma “bôca” firme para nós...

—Legal!?

— Legalíssima. Mas “bôca de defunto” na estória, que “bôca de siri” já está se abrindo...

Tudo que se entra é ‘bôca’. Se o muquifo é perigoso, é ‘bôca pesada’; se a gaifeira não tem porteiro é ‘bôca fácil’; se a polícia também gosta de lá, então cuidado: não vá que é ‘bôca suja’.

Se o pilantra vai casar com môça endinheirada não falta gente inventando que é ‘bôca rica’. [...] Depois que fecharam o baixo meretrício, a exploração do lenocínio veio vindo para o centro da cidade: Andradas, General Osório, Protestantes. Era o ‘lixo’ sem limites. E no coração da capital localizaram-se as ‘bôcas’ na sua proverbial generalidade — leves, pesadas, sujas ou do fumo — numa fusão heterogênea para atender qualquer preferência: mulher, maconha, jogo, assalto, cachaca, heroína, pervitim, com o Palácio do Governo no meio, para facilitar as reivindicações, e igrejas para as mundanas que pecam de madrugada e se confessam de manhã, sempre de bem com Deus.

¹⁸⁴ Como já citado, Ramão era Delegado de Polícia, estudioso da criminologia, tendo produzido algumas obras sobre o assunto. No final dos anos 1950 abandona a carreira de policial para se dedicar a reportagem policial, teve uma curta passagem pelo *Diário da Noite* e depois foi Editor de Polícia do famoso e lendário *Noticias Populares*.

¹⁸⁵ *Diário da Noite*, 14/07/1954.

É a consagração de todas as ‘bocas’, a mais completa da cidade. Falada, discutida, condenada, combatida, mas nem por isso deixa de ser frequentadíssima, a ‘boca das bocas’, a ‘boca do crime’. De certa forma, a sempre festejada ‘boca do lixo’¹⁸⁶

3.4 - Frequentadores, praticantes e a divisão do trabalho na Boca do Lixo

Em pouco tempo, essas ruas começaram a receber uma gama de frequentadores nada ortodoxos, que buscavam satisfazer seu apetite de luxúria. Isso acarretou em algumas mudanças radicais no cenário do bairro, dentre as quais, podemos destacar o comércio, que antes era convencional e no geral era composto por lojas de roupas masculinas, produtos eletrônicos, utilitários domésticos e outros.

Para se adaptar à nova clientela, as lojas de roupas masculinas foram substituídas por lojas de artigos femininos; nas prateleiras frontais das farmácias, antes ocupadas exclusivamente com perfumes e produtos de beleza, agora dividia espaço com camisas de Vênus, lubrificantes e outros.¹⁸⁷

Após a configuração desse ambiente, diversas “famílias de bem” se mudaram do local, algumas com medo do convívio com os novos habitantes, outras por não resistirem às tentadoras propostas de locação de imóveis, que depois de desocupados eram imediatamente transformados em pequenos hotéis usados para fins bastante lucrativos. Uma notícia do *Diário da Noite* nos oferece uma mostra da dimensão e amplitude geográfica em que os hotéis e casas da região central foram sendo reocupados para a atividade da prostituição, o título da reportagem é **RECORDE DE PRISÕES DE MULHERES PELA POLICIA DE COSTUMES**¹⁸⁸, e já no *lead* da matéria pode-se observar a amplitude com que o *trottoir* passou a ser exercido naquela região, diz a reportagem:

Mais de 157 mundanas detidas entre sábado e domingo últimos — Nenhuma medida legal pode ser tomada contra as debochadas que infestam as ruas centrais da cidade — Prisão correcional — Com dois ou três carros de presos, a Delegacia de Costumes poderia modificar o panorama das ruas da chamada ‘boca do lixo’¹⁸⁹

¹⁸⁶ PORTÃO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d p.11 e 12.

¹⁸⁷ JOANIDES. Hiroito de Moraes. op.cit. p. 51.

¹⁸⁸ **Diário da Noite**, 14-08-1963, p.8.

¹⁸⁹ Ibidem. p.8

Esses prédios, utilizados para consumir o ato após a conquista do cliente nas ruas, o jornal chama de “conventilhos”, “antros”; observa-se no jornal que não eram poucos e estavam bem espalhados pelo centro de São Paulo, exatamente no quarteirão em que a imprensa também se referia como o “Quadrilátero do Pecado”:

Por outro lado, o delegado Milton Martinha Lara determinou policiamento especial em várias ruas onde existe maior concentração de mundanas, Foram sumariamente fechados pela Polícia os conventilhos existentes nos prédios 451 e 453 da rua Vitória. O mesmo ocorreu com o antro que funcionava na rua dos Gusmões, 702, onde é mantido policiamento diuturno. Por falta de elementos humanos, a polícia não vem podendo fazer uma repressão mais rigorosa no sub-mundo do crime. Mesmo assim, está sendo feito um policiamento rigoroso durante o dia nos seguintes endereços: rua de Santa Ifigênia ns. 589, 580, 570 e 577; rua dos Gusmões 407, 441, 681, 685, 680. 695, 763 e 712; Alameda Gleite, 858; rua Vitronio Camilo, 40; Alameda Nothman, 1.031; largo do Arouche, 217 e 325; rua Sebastião Pereira, 208; Avenida São João, 1.561 e 1.547; Rua Gen Osório, 317,263,278 e 163, e rua dos Andradas, 470.¹⁹⁰

A migração da prostituição fez surgir um novo desenho das atividades econômicas da região; voltemos agora para a tese de Hiroito Joanides, mencionada no começo do capítulo:

Já aqui se disse que no rastro de toda mulher da vida encontra-se sempre a figura patética de um malandro [...]. Assim, e com isso, ao numero de marginais que de ma qualquer forma tinham os seus ilícitos meios de vida ligados a prostituição (rufiões, exploradores do lenocínio etc.), em breve veio juntar-se a leva de delinquentes, afetivamente ligados às damas do pecado, passando a pulular na área a mais variada de gama de criminosos e vadios.¹⁹¹

No entanto, a historiadora Margareth Rago, em estudo sobre um período anterior ao dessa pesquisa, nota que a zona boêmia da cidade entre as décadas de 1890 e 1910 era composta pelos bares e cafés que ficavam no centro da cidade, bem como as “casas de tolerâncias”, na época também conhecidas como “pensões alegres”. E era também em torno desses lugares que se articulavam os espaços de sociabilidades que eram frequentados por uma diversidade de tipos, desde artistas e intelectuais até os chamados “homens de vida fácil”, entre os quais, os mesmos tipos e grupos que figuram nessas páginas, são eles os boêmios, malandros, rufiões, leões-de-chácara e suas diversas atividades.¹⁹²

¹⁹⁰ Ibidem. p.8.

¹⁹¹ JOANIDES. Hiroito de Moraes. **op.cit.** p.63.

¹⁹² RAGO, Margareth.**op.cit.** p. 87-90.

A Boca do Lixo se constituía como um pequeno mundo dentro da cidade. Tinha uma economia própria e um código de ética e costumes peculiares. Seus habitantes desenvolviam ofícios bastante heterogêneos. Hiroito fez uma análise detalhada desses ofícios e dos grupos que atuavam no cotidiano da Boca; ele dividiu em três grandes grupos atuantes, são eles o dos “vadios”, “boêmios” e o que aparece com maior protagonismo em seu relato, o dos “malandros”.¹⁹³

Os malandros eram os que viviam de atividades ilícitas; sua conduta era em geral criminosa, estigmatizada e punida por lei. Desenvolviam as mais variadas atividades: batedores de carteira, traficantes, assaltantes, donos de bares e casas noturnas, prestadores de segurança privada para o comércio local e toda uma gama de práticas criminosas, cujo objetivo é o lucro. Era o grupo que mais interferia no cotidiano da Boca, garantia a “infraestrutura” necessária ao funcionamento das outras atividades, sem contar que eram (os malandros) os que mais preocupavam o poder público e sempre estavam presentes no noticiário dos jornais. Sobre isso iremos nos aprofundar no decorrer do capítulo.

Ao começar a analisar o malandro enquanto um ator social da Boca Lixo se faz necessário uma pequena digressão sobre o surgimento e configuração da imagem do malandro no imaginário coletivo. De imediato, é necessário fazer uma comparação entre a malandragem ao qual nossa pesquisa se refere e aquela que foi extremamente difundida durante o Estado Novo, que tentava vincular à imagem do malandro a ideia de uma “identidade nacional”. Essa imagem romântica, que pensa o malandro como o pobre do morro que consegue levar a vida “numa boa”, e mesmo passando por dificuldades sempre arruma uma forma de ultrapassar, se virar, cometendo algumas “contravenções”, mas nunca crimes. Sua atividade não visava o lucro em grande escala, e sua diversão era vestir uma boa camisa de seda, colocar um lenço no pescoço, sapato bicolor, chapéu Panamá, exibir sua ginga e sua malemolência.¹⁹⁴ Esse tipo romantizado de malandragem tem como sua característica principal, quase única, “praticar a astúcia pela astúcia”, tem como finalidade o jogo do cotidiano, uma relação muito forte com o lúdico, e que se dá nas diversas situações onde se faz necessário se utilizar de um pequeno embuste para sobreviver, seja pulando do bonde sem pagar a passagem, ou se ajeitando com algum funcionário público para resolver algum problema, como canta Adoniran Barbosa sobre um malandro que resolve um entrave de moradia através de sua amizade com um

¹⁹³ Importante salientar novamente o ponto de vista exclusivamente masculino com o qual Hiroito analisa a Boca do Lixo, a ponto de praticamente deixar de fora o papel exercido pelas prostitutas no cotidiano local.

¹⁹⁴ RODRIGUES, Geisa. **As Múltiplas faces de Madame Satã**: estéticas e políticas do corpo. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2013.p.45.

agente publico, canta: “com o Saracura, que é fiscal da prefeitura, foi um grande amigo, arranjou tudo pra mim”.¹⁹⁵ Portanto, sua ação não visava uma produção de lucro em escala, era apenas uma forma de jogar com as dificuldades do cotidiano.

Essa primeira imagem do malandro, de certa forma, está muito relacionada com o Rio de Janeiro, o samba e o carnaval — embora essa construção possa ser observada em diversas outras regiões, inclusive na São Paulo de Adoniran Barbosa — a que se estabeleceu na Boca do Lixo no começo dos anos 1950 era de outro tipo. Hiroito e seus parceiros — ou inimigos — tinham uma relação mais organizada com uma série de negócios ilícitos; nesse tipo de malandragem observada na Boca do Lixo, a intenção era o lucro financeiro na maior escala possível.

Hiroito como já sabemos, começou a frequentar a região da Boca do Lixo enquanto boêmio. Mas foi na condição de malandro que ele alcançou o título mantido por algum tempo (de 1957 até 1959), o de “Rei da Boca”. Esse grupo, o dos malandros, tinham outros personagens famosos que figuram não só na versão de Hiroito, como também nas páginas dos jornais, iremos apresentar de maneira breve alguns deles e depois passaremos a descrever e analisar como se dava a distribuição de territórios e tarefas entre eles.

Começando por Osny, um vigarista nato de um refino impressionante na arte de ludibriar; sua eficácia era proporcional à ousadia de seus golpes; Hiroito o compara ao mítico personagem que embalou o imaginário de adolescentes do sexo masculino de várias gerações, o famoso Bocage, daquelas histórias com as filhas do rei, onde surgia com as mais inverossímeis, ridículas e maquiavélicas tramoias para conseguir aquilo das ditas princesas, era o personagem que mais me lembrava Osny”.¹⁹⁶

Nelsinho da 45, de origem judaica, conhecido na Boca do Lixo como “o Judeu”, tinha a fama de mau humorado e violento; seu apelido, foi conseguido após o mesmo ter invadido um bar lotado disparando com sua arma calibre 45 contra um oficial da Marinha que o havia agredido. No livro, ele traz algumas características que eram comuns a esse grupo, como, por exemplo, a necessidade e a capacidade de violência, algo de suma importância para sobreviver e ser respeitado no ambiente:

A Violência do Nelson da 45, no entanto, posso afirmá-lo, não era propriedade intrínseca à sua índole, mas algo que lhe fora reclamado, exigido como condição de sobrevivência no ambiente.[...]. Em mim, era a

¹⁹⁵ **Saudosa Maloca**, Adoniran Barbosa, 1979.

¹⁹⁶ JOANIDES, Hiroito de Moraes. op.cit. p.52.

palidez da minha figura – magro meio encurvado e míope, de falar e as maneiras finas – que me fazia, me tornava incapaz de inspirar no ambiente um mínimo de respeito por parte de indivíduos já por natureza pouco afeitos a isso de respeitar o próximo. Havia que consegui-lo através da linguagem ali corrente, melhor entendida por todos: a violência.¹⁹⁷

Importante salientar que Hiroito não quer dizer, com isso, que a violência na Boca era generalizada e qualquer pessoa que transitava por lá estaria correndo risco de ser agredido. A linguagem da violência era usada entre os malandros, normalmente para impor respeito, cobrar alguma dívida, ou para punir algum malandro mais esperto que o tenha lhe “passado pra trás”. Os valentes também eram solicitados para prestar proteção aos estabelecimentos e a seus donos, sejam estabelecimentos comerciais onde se desenvolviam atividades lícitas, como o comércio de roupas e eletrônicos; ou estabelecimentos da vida noturna, onde as atividades eram o jogo, a boêmia, *striptease* e que serviam de local de reunião, espécie de ponto de apoio ou escritório para os malandros locais.¹⁹⁸

O grupo de malandros que começou a exercer essa função de “proteção” era formado por Quinzinho, Brandaozinho, Mauro Laschiavo e Mamamá. Segundo Hiroito, esse grupo começou como meros coadjuvantes no universo da Boca do Lixo, mas, por conta de sua capacidade de violência e por ter introduzido esse novo tipo de serviço, ganharam destaque na imprensa e passaram a ter determinada importância. Quinzinho, especialmente, chegou a disputar o posto de “rei da boca” com Hiroito, quando esse se encontrava preso. Mas sobre isso falaremos mais adiante, esses personagens ainda vão aparecer no texto.¹⁹⁹

Em relação às outras pessoas que conviviam no local, e que não estavam diretamente envolvidas com essas práticas mundanas, sejam os transeuntes ou funcionários de lojas e escritórios da redondeza, existia um código de conduta que estabelecia que os malandros não só as respeitassem como também deveriam proteger sua integridade física, caso algum aspirante ao submundo resolvesse usar de violência ou roubar algum comerciante, cidadão ou pedestre na Boca. Assim, a convivência no local entre os diferentes grupos era até então pacífica, pois a malandragem ainda tinha certa conduta moral. Sobre essa função de garantir a ordem e a logística para o bom funcionamento do local, Hiroito a descreve da seguinte forma:

A verdade é que o “apadrinhamento” e o “protecionismo” remunerado dos valentes, além de evitar um grande número de encrencas próprias àquela

¹⁹⁷ Ibidem p.50.

¹⁹⁸ Ibidem p.55.

¹⁹⁹ Ibidem. p.63.

vida, a gente do meio, apresentavam ainda a vantagem de trazer para a esfera de alguns poucos as encrencas que surgissem. Não fosse eles a “boca” seria uma “terra de ninguém”, permanentemente imersa num caos de conflitos, confusões e embates que em muito se assemelhavam a uma guerrinha civil.²⁰⁰

O segundo grupo, o dos vadios, funcionava como uma espécie de assessoria da malandragem, embora fosse parte da vida cotidiana da Boca e dentro desse ambiente tiravam seu sustento; suas ações não chegavam a ferir a lei, ou eram consideradas infrações leves, eram aqueles que para sobreviver feriam as regras morais da sociedade, mas não se enquadravam na categoria de criminoso:

Como exemplo, temos o jogador profissional (de baralho, de sinuca, de dados); o chofer de praça que faz ponto no submundo, prestando-se a transportar malandros ou prostitutas que desejem sair à procura, para comprar, um qualquer tóxico ou dar uma banda para queimar um fumo, ou ainda servindo a clientela em serviços que tais.[...]. Outras vezes, fazem-se agenciadores de meretrizes para uma qualquer casa de lenocínio ou o inverso, ou de parceiros para jogo, intermediários ou apresentadores em transações de tóxicos e mercadorias roubadas, moços de recado, vendedores de informações, ou detetives particulares. Enfim, como serventuários, há que se louvar a diversidade de seus préstimos²⁰¹

Por fim, o grupo menos perseguido pelas autoridades oficiais, os que normalmente se aproximavam da Boca a procura de diversão e sexo, os boêmios. Os locais de diversão na Boca Do Lixo, bares, boates, restaurantes, eram os lugares onde se encontravam a boêmia, e era do conforto do balcão ou da mesa que eles olhavam e escolhiam as mulheres com as quais iriam estabelecer a relação financeira de trocar um pouco de dinheiro por um pouco de prazer.

Não era raro que alguns desses, depois de virarem frequentadores assíduos do local, manterem relações estáveis com as meretrizes que frequentavam, ou no linguajar do local, “estar de caso formado”. Joanides diz que os casos começavam quando o jovem frequentador encontrava sua preferida em momento que sua situação financeira não lhe permitia pagar pelo programa; nessas ocasiões, era normal o seguinte tipo de resposta: “depois você me paga” ou “eu não quero dinheiro de você”.

O que levava a prostituta a dispensar o pagamento? O fato de já ter por seu cliente certa afetividade, ou mesmo certa carência em relação ao sonho de uma vida amorosa no padrão normal:

²⁰⁰ Ibidem. p.98.

²⁰¹ Ibidem. p.42.

Aquela abstenção, aquela dispensa de pagamento adquiria, equivalia e propiciava, à prostitua entre feliz e encabulada, a alegria e a emoção de instantes de noivado [...]. Vinham então os jantares em restaurantes, sessões de cinema, passeios, bailes e, vez ou outra, dormia-se juntos. Pronto, estava formado um caso²⁰²

Embora fosse parte do cenário multifacetado do submundo da Boca, é importante lembrar que os boêmios, normalmente, eram pessoas que tinham ocupações formais, de onde tiravam o dinheiro para seu sustento e diversão. Alguns eram estudantes, oriundos de famílias abastadas, de onde provinha o dinheiro para a diversão. Importante deixar claro que estamos nos referindo aos que frequentavam o local apenas para as atividades lúdicas, ou seja, policiais militares, repórteres policiais e toda uma gama de trabalhadores. Mas é claro que a prática da boêmia não era exclusividade desses grupos, pois os malandros e vadios sempre estavam a bebericar e apreciar as mulheres e diversões afins.²⁰³

Existia também outro tipo de praticante da Boca, que não se constituía enquanto um grupo organizado — pois sua atuação de dava de forma individual — mas que era repugnado por todos os grupos que atuavam na Boca, inclusive por comerciários e funcionários das lojas. Eles frequentavam os bares, as casas de jogos e os mais diversos ambientes; praticavam a boêmia, a jogatina e às vezes a própria malandragem. No entanto, tudo isso era uma tática para desenvolver a pior das atividades aos olhos de um malandro, pois o produto de seu trabalho era a “caguetagem”, esse tipo ao qual nos referimos é o “dedo- duro”. Essa atividade foi descrita da seguinte forma em conto-reportagem de João Antônio publicado na revista *Realidade*:

Ele vive infiltrado nas rodas da malandragem, sempre espreitando, fingindo-se de malandro também. O seu trabalho é um só: cagüetar, endedar, engessar, falar, entregar, dar o serviço, atraiçoar aquêles de quem se faz companheiro. Contar à polícia tudo o que viu entre os malandros. É uma profissão suja e perigosa, que ele exerce para viver em paz com a lei e ter livre trânsito no mundo do crime. Um mundo onde não existe maior ofensa do que a palavra cagüeta. Assim, maldito por todos os lados, ele é detestado pelos policiais, que o usam mas não confiam nele, e pelos malandros, que têm para ele um código: “Quem fala morre.”²⁰⁴

²⁰² Ibidem. p.44.

²⁰³ Ibidem. p.61.

²⁰⁴ **Revista Realidade**, ed. 23, julho de 1968. p.36.

Em outra parte da descrição de João Antônio, podemos perceber que a ojeriza a esse tipo considerado pernicioso não é exclusividade dos malandros e habitantes da Boca; até mesmo a polícia desconfia do tipo. Outra coisa que chama a atenção é a estratégia da polícia quando efetua prisões oriundas de informações colhidas através desses infiltrados, pois, para despistar os malandros e proteger a “vida” de seu informante — ou talvez, para manter a fonte de informação — eles também o levam preso, conforme continuação do relato:

Para a polícia, é um mal necessário: ‘Ele ajuda, mas quem entrega de um lado pode entregar do outro.’ Para a malandragem, é um perigo: ‘Entrega até a mãe.’ Chacal, alcagüeta, cagüete, cachorrinho, delator, informante, reservado, federal, engessador, falador, bôca mole, bôca de litro, dedo duro, são a mesma coisa. Ele não tem rosto. E até quando vai preso é uma armadilha para os bandidos continuarem acreditando nele. Por isso, quase toda vez que um grupo de malandros cai nas mãos da polícia, o homem que os entregou também está entre eles, apenas para despistar.²⁰⁵

Existia também outro tipo de informante, só que esse possuía um *status* positivo entre os malandros e praticantes da Boca. Era uma espécie de “contra partida” tática dos malandros aos informantes da policia — lembrando aqui de Michel De Certeau, a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo[...] e no espaço por ele controlado”²⁰⁶ —, surge esse tipo que hoje chamaríamos de “olheiro”. Ele ficava nas esquinas ou em pontos altos da Boca, com uma ampla visão do local onde deveria vigiar, e a qualquer sinal de aproximação da polícia, sua tarefa era correr e avisar ao chefe. Encontramos uma descrição desse tipo em uma reportagem do *Diário da Noite*. Depois de narrar uma batida policial a uma casa de lenocínio, aos descrever os presos na ação e os tipos de atividades que exerciam, o jornalista faz o relato com o subtítulo de DEDO DURO:

Por ocasião da ronda, foi detido o indivíduo Jair Passos, de quem os agentes dizem ser uma espécie de pombo-correio das meretrizes, rufiões e malandros. Segundo informações do investigador Helio Teixeira, Jair, ao notar a presença de policiais em alguma parte da ‘boca do lixo’ se apressava em correr para avisar às mundanas e donos de hotéis, prevenindo-os contra uma possível investida por parte dos homens da lei.

²⁰⁵ *Diário da noite*, 01-05-1963. p.8.

²⁰⁶ DE CERTEAU, Michel apud BENATTE. Antonio Paulo: **Dos Jogos que especulam com o acaso:** contribuição à história dos “jogos de azar” no Brasil (1890 – 1950). Tese de Doutorado. UNICAMP-IFCH. p.101.

Ao concluir a leitura da autobiografia de Hiroito, podemos afirmar que houve um período, de 1953 a 1959, em que o convívio na Boca era seguro e pacífico, a polícia marcava presença no local, mas com a simples intenção de intimidar e só agia para reprimir atos que ferissem explicitamente à lei, como a violência e o roubo. Existia certa tolerância em relação ao funcionamento daquela economia heterogênea. Assim, prostitutas, malandros, boêmios e vadios exerciam seus ofícios com certa tranquilidade. Havia um código moral que impedia a prática de assalto aos comerciantes do local, e poucos eram os malandros que se atreviam a quebrá-lo.

Porém, a elite paulista começou a se sentir extremamente incomodada com a existência desse “cancro.” A imprensa da época contribuiu muito para que esse incômodo se transformasse em cobrança. Os jornais, a partir de 1959, intensificaram uma campanha que pedia o fim da Boca do Lixo. A historiadora Márcia Regina Ciscati diz que essas reportagens colocavam o corpo policial em uma situação incômoda perante a opinião pública, pois gerava na população a sensação de impunidade.²⁰⁷ A elite começava a desconfiar de cumplicidade da polícia em relação à Boca; a partir disso, começaram a surgir inúmeras cobranças para que se desse fim aquele “antro de corrupção”.

A relação entre a polícia e a fauna de viradores que compunha a Boca do Lixo era relativamente tranquila. Exceto os casos em que alguns extrapolavam os limites impostos, como por exemplo, fazendo algum tipo de ação mais escandalosa, como promover tiroteios em via pública, ou exagerassem no uso da violência para com alguma vítima. Outra situação era quando a polícia precisava justificar-se perante a imprensa e, por conta disso, efetuava alguma batida nas casas de lenocínio, nos bares ou nas ruas da Boca. Também ocorria de efetuar a prisão algum malandro famoso, pois no outro dia, na certa, a ação estaria estampada na capa do caderno de reportagem policial. Fora isso, a relação transcorria de forma pacífica e ordeira, como relata Hiroito:

Até por volta de 1959, a Boca, do ponto de vista dos desajustados sociais, era um local relativamente seguro. A presença policial tinha escopo meramente intimidativo, e a ação, propriamente dita, só se manifestavam em forma de repressão. Não havia ainda, pelo menos não de modo generalizado, a tal ação preventiva, ou seja, isso de se prender para evitar. Apenas nas sextas-feiras é que o 3º Distrito Policial saíam as ruas da Boca, em caravanas com aqueles enormes carros de presos percebíveis a quilômetros de distância, para recolher aos xadrezes, até a segunda-feira, de

²⁰⁷ CISCATI, Márcia Regina. . **Malandros da terra do trabalho:** malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930-1950). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000. p.52.

preferência mulheres mais baderneiras, os tipos mais arruaceiros, visando com isso propiciar um sábado e domingo — dias em que o pedaço iria ferver em sua movimentação — mais pacíficos e ordeiros, com menos ocorrências policiais.²⁰⁸

Com o aumento da cobrança por parte da imprensa e de setores da sociedade por uma solução que desse fim a Boca do Lixo, acarretou-se em uma ação mais ostensiva da polícia; as rondas, que só aconteciam nas sextas-feiras, passaram a acontecer todos os dias; o policiamento no local foi reforçado e as batidas passaram a ser mais ostensivas. Com isso, qualquer pessoa que fosse considerada suspeita era presa, a qualquer hora ou dia da semana. “E todas as noites da Boca passaram a ser noites de sexta-feira... Não se tinha mais sossego.”²⁰⁹

Sobre essa nova conjuntura, no dia 25 de outubro de 1963, o *Diário da Noite* publica uma reportagem sobre a intervenção da polícia com intuito de por fim a Boca do Lixo, o título da reportagem é POLICIA TENTARÁ LIMPAR CHAMADA “BOCA DO LIXO”; e em determinado momento podemos observar a ordem de um Secretário de Segurança do Estado para que aumentasse a intensidade do patrulhamento na Boca:

Nestes próximos dias, segundo fontes da Secretária da Segurança Pública, a polícia vai encetar severa campanha, visando a fazer uma limpeza geral da chamada “Boca do Lixo”, que agora, mais do que nunca, está-se constituindo em verdadeiro paraíso para toda sorte de marginais, alguns perigosíssimos [...] De acordo com os planos delineados pelo general Secretário de Segurança, elementos da Força Pública, da Guarda Civil, auxiliados pela Polícia do Exército e da Aeronáutica, exercerão um policiamento ininterrupto, durante 24 horas, impedindo que grupos se formem nas esquinas e evitando arruaças por parte das mulheres, marginais ou populares, inclusive dos próprios elementos fardados.²¹⁰

A imprensa continuava cobrando uma solução para por fim ao local de bandidismo; e, na proporção que aumentava as cobranças, aumentava a violência das ações da polícia. A ordem do dia agora era: atacar a enfermidade que atrapalha e envergonha a próspera elite paulista.

A historiadora Márcia Regina Ciscati diz que o livro de Hiroito faz um panorama geral da geografia e ambientação da malandragem na Boca do Lixo; ao descrever seu cotidiano, ele mostra a condição humana dos delinquentes e prostitutas e todo o sistema de sociabilidade heterogênea próprio da malandragem e da boêmia. Seu texto aponta que, em dado momento,

²⁰⁸ JOANIDES. *op.cit.* p.141.

²⁰⁹ *Ibidem* p.142.

²¹⁰ *Diário da Noite*, 25/10/1963. p. 7.

lembrando o que aconteceu em 1953 com a Zona do Metrício, a imprensa, provavelmente pressionada por setores da sociedade — Ciscati lista a Igreja, pelos motivos conservadores de sempre; e grandes empresários do setor imobiliário que tinham interesse em retomar a especulação na área — desencadeou uma série de reportagens onde se pedia uma providência urgente para colocar fim naquelas cenas de vadiagem e pouca vergonha praticadas a céu aberto, diz Ciscati: “todavia, a mesma sociabilidade começou a preocupar as autoridades e motivaram ações ‘higienizadoras’, disciplinares e repressivas pelas instituições oficiais ou pelas vozes indignadas da imprensa.” Assim, o *Diário da Noite* publica estampa na reportagem do dia 20/07/1963 o seguinte título: RONDA DA MORALIDADE COMBATE O LENOCINIO:

46 mulheres detidas para averiguações, quatro hotéis vistoriados e dois responsáveis por alcouces envolvidos em sindicância, foi o resultado de duas horas de trabalho — das 15 às 17 – dos agentes que fazem a chamada “ronda da moralidade” há dois dias organizada pelo delegado Silvio Pereira Machado, titular do setor de Lenocínio do DEIC. Ontem, os 25 investigadores que fazem essa ronda tiveram seu dia mais produtivo e no momento em que encerrávamos os trabalhos desta edição, continuavam nas ruas, visando a uma limpeza geral na cidade, seguindo determinações do titular do setor, que vem mantendo sucessivas reuniões com sr. Mario Perez Fernandes, diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais.²¹¹

Como pode-se observar, nesse primeiro momento da notícia o jornalista foca a narrativa na intensidade do trabalho da polícia, na quantidade de pessoas presas e na quantidade de hotéis vistoriados. Depois, a ênfase retoma novamente para o trabalho árduo dos agentes da repressão, cita o número de investigadores envolvidos, além de deixar subentendido que o trabalho continuou noite adentro; entra em cena novamente a velha querela de acabar com as atividades ilícitas nas ruas de São Paulo, conforme escreve o jornalista, a ação foi desencadeada “visando a uma limpeza geral da cidade”.

Por ora, surge a seguinte questão: se a intenção era acabar com a malandragem da Boca do Lixo, por que a ação foi centrada apenas em desarmar pontos de prostituição? Já foi levantada aqui a ideia de que é em torno da prostituição que pululam outras atividades ilícitas e muitos malandros viviam de caso com as prostitutas, seja um caso amoroso, ou mesmo uma simples relação de negócio entre o rufião e sua “mina”. Portanto, na segunda parte da reportagem essa questão começa a ficar clara quando o leitor percebe que muitos dos

²¹¹ *Diário da Noite*, 21/07/1963. p.7.

malandros já estavam presos e algumas de suas companheiras se encontravam naquele local, como podemos observar nesse outro fragmento da mesma reportagem:

As primeiras detenções ocorreram à porta do alcouce mantido pela decaída apelidada de “Carioquinha”, à rua Washington Luiz, 386, onde se achavam cerca de dez mulheres. Logo após, nas mesmas condições, eram detidas mulheres que aliciavam “clientes” no conventinho de Ada Martins, a “Laura”, situado na mesma rua, prédio nº 384. Ada é amasia de Joaquim Pereira da Costa, o Quinzinho, atualmente recolhido à Casa de Detenção como explorador do lenocínio e rufião.²¹²

As duas mulheres mencionadas no texto tiveram ou tem relação com algum malandro famoso; Carioquinha, por exemplo, era uma das amantes e pessoa de confiança de Hiroito, sendo que o mesmo se encontrava na cadeia no período em que essa operação da polícia foi executada; e Ada Martins, como o próprio texto salienta, era amante e morava junto com Quinzinho, que também se encontrava detido.

Ainda na mesma reportagem, em outro tópico do texto, cujo subtítulo é RUFIÕES, fica claro que a intenção e o alvo da polícia ao empreender a busca no local não era apenas as mulheres e o fechamento dos locais de prostituição. Voltemos à reportagem:

À noite, quando verificamos os resultados das primeiras investidas policiais, o delegado Silvio Pereira Machado chamou a atenção de seus agentes quanto à ação dos rufiões na cidade, principalmente na “boca do lixo”. Na oportunidade, o delegado recomendou que seus comandados efetuem as detenções e encaminhem as custodiadas à sua presença, a fim de que sejam ouvidas em termos de declarações.²¹³

A respeito de como a sociedade costuma enfrentar o problema da delinquência, Hiroito tem uma tese interessante; defende ele que a nossa sociedade encara a criminalidade isolada de fatores éticos e sociais, colocando-a com um mal que nasce por si e atrapalha o bom funcionamento do restante do corpo social. Coloca-se a culpa em fatores individuais, para ele a criminalidade é consequência de um quadro de desigualdade social, de valores consumistas e, para acabar com ela, é necessário uma mudança profunda desses valores e da sociedade como um todo, não basta apenas atacar os delinquentes:

Para nós, ocidentais, temos a doença como sendo a causa do desequilíbrio das funções normais do organismo. Já para os seguidores da milenar medicina oriental, é o desequilíbrio das funções saudáveis que permite o

²¹² **Diário da Noite**, 21/07/1963, p.7.

²¹³ **Diário da Noite**, 21/07/1963, p.7.

aparecimento, que dá causa às doenças. [...] Assim, enquanto nós para curarmos um organismo enfermo tratamos de combater, de atacar a doença, os velhos curandeiros orientais, num mesmo caso, buscariam fortalecer o corpo enfermo, visando harmonizar suas funções basilares em desequilíbrio, e nada mais. Com isso, afirmam, desaparece, termina a doença.²¹⁴

Nossa intenção ao trazer para o texto essa tese de Hiroito, não é tentar encontrar uma solução para a questão da delinquência e sim procurar problematizar sobre como o poder disciplinar atua sobre as práticas consideradas fora do padrão, marginais. Sobre a forma como o Estado atua contra a delinquência, Foucault diz que a sociedade se engana ao diagnosticar o insucesso dessa ação, afirmando que o Estado fracassa e acaba por fabricar delinquentes: “Eu diria, antes, ele é bem-sucedido, pois é isso que se lhe requer”.²¹⁵

A intenção de fabricar delinquentes se torna estranha, se passarmos a perguntar qual o lucro que o Estado teria ao produzir delinquentes. Para Foucault, isso funciona como mecanismo para intimidar as práticas desviantes, greves e resistências: “Um lucro político: quanto mais delinquentes há, mais a população aceita os controles policiais e disciplinares.”²¹⁶ Em seu famoso trabalho sobre a história das prisões, o filósofo francês sintetiza essa função positiva que a produção da delinquência exerce para que a população aceite o controle do seu cotidiano pelos órgãos de repressão do Estado, mostra também como a imprensa, e em especial, os relatos sobre crimes, se articulam com esses aparelhos estatais para fazer com que se aceite e até me se deseje o reforço da vigilância da Polícia sobre a vida das pessoas, diz:

Sem delinquência não há polícia. Aceitamos entre nós gente de uniforme, armada [...], que nos pede documentos, que vem rondar nossas portas. Como isso seria aceitável se não houvesse delinquentes? Ou se não houvesse todos os dias, nos jornais, artigos onde contam quão numerosos e perigosos são os delinquentes?²¹⁷

Não à toa, os anos que se sucederam ao fim da Boca, foram anos de forte repressão do aparelho de Estado, e as massas de trabalhadores, no geral, não só aceitavam como achavam necessária a intervenção ditatorial.

²¹⁴ JOANIDES. *op.cit.* p.46.

²¹⁵ FOUCAULT. Michel. Gerir os ilegalismos. In: **Entrevistas**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 57-58.

²¹⁶ *Ibidem.* p.59.

²¹⁷ FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir**: a história da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.p.138.

Sobre a ação repressiva contra a Boca do Lixo e suas práticas, a historiadora Margareth Rago diz o seguinte:

[...] era preciso recuperar o proletariado, corrompido e degenerado, para retomar o progresso nacional. O ser produtivo deve ser o trabalhador de hábitos regulares, que obedece servilmente às imposições do capital, que não se deixa imbuir por ideias “estranhas e estrangeiras” que corroem os valores fundantes da sociedade, tanto na fábrica quanto fora dos seus muros.²¹⁸

Assim, o lugar que Hiroito encara como espaço onde se desenvolvem sociabilidades passa a ser reconhecido pelo poder e pela imprensa como *antro*. Os jornais da época estampavam em suas capas: “a vergonha da cidade”. Por volta de 1963 a ação do Estado e dos seus aparelhos conseguiu o que intencionava: por fim as atividades na Boca do Lixo, extinguir a prática da malandragem, da prostituição e da boêmia desregrada. Sobre esse momento escreve Hiroito:

O Quadrilátero do Pecado, onde os malandros se feriam, e se matavam por quaisquer motivos e mesmo sem motivo algum, onde prostitutas em procissão exerciam a mais antiga e desgraçada das profissões, e onde estas e aqueles, podiam adquirir o tóxico que os tornariam menos apercebidos da miserabilidade contida em suas vidas, foi extinto territorialmente. Mas apenas territorialmente.²¹⁹

O espaço onde ficava a Boca, foi territorialmente reconquistado pela sociedade. Mas se perguntarmos: com isso acabou também a delinquência na cidade? A resposta de Hiroito é, não, ela espalhou-se, aumentou e agora está em todo seu perímetro:

A cidadela dos desajustados não resistira aos assédios das tropas moralistas e seus habitantes, em fuga, espalharam-se por toda a cidade, invadindo áreas de comércio, as zonas residenciais, misturando-se à *gente de bem* de todas as classes sociais. [...] A Boca do Lixo morrera? Não, pelo contrário, crescera assustadoramente. E seguiria crescendo. Hoje ela ocupa uma área de 1.493 km². Exatamente a superfície ocupada (*na época*) pela cidade que mais cresce no mundo.²²⁰

A autobiografia de Hiroito é um testemunho sobre um período, lugar e aspecto da história da cidade de São Paulo. Mas antes, é também um ato de resistência e estilização da

²¹⁸ RAGO. Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil. 1890 -1930)**. São Paulo: Paz e terra, 2014. p.190.

²¹⁹ JOANIDES.op.cit. 159.

²²⁰ Ibidem. p.255.

vida. No sentido de que é um trabalho de força que ele exerce sobre si, para contrapor a imagem criada pelos os diagramas de saber-poder sobre uma realidade onde ele estava inserido, essa produção de sentido — no caso da nossa pesquisa, era feita por parte da imprensa— se dá com o intuito de impor códigos morais e identidades²²¹, bem como, de construir a memória sobre a Boca do Lixo a partir de um prisma moralizador e disciplinar. Ao narrar sua própria vida, fazendo uma análise alternativa desse momento, Hiroito busca elaborar um relato à margem²²² da História oficial sobre a capital paulista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a dialogar e problematizar sobre as construções discursivas produzidas pela imprensa referente ao cotidiano e sociabilidades desenvolvidos na Boca do Lixo nas décadas de 1950 e 1960. Para tanto, foi necessário estabelecer alguns pontos de partidas, mas não de chegada. Portanto, essas considerações finais não têm, obviamente, a intenção de encerrar — no sentido de esgotar — as interpretações e problematizações propostas. Antes disso, a intenção é apontar as possíveis lacunas deixadas por esta empreitada, e quem sabe, a partir disso, pensar em um projeto futuro, onde o objeto poderá ser analisado a partir de outros olhares, com novas fontes e outros métodos.

O ponto do qual partimos foi o fechamento da Zona de Meretrício da cidade de São Paulo. Legalizada e permitida, a mesma foi alvo do aparato estatal que preparava a cidade para as festas do IV Centenário de seu aniversário. Com isso, não queremos afirmar que esse foi o único motivo de seu fechamento, mas que teve um peso importante na decisão do governador Lucas Garcez. Foi a partir dessa proibição que as sociabilidades antes restritas ao perímetro da Zona, espalharam-se pelo centro de São Paulo; com isso, em poucos dias as ruas dos Campos Elíseos estavam tomadas pelo trottoir, malandragem, jogatina e todo o circuito de diversão pertencente ao mundo da boêmia. Ao se estabelecer como nova sede do submundo, a Boca criou todo um cotidiano e economia própria. Seus códigos de conduta eram de outra ordem, não aqueles estabelecidos pelas normas jurídicas e/ou a visão religiosa cristã do mundo. Naquele território a linguagem era de outra ordem, a moral era criada de

²²¹ BENATE. Antonio Paulo. **Dos jogos que especulam com o acaso:** contribuição à história do “jogo de azar” no Brasil (1980-1950). Tese(Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2002. p.54.

²²² Utilizo o termo no sentido de uma posição política, que consiste em escolher passar por fora, ser um *outsider*.

acordo com as situações diárias, com os tempos e contratempos enfrentados por malandros, prostitutas, jogadores, punguistas, nos seus embates diários com os aparelhos do Estado.

A imprensa policial cobriu cotidianamente os acontecimentos da Boca do Lixo. Essas reportagens geralmente faziam uso de recursos de linguagem como o *chavão*, por exemplo, com a intenção não só de facilitar a comunicação com seu público alvo — os populares — mas para estigmatizar as práticas e os habitantes da Boca do Lixo. Recorrendo a metáforas pejorativas com intuito de passar uma ideia de sujeira, refugo, nojo, devassidão e etc. Outro aspecto observado nesse tipo de reportagem, diz respeito à variedade de vozes e de locais de discursos de onde partiam essas construções. Ao analisar os jornais percebemos que ele servia como plataforma para a proliferação de discursos dos mais diversos campos do saber, da medicina, da criminologia, da igreja, da academia, do Estado, todos com o mesmo intuito de produzir uma versão normatizadora e moralizante sobre o cotidiano marginal do local que eles mesmos chamaram de “Quadrilátero do Pecado”. Alguns periódicos também se reivindicavam enquanto porta-voz de demandas de setores da sociedade e de órgãos do Estado, no sentido de que reproduziam em suas páginas pedidos e cobranças de ações higienizadoras e repressivas que pudessem resolver a situação “degradante” ao qual a Boca do Lixo expunha a maior metrópole do país.

O contraponto a essas representações pôde ser encontrado no relato autobiográfico de Hiroito de Moraes Joanides. Partindo das considerações foucaultianas sobre a “escrita de si” enquanto uma prática de resistência a essas “máquinas de produzir subjetividades”, usamos essa autobiografia sem medo de assumir seu aspecto de autoconstrução, aquela denúncia sempre feita de que nesse tipo de escrita autocentrada, o autor tende a supervalorizar sua importância na realidade pretensamente relatada. Ora, é exatamente isso que nos interessa destacar, pois, entendemos essa construção autobiográfica enquanto uma “estética da existência”. No caso específico do relato de Hiroito, se construir para defender-se da construção enviesada pela imprensa para tratá-lo apenas enquanto o monstro, perigoso, que deve ser mantido isolado, pois incapaz de demonstrar qualquer sentimento ou capacidade de convívio social e afetivo.

Por fim, destacamos um movimento encontrado nos três capítulos desta dissertação que diz respeito às constantes tentativas de reprimir e extirpar as atividades marginais do seio da sociedade paulistana e seus sucessivos fracassos. A extinção da Zona do Meretrício em 1953 espalhou a prostituição e a malandragem pelo centro da cidade, gerando a Boca do Lixo. O aumento da repressão à Boca do Lixo pode ter retirado daquela região os malandros e as

prostitutas, bem como todas as atividades que se articulam em torno dessas, porém, o que se conseguiu foi espalhar os “ilegalismos” por toda a cidade, como bem lembrou Hiroito, a partir disso toda a cidade virou uma “Boca do Lixo”. Como uma “metástase” — para se utilizar dos recursos de linguagem da reportagem policial — essas práticas se disseminam pela metrópole, gerando outros territórios ou assumindo características nômades...sim, leitor, isso não consta na dissertação, ou pelo menos, não recebeu uma atenção específica, porém pode apontar para futuras empreitadas de pesquisa...

FONTES IMPRESAS

Acervo jornal *A Capital* (1969)
 Acervo jornal *A Noite* (1953)
 Acervo jornal *Diário da Noite* (1951-1969)
 Acervo jornal *O Estado de São Paulo* (1953-1958)
 Acervo jornal *de Notícias* (1950)
 Acervo revista *A Plateia* (1940)
 Acervo revista *Realidade* (1963)

FONTES FILMÍCAS

SGANZERLA, Rogério; **O Bandido da Luz Vermelha**. Vídeo Interamericana, 1968.

NETO. Simplício. DERRAIK. Márcia. **Onde a Coruja Dorme**. Documentário.Tvzero e Antena, 2010.

FONTES MEMORIALISTAS

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. Labortexto, São Paulo, 2003.

PORTÃO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d.

FONTES LITERÁRIAS:

ANTÔNIO. João. **Abraçado ao meu rancor**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2003.

_____. **Leão de chácara**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. **Paulinho Perna Torta**. In: Leão de Chácara. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

PROGRAMA DE TV

Programa **Provocações**. Nº 09, TV Cultura. Exibido em 11/03/2011 Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/programa-009> Acesso em ago.2014.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: a invenção do” falo”**, uma história do gênero masculino(1920 – 1940) . São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregênêros).

_____. “Mennocchio e Rivière: Criminosos da palavra, poetas do silêncio.” **Revista Resgate**, n 2. Campinas, 1991, p. 48-55.

ANKERSMIT, F.R. Historiografia e pós-modernismo. **Topói**, Rio de Janeiro, mar. 2001, p.p 113-135. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi02.htm Acesso em: ago.2014.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida.” In: **Arquivos Pessoais**, Revista de Estudos Históricos: Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas(CPDOC\FGV) , v.11, n 21, p 9-34. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/240.pdf>. Acesso em jun. 2014.

BARROS, José D’Assunção. “Fontes Históricas — um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos”. In: **Revista Alburquerque**. Vol.3, n.1, 2010.

_____. História: uma ficção bem documentada. **História & Ensino** (UEL), Londrina, v. 7, p. 23-32, 2001.

_____. **O centro e as margens:** boemia e prostituição na “capital mundial do café”(Londrina 1930-1970). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 1996.

_____. **Dos jogos que especulam com o acaso:** contribuição à história do “jogo de azar” no Brasil (1980-1950). Tese(Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2002. p.54.

_____. **Notas sobre a história dos marginais.** Curitiba. datloscrito, s.d.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas, v. 3).

_____. Teses sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política.** Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989.

_____. Mendigos e Prostitutas. In: **Rua de mão única.** Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 2).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPONI, Sandra. **Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível.** Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de Campinas, 1992.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Foucault em três tempos a subjetividade na arqueologia do saber. **Revista Mente e Cérebro** – Filosofia, São Paulo, n. 6, p. 6-13, 2007.

CHAVES. Ernani. Sexualidade, corpo e desejo em Walter Benjamin. In: **Revista Cult,** São Paulo, p.56 - 57, 01 set. 2006. p. 54.

CISCATI, Márcia Regina. . **Malandros da terra do trabalho:** malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930-1950). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

COELHO, José João Teixeira. **Instrução para o Governador da capitania de Minas Gerais.** Fundação João Pinheiro. BH. 1994.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette.**São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** as artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações:** 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DIAS, Maria.Odila Leite da Silva. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. In: **Revista Projeto História**, v.17, 1998.

DUQUE-ESTRADA. Elyzabeth M. **Devires autobiográficos:** a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU – PUC-Rio, 2009. p.160.

FAUSTO. Boris. **Crime e cotidiano:** a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo.** São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

FOUCAULT, Michel. A escrita de Si. In: **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade e política.** Org. Manoel Barros da Mota. Trad, Elisa Monteiro, Inês Autram Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As Palavras e as coisas:** uma arqueologia das Ciências Humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade e política**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad, Elisa Monteiro, Inês Autram Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. Gerir os ilegalismos. In: **Entrevistas**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GRAFTON, Antony. **As Origens Trágicas da Erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Valéria. “Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX” IN: **Revista Brasileira de História** (Impresso), v. 27, p. 323-349, 2007.

HARA, Tony. **Saber Noturno: uma antologia de vidas errantes**. Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2004.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. Labortexto, São Paulo, 2003.

LATOUR, Bruno. 1994. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1991.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro**. São Paulo: Annablume, 2004.

LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio: teia discursiva e relações de poder na imprensa, final do século XIX.** Campinas: UNICAMP\CMU, 2006.

LOWI, Michel. **Aviso de Incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história.**São Paulo:Boitempo, 2005.

MAGALHÃES, Felipe S. Varrendo a imprensa: a ascensão de Jânio Quadros e o periodismo paulistano (1947-1951). **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 271-290, dez. 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa .** Bauru: Edusc, 2007.

O'DNELL, Julia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PORTÃO, Ramão Gomes. **Criminologia da Comunicação.**São Paulo: Traço Editora, 1980.

_____. **Estórias da Boca do Lixo.**São Paulo: Expressão do Livro, s.d

RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite:**prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil. 1890 -1930).** São Paulo: Paz e terra, 2014.

RAMIREZ, Paulo Niccoli.A revolução vagabunda: Baudelaire, Walter Benjamin e o fim da História.In: **Revista Ponto e Vírgula.** PPGCS PUC_SP,2010,n.8.Disponívelem:<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n8/artigos/htm/pv8-15-pauloramirez.htm> Acesso: mai.2015

RECHTMAN,Enio. **Itaboca, rua de triste memória: imigrantes judeus no Bairro do Bom Retiro e o confinamento da Zona do meretrício (1940 a 1953).** Dissertação(Mestrado), Programa de Pós Graduação do Centro de Estudos Árabes e Judaicos do Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

RODRIGUES, Geisa. **As Múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo.** Niterói, RJ: Editora da UFF, 2013.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei:** legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

_____. **São Paulo.** 3º Ed - São Paulo: Publifolha, 2009.

ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no Diário da Noite:** São Paulo (1950-1960). São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

SCHMITT, Jean-Claude. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástase e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. In: **Revista USP,** São Paulo, nº63, 2004, p. 16-35.

_____. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na primeira República. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TEIXEIRA. Alessandra. **Construir a delinquência, articular a criminalidade:** um estudo sobre a gestão dos ilegalismos em São Paulo. Tese(Doutorado) Universidade de São Paulo, Programa de Pós- Graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012.

TELES. Angela. **Ozualdo Candeias na Boca do Lixo:** a estética da precariedade no cinema paulista. São Paulo, EDUC: FAPESP, 2012.

TOGNOLLI. Claudio Julio. **Sociedade dos Chavões:** presença e função do lugar- comum na comunicação. São Paulo: Escrituras Editora, 2001(Coleção ensaios transversais).